

GUATÓ

A LÍNGUA DOS ÍNDIOS CANOEIROS DO RIO PARAGUAI

COMISSÃO JULGADORA

---

---

---

---

---

GUATÓ

a língua dos índios canoeiros do rio paraguai

por

ADAIR PIMENTEL PALÁCIO

Tese apresentada ao Departament  
to de Lingüística do Instituto  
de Estudos da Linguagem da Univ  
ersidade Estadual de Campinas  
como requisito parcial para  
obtenção do grau de Doutor em  
Ciências

*Este exemplar é a redação final  
da tese defendida por  
ADAIR PIMENTEL PALÁCIO  
e aprovada pela Comissão*

Campinas  
1984

*Julgadora que 31/12/1984*

*Prof. Dr. Arnon Dall'Igna Rodrigues  
Presidente da Banca  
Julgadora.*

Núbia apresentou-me a Ir. Joana D'Arc, que me indicou Ir. Ada, que me levou a Josefina, que me ensinou a língua e através de quem conheci e amei: Celso, Francolina, Cipriano, João Quirino, Estelita, Joana, Pedro, Lucinda, Vicência, Josefa, Armando, Zulmira, Xolô, Ana Maria, David, Eufrásia, Manoel, Júlia, José, Veridiano, Félix e Sebastião.

Mataram Celso.

Estelita morreu de sarampo.

Joana, Xolô e Ana Maria morreram de velhice e de inanição. Lucinda, Vicência e Josefa foram levadas embora... Ninguém sabe pra onde.

Pedro foi para um asilo e João, que ficou cego, foi viver com Josefina em Corumbã.

(com minhas desculpas ao poeta inspirador deste roteiro)

Aos meus pais, Antonio Palácio Pinheiro (em memória) e Ivone Pimentel Palácio, por me ensinarem, sem rótulos, sobre direitos humanos e justiça social;

Aos Guatō, ačéuvfru, na pessoa da doce e altiva Josefina, pelo pouco que tiveram;

Aos cientistas, Max Schmidt (em memória), por seus estudos etnográficos sobre os Índios Guatō; e

Aryon Dall'Igna Rodrigues, por seus estudos lingüísticos sobre os Índios do Brasil.

## AGRADECIMENTOS

Um trabalho que se desloca no tempo e no espaço envolve, direta ou indiretamente, tantas pessoas... Difícil seria enumerar todas elas. Gostaria de agradecer nominalmente a cada uma. Não é possível. Deixo, portanto, o registro da minha gratidão aos anônimos que cruzaram meus caminhos nas estações de ônibus ou de trem, na beira do rio, nas fazendas e pousadas, e ao pessoal que servia no II Batalhão de Fronteira, entre 1977 e 1978.

Nas quatro cidades onde desenvolvi estes estudos, contei com apoio moral, intelectual e material, sem os quais não teria tido a infra-estrutura necessária à consecução deste trabalho.

### AGRADEÇO:

- no Recife, a minha família, através de Arisonne Palácio Ferreira e Maria Lúcia Palácio Bruno, pelo apoio logístico; e à Universidade Federal de Pernambuco pela oportunidade profissional, através das colegas que comigo fundaram o Núcleo de Estudos Indigenistas do Departamento de Letras, Professoras Amara Cristina Botelho, Gilda Maria Lins de Araújo, Maria Núbria da Câmara Borges e Profa. Dra. Judith Chambliss Hoffnágel;
- em São Paulo, a Violeta Martins Silva, pela campanha pró Guatô; e à Profa. Maria do Amparo

Barbosa de Azevedo, que se envolveu em todas as etapas desta tese e cujo lar e família perturbei constantemente;

- em Corumbã, ao casal Maria Lúcia e Eduardo Saboya, que me proporcionaram uma das subidas pelo rio; à Ir. Ada Gambarotto e aos Padres Mário Gosso e Oswaldo Scott, que me ajudaram no contato com os Guatô;
- em Campinas, à Profa. Daniele Marcelle Granier Rodrigues, que fez minha casa e com quem troquei idéias e amadureci conceitos; e ao Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, pelo ambiente propício a desenvolver idéias latentes e ampliar conhecimentos. Aos que foram meus professores, através do Dr. Frank Roberts Brandon, aos colegas que comigo viveram os primeiros momentos Guatô, na pessoa da Profa. Marymarcia Guedes, que me acompanhou em uma das viagens ao campo, e aos funcionários, que sempre me deram um atendimento especial, por intermédio de Esmeralda C. Macedo;
- ao Dr. Keneth L. Pike, pela esclarecedora discussão sobre línguas tonais, à Profa. Elizabeth Marcuschi, pela ajuda com textos em alemão, e aos Professores Dr. Ataliba de Castilho, Dra. Sandra Pinkerton e Dra. Lucy Seki, pela leitura crítica do trabalho. A esta última também pela ajuda com texto em russo. Ao Sr. Wilson de Azevedo, pela diagramação e datil

lografia impecáveis, cumprimento dos prazos e disponibilidade, e a Profa. Maria Isolete Pacheco Menezes Alves, pela revisão conscienciosa e sugestões precisas.

- Ao Prof. Dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues, pela orientação segura, lúcida, rígida e paciente.
- Ao Programa CAPES/PICD, pela concessão de duas bolsas, de agosto de 1976 a fevereiro de 1980, e nesta última fase, a partir de março de 1984.
- E, finalmente, a Ele, que permitiu a criação desta maravilha que é a linguagem humana, criou os Guatō, e a mim, para conhecê-los.

## GUATŌ

a lŕngua dos ŕndios canoeiros do rio paraguai

### Resumo

Este trabalho tem por objetivo especŕfico registrar a lŕngua Guatŕ, uma das aproximadamente 40 lŕnguas indŕgenas brasileiras ainda nŕo analisadas. Trata-se de uma lŕngua falada por cerca de 50 ŕndios canoeiros, habitantes das margens do Rio Paraguai, em Mato Grosso do Sul.

O registro ŕ feito atravŕs de uma descriçŕo estrutural sistemŕtica, de abordagem bastante concreta, resultado do estudo da fonologia e da gramŕtica (morfologia e sintaxe).

A anŕlise revela que o Guatŕ ŕ uma lŕngua tonal, altamente aglutinante, de padrŕo VSO e morfologicamente complexa, com marcadores morfolŕgicos indicando que opera tanto com o sistema ergativo/absolutivo quanto com o sistema nominativo/acusativo.

A descriçŕo apresenta detalhes para permitir observaçŕes sobre a estrutura da lŕngua, detalhes que poderŕo vir a contribuir com subsŕdios para os estudos tipolŕgicos. A contribuiçŕo para a tipologia lingüŕstica ŕ o objetivo geral deste trabalho.

Autor: Adair Pimentel Palŕcio

Orientador: Aryon Dall'Igna Rodrigues

## I N D I C E      G E R A L

Índice Analítico.....	2
Abreviações.....	5
Capítulo 0. Introdução.....	9
Capítulo 1. Fonologia.....	26
Capítulo 2. Gramática: Morfologia.....	44
Capítulo 3. Gramática: Sintaxe.....	92
Capítulo 4. Considerações Finais.....	119
Anexos.....	127
Referências Bibliográficas.....	151

## Í N D I C E      A N A L Í T I C O

Abreviações.....	5
Capítulo 0. Introdução.....	8
0.1. O povo.....	10
0.2. A língua.....	16
0.2.1. Os dados e a análise.....	17
0.2.2. Sinopse da gramática.....	21
0.2.2.1. Fonologia.....	21
0.2.2.2. Morfologia.....	22
0.2.2.3. Sintaxe.....	22
Notas.....	23
Capítulo 1. Fonologia.....	26
Quadro 1.1. Consoantes.....	26
Quadro 1.2. Vogais orais.....	27
Quadro 1.3. Vogais nasais.....	27
1.1. Oposições fonêmicas.....	27
1.1.1. Consoantes.....	27
1.1.2. Vogais.....	31
1.1.3. Tom.....	33
1.2. Síllaba.....	34
1.3. Fonética segmental.....	37
1.3.1. Regras fonológicas.....	39
1.3.2. Regras morfofonológicas.....	40
Notas.....	41

	3
Capítulo 2. Gramática: Morfologia.....	44
2.1. Substantivos.....	46
2.1.1. Temas substantivos.....	46
2.1.2. Flexões substantivas.....	48
Tabela 2.1.....	50
2.2. Pronomes.....	55
2.2.1. Flexão pronominal.....	55
Tabela 2.2.....	55
2.3. Verbos.....	56
2.3.1. Temas verbais.....	57
2.3.2. Flexões verbais.....	60
2.3.2.1. Flexão modal.....	60
Tabela 2.3.....	60
2.3.2.2. Flexão aspectual....	61
Tabela 2.4.....	62
2.3.2.3. Flexão pessoal.....	63
Tabela 2.5.....	64
Quadro 2.1.....	65
Tabela 2.6.....	69
Tabela 2.7.....	71
2.4. Partículas.....	74
2.4.1. Partículas interrogativas....	75
2.4.2. Partículas demonstrativas....	80
2.4.3. Partículas temporais.....	80
2.4.4. Partículas numerais.....	82
Tabela 2.8.....	83
2.4.5. Partículas prepositivas.....	85
2.4.6. Partículas conjuntivas.....	86
2.4.7. Outras partículas.....	87
Notas.....	90

	4
Capítulo 3. Gramática: Sintaxe.....	92
3.1. Sintagmas.....	92
3.1.1. Sintagmas nominais.....	92
3.1.2. Sintagmas verbais.....	95
3.1.3. Sintagmas circunstanciais....	96
3.2. Orações.....	98
3.2.1. Orações sem verbo.....	98
3.2.2. Orações com verbo.....	100
3.2.3. Complementos circunstanciais.	109
3.2.4. Espécies de orações.....	110
3.2.4.1. Orações declarativas	110
3.2.4.2. Orações interrogativas	111
3.2.4.3. Orações imperativas.	113
3.3. Períodos.....	114
3.3.1. Períodos com orações justapostas	114
3.3.2. Períodos com orações ligadas por partícula conjuntiva.....	116
Capítulo 4. Considerações Finais.....	120
Quadro 4.1.....	121
Anexo 1 - Textos.....	127
Anexo 2 - Vocabulário.....	131
Anexo 3 - Números.....	147
Anexo 4 - Mapa da Área Habitada pelos Guató.....	150
Referências Bibliográficas.....	151

## ABREVIACÕES

af	afirmativo
ate	atenuativo
aum	aumentativo
aux	(verbo) auxiliar
caus	causativo
col	coletivo humano
comp	composição
compl	completivo
compr	comparativo
conj	conjunção
cur	cursivo
dd	(verbo) descritivo dimensional
des	desiderativo
descr	(verbo) descritivo
det	determinativo, determinante
dif	difuso
dim	diminutivo
dn	(verbo) descritivo não dimensional
dub	dubitativo
enf	enfático
excl	excludente
fut	futuro
gen	generalizador
hab	habitual
imp	imperativo
impf	imperfectivo
imp neg	imperativo negativo

inc	inceptivo
ind	indicativo
incpl	incompletivo
inst	instrumental
intf	intensificador
intg	interrogativo
intr	(verbo) intransitivo, intransitivador
ints	intensivo
ite	iterativo
neg	negativo
nom	nominalizador
obr	obrigatório
ord	ordinal
per	permansivo
pl	plural
pos	posse reflexiva
prep	preposição
prob	proibitivo
prog	progressivo
punc	punctual
rec	recíproco
refl	reflexivo
res	restritivo
s	substantivo
so	sonoro
su	surdo
vi	(verbo) intransitivo
vt	(verbo) transitivo
1	primeira pessoa do singular
2	segunda pessoa

3 terceira pessoa do singular  
1d primeira pessoa dual  
1p primeira pessoa plural  
3p terceira pessoa plural

## 0. INTRODUÇÃO

A inspiração deste trabalho nasceu em 1967 com a leitura do artigo "Tarefas da Lingüística no Brasil" (Rodrigues, 1966). A viabilidade em realizá-lo, sô muitos anos de pois.

Documentar uma língua indígena brasileira não é idéia nova para mim. Ela foi quase simultânea com o interesse pe la Lingüística Teórica e Aplicada, decorrente do meu envolvimento com o ensino de inglês e de português para estrangeiros. Mas entre a idéia e a prática interpuseram-se muitos fatores de ordem pessoal e profissional. Finalmente a oportunidade surgiu no ambiente propício encontrado no programa de Pós-Graduação do Instituto de Estudos da Linguagem na Universidade Estadual de Campinas. Sô então a inspiração pôde tornar-se realidade.

O trabalho de campo para documentar uma língua não me era desconhecido. Eu sabia ser uma tarefa árdua mesmo quando o levantamento dos dados se faz nas melhores condições.

A enfrentar a tarefa achei que valia a pena dispender energias em uma língua sem estudos prévios.

Comecei a procurar as condições para estudar uma língua que não tivesse sido analisada, quando uma colega de Departamento apresentou-me a sua irmã, missionária Salesiana em Mato Grosso. Esta freira indicou-me o nome de Irmã Ada Gambarotto, naquela ocasião servindo em um colégio em Corumbá, onde entrara em contato com vários grupos indígenas. Consultei sobre os nomes dos grupos tribais relacionados por esta freira. Vários deles foram descartados por mo

tivos diversos. O Guatō, porque vinha sendo apontado como grupo extinto.<sup>1</sup>

O fato do nome Guatō estar entre os índios contatados por Ir. Ada intrigou-me. Telefonei à missionária em Corumbã que confirmou haver ali uma meia dúzia de índios Guatō que falavam a língua. Não hesitei. Consultei o que pude sobre esses índios e parti para Corumbã em setembro de 1977.

Na mesma tarde da minha chegada àquela cidade, Ir. Ada apresentou-me a Josefina que me ensinou a palavra *mabo pé*, *fumo* e *juriti*, "que sō são diferentes no jeito de dizer".

Este trabalho tem por objetivo descrever os aspectos mais relevantes da língua Guatō.

Como não posso desvincular a língua do povo que a fala, dividi esta Introdução em duas partes. Em 0.1. faço uma breve retrospectiva da história do povo Guatō e testemnho sua atual situação. Em 0.2. trato da língua, situando-a na bibliografia existente e fazendo observações sobre seu estado atual. Descrevo o levantamento dos dados e justifico os procedimentos analíticos em 0.2.1. e faço o resumo esquemático da gramática em 0.2.2. A descrição propriamente dita encontra-se nos Capítulos 1, 2 e 3, onde descrevo a fonologia e as manifestações fonéticas, a morfologia e os aspectos sintáticos que pude observar. No Capítulo 4, faço observações gerais sobre a descrição e a língua. Os Anexos contêm uma amostragem de texto Guatō, um pequeno vocabulário da língua, os números e o esboço da área habitada por esses índios.

Na análise adotei uma abordagem distribucional, tão concreta quanto possível. Tive o cuidado de ater-me a uma metodologia coerente e sistemática com os princípios estructuralistas. Por minha vivência profissional foi muitas ve-

zes difícil, diante dos dados, assumir uma postura isenta da influência de uma formação eclética. Tentei não deixar que o longo convívio com conceitos concebidos por várias correntes lingüísticas influenciasse nas decisões que tomei quando da interpretação deste ou daquele aspecto da língua.

Embora os fatos lingüísticos sejam extremamente motivantes para serem trabalhados, a descrição de uma língua é matéria árida por sua própria natureza. Por isso mesmo tentei tornar esta exposição tão clara quanto possível. Adotei uma nomenclatura já consagrada e evitei definições desnecessárias. Tive a preocupação de não tornar esta matéria esotérica e de não me afastar do objetivo principal do trabalho.

Não há aqui pretensões em inovar. Meu propósito é apenas documentar. O enfoque e a forma de apresentação, que estão em constante mutação em todas as ciências, não resistem ao tempo. Mas os fatos lingüísticos observados e registrados permanecerão a despeito da evolução teórica. Tenho a pretensão de ter registrado um material perene para servir à Lingüística e às áreas afins e sobretudo, para servir ao povo Guatō, cuja existência se evidencia com o registro de sua língua.

#### 0.1. O povo

Os Índios Guatō aparecem pela primeira vez na literatura nos Comentários de Cabeza de Vaca (1555). Desde então foram mencionados com certa freqüência até 1938 (Rondon, 1938). A partir desta data passaram a ser considerados tri

bo extinta.

O que foi registrado sobre esses índios pode ser resumido com base nos relatos de Castelnau (1851) e Florence (1875)<sup>2</sup>, no século passado; e nos trabalhos de Schmidt, que os estudou etnograficamente de 1900 a 1928 (Schmidt, 1905, 1912, 1914, 1922, 1929, 1942b, 1974), neste século.

Identificados como índios canoeiros, eles foram localizados nas margens do Rio Paraguai, Estado de Mato Grosso<sup>3</sup>, na fronteira do Brasil com a Bolívia. O domínio dos Guatō extendia-se desde o norte da cidade de Corumbã, nas proximidades da Lagoa Mandiorê e do Porto do Amolar, e subindo o Paraguai, até acima da cidade de Cáceres. Habitavam ainda o afluente do Paraguai, Rio São Lourenço<sup>4</sup>, hoje Rio Cuiabã; o afluente do São Lourenço, Rio Caracarã; e Lagoas Gaíba e Uberaba. (v. Anexo 4).

Os Guatō agrupavam-se em famílias biológicas sem aldeamento fixo. Faziam casas precárias para durar até o período de cheia, quando as abandonavam e mudavam-se para as partes mais elevadas das margens ou permaneciam em suas canoas. Eram nômades, embora nunca tenham deixado aquela região desde que foram documentados. Exímios canoeiros, viviam da pesca e da caça e mantinham pequenos roçados nos "aterrados" (aterros artificiais construídos acima do nível das cheias) de que trata Schmidt (1922, 1974). A nação subdividia-se em três grupos, cada um com um chefe de linhagem patrilinear. Os homens reuniam-se ocasionalmente em lugar secreto. O hábito de passarem mais tempo em suas canoas do que em terra firme teria contribuído para uma pequena deformidade física, pernas arcadas, observada por Schmidt (1905).

Nos registros de Castelnau e de Florence os Guatō já usavam alguma vestimenta, ornamento discreto nas orelhas e nos lábios e armas constituídas por arco, flecha e zagaia (espécie de lança).

Os homens usavam barba e são descritos como fortes, corajosos e muito ciumentos. Polígamos, chegavam a ter até doze mulheres. As mulheres são mencionadas como bonitas e muito tímidas. Os adjetivos empregados para descrevê-los têm sempre uma conotação positiva.

Aparentemente os Guatō nunca foram uma tribo muito numerosa.

Metraux (1942,1946) faz um sumário dos dados etnográficos encontrados na literatura sobre os Guatō.

A situação atual desses índios é de extrema pobreza. As famílias remanescentes encontram-se dispersas pelas margens mencionadas, ora vivendo dos favores de algum fazendeiro que lhes permite permanecerem em suas terras, ora vivendo escondidas até serem descobertas e enxotadas para outro local. Ou então, vivem nas cidades circunvizinhas de algum trabalho marginalizado. Todas as terras naquela área têm dono.

A caça está proibida. O jacaré e a onça pintada foram espécies tão exploradas comercialmente que chegaram quase à completa extinção, advindo daí a proibição da matança desses e de outros animais. Sem reconhecimento, os Guatō ficaram sem uma das atividades fundamentais de sua cultura, pois o jacaré era parte de sua dieta e a caça da onça, o teste de suficiência para um menino passar da puberdade à maturidade e poder casar (Castelnau,1949,2:330).

Por serem excelentes caçadores, esses índios foram

usados e explorados no auge da comercialização dos couros do jacaré e da onça. Por serem hábeis canoieiros, foram utilizados como guias pelo intrincado pantanal naquela parte do rio.

O que resta hoje desta nação são 220 pessoas, segundo levantamento da FUNAI em 1978<sup>5</sup>.

Nosso trabalho de contato com os Guatô começou em fins de setembro de 1977.

Em Corumbã, conheci Josefina, uma mulher de 55 anos, filha de mulher Guatô, mas seu pai não era índio.

Ali, ainda, além da família de Josefina, conheci também Francolina e Cipriano. Francolina, de aproximadamente 62 anos, é irmã de Josefina, filha do primeiro casamento de sua mãe com um homem que também não era índio. Cipriano, sobrinho delas, é um rapaz de uns 25 anos, que se mudou para aquela cidade após a morte de seus pais, ambos índios Guatô. Conheci ainda três moças e um homem já idoso.

Quando subi o rio em 1977, visitei a família de Zulmira, mulher Guatô de aproximadamente 45 anos, viúva de um índio Cabaçal, que morava em Porto Índio (v. Anexo 4, local 4)<sup>6</sup>.

Em julho de 1978, subi novamente o rio e conheci várias outras famílias.

Na Lagoa Gaíba (local 3) moravam Xolô com sua segunda esposa, Ana Maria, e a família. Xolô não era índio, mas tinha vivido entre os Guatô e casara com duas mulheres Guatô de quem teve filhos. Era um homem carismático que todos diziam ter mais de 100 anos. Ele sabia a história dos Guatô daquela área e conhecia todos eles. Ana Maria era uma mulher de mais de 70 anos.

Visitei Zulmira pela segunda vez em Porto Índio (local 4).

No Porto Roncador, (local 6), viviam João Quirino com sua mulher Joana, Estelita, filha do primeiro casamento de João, o marido desta, Pedro, e três filhas deste casal: Vicência, Lucinda e Josefa, todos índios Guatō que falavam a língua em sua rotina diária. João Quirino, que acredito ser o mais velho Guatō vivo, devia ter então uns 80 anos e Joana, uns 75 anos. Estelita, uma mulher de aspecto muito saudável, era o centro da família. Ela estava na época com 45 anos e seu marido com mais ou menos 60. As meninas tinham 15, 12 e 9 anos.

Descendo o rio (local 5) encontrei Armando, que vivia ali com a mulher, filho e sogros, todos índios Guatō que sō falavam a língua entre si. Armando, o filho mais velho de Estelita e Pedro, devia estar então com uns 23 anos e sua mulher, com uns 18. O filho do casal não tinha ainda um ano de idade e os sogros estavam ambos perto dos 60 anos. Eu tinha conhecido em Corumbã uma das filhas deste último casal, portanto cunhada de Armando. Ela tinha sido seduzida aos 17 anos e levada da beira do rio por um homem muito mais velho do que ela, de aproximadamente 50 anos, de quem estava grávida. Nesta ocasião eu soube que eles estavam vivendo ali perto, do outro lado do rio.

Visitei ainda uma família no Rio Caracarã e duas outras nas margens do Paraguai (acima do local 2), mas não tenho registro dos locais e nomes desse pessoal. Lembro-me que em uma delas o marido era Guatō, casado com uma cuiabana e tinham dois filhos. Em outra, o chefe da família chamava-se Sebastião Pedroso e tinha muitos filhos.<sup>7</sup>

Mais abaixo no rio (local 2) viviam David com sua mulher Eufrásia e o filho Manoel. David, filho de Francolina, estava então com uns 35 anos, e Eufrásia, irmã de Cipriano, estava com uns 30 anos. O filho do casal tinha 15 anos. Essa família falava a língua no dia a dia.

Nas margens do Rio São Lourenço (local 1) morava Júlia Caetano, uma mulher de uns 60 anos, Guatô e viúva de Guatô. Vivía com seu filho mais novo, Félix, de 20 anos, e dois irmãos, José, que tinha uns 58 anos, e Veridiano, uns 55 anos. Eles estavam acabando de voltar àquele local depois da última cheia e estavam construindo uma casa. Essa família só falava Guatô entre si.

Veridiano, cujo nome na língua é *Yojotóga*, foi a pessoa que, junto com Celso, filho de Josefina, levei a Brasília em agosto de 1978 com o objetivo de apresentá-los na FUNAI ao então Presidente Gal. Ismarth de Araújo Oliveira.

Hã outras famílias que não conheci. Soube que mais para cima do São Lourenço (local 1) viviam mais famílias falantes de Guatô, porém não tive condições de ir além daquele ponto do rio.

Depois dessa viagem continuei a saber notícias do pessoal através de Celso, que pescava naquela área. Celso foi incansável em ajudar-me. Sempre contei com ele no meu trabalho. Subiu o rio comigo nas duas vezes e acompanhou todas as equipes que se destinaram a fazer algo pelos Guatô. Ele era um entusiasta da idéia dos Guatô voltarem um dia a ter um pedaço de terra naquelas paragens. Foi através dele que pude enviar àquelas famílias alguma ajuda material esporádica. Foi também por ele que eu soube, poucos meses de

pois desta última viagem, que Estelita tinha morrido de sarampo. Esses contatos cessaram em fevereiro de 1982, quando Celso foi assassinado no Amolar.

Quando cheguei a Corumbã em janeiro de 1984, soube que Xolô e Ana Maria (local 3) também haviam morrido. Que Armando (local 5) havia se separado da mulher e agora pescava pelo rio. Não havia notícias do resto da família dele. No Roncador (local 6), depois da morte de Estelita, Joana morreu e Pedro adoeceu e foi levado para Corumbã, onde se encontra em um asilo de velhos há mais de um ano. As três meninas foram levadas por uma família de caboclos que morava no Roncador, provavelmente para Cáceres. João Quirino ficou cego e, não podendo mais pescar, foi conduzido para Corumbã, onde encontrei-o na companhia de Josefina. Esta cuida hoje de três órfãos: de Celso, além de João Quirino.

Das nove famílias que visitei em 1978, quatro das quais faziam uso ativo da língua, umas estão desestruturadas e das outras não tive notícias.

## 0.2. A língua

A língua Guatô foi documentada pela primeira vez por Castelnau na metade do século XIX. Trata-se de uma lista de 164 palavras (Castelnau, 1851), que foi reproduzida por Martius (1867), parcialmente copiada por Moutinho (1869)<sup>8</sup> e republicada por Schmidt em 1905 (Schmidt, 1942a) que a comparou com seu próprio levantamento de 507 palavras e 39 orações. Em seu livro, Schmidt dedica um capítulo à língua, onde faz observações sobre a fonologia e a estrutura da palavra (Schmidt, 1942a:202-247).

Além dessas listas encontram-se ainda na literatura 85 palavras registradas por Rondon (1938) e uma segunda lista de 106 palavras e quatro pequenas narrativas documentadas por Schmidt (1942b).

Wilson (1959) registrou 201 palavras em transcrição fonética, mas essa lista não foi publicada.

O que há na literatura, portanto, são listas de palavras e algumas observações feitas por Schmidt.

Rodrigues (1970) classificou a língua Guatô geneticamente no tronco Macro-Jê, sem nenhuma relação lingüística mais imediata com qualquer outra língua ou família lingüística conhecida.

Acreditamos que dos remanescentes, são cerca de 50 pessoas sabem a língua e dessas, são 20 ou 30 fazem dela uso ativo. Todos os Guatô que conheci ou são bilingües em Guatô e português, ou são monolingües em português.

O grupo de pessoas que faz uso do Guatô está reduzido a umas 10 ou 15 famílias que vivem longe umas das outras e raramente têm oportunidade de se encontrar. Quando surge essa chance, o pequeno grupo parece reanimar-se, conversando com bastante entusiasmo sobre as coisas do passado ou sobre as notícias do presente.

A língua Guatô pode ser considerada uma língua obsoleta. As condições a que estão submetidos seus falantes favorecem esta situação. Mas é ainda um fator de identidade étnica do grupo e elo de ligação entre eles.

#### 0.2.1. Os dados e a análise

O trabalho de campo para o levantamento dos dados ba-

seou-se nos precedimentos recomendados por Samarin (1967) e Gudschinsky (1967). Foi feito em quatro viagens a Corumbá, Mato Grosso do Sul, nos anos de 1977, 1978, 1979 e 1984. Em duas dessas viagens subimos o rio, em 1977 e 1978. Coletamos dados também durante a permanência de Josefina em Campinas, um período de aproximadamente três meses em 1979, quando ela veio fazer exames médicos e trabalhar conosco. O total desse contato direto com falantes de Guatô foi de oito meses. Entretanto, não tivemos a oportunidade de convívio diário com um grupo de falantes da língua, pois no momento não há concentração desses índios em nenhuma parte. Também a permanência com uma família não foi possível. Há carência de tudo nas margens do rio, inclusive de transportes; e a insegurança dos locais onde vivem, dependentes da benevolência de um ou outro fazendeiro, faria com que nossa presença aumentasse os problemas diários que já enfrentam.

Nosso trabalho ateve-se, portanto, ao contato individual com falantes da língua para elicitação de dados.

A escolha dos informantes foi muito mais uma imposição das atuais circunstâncias do que uma opção. Trabalhamos com os informantes com os quais foi possível trabalhar. Apesar disso, tivemos a sorte de poder dispor de Josefina, nossa principal informante, que, embora não seja uma falante ativa da língua, fala muito bem, é uma mulher inteligente, tem muita sensibilidade lingüística e é a matriarca deste momento histórico dos Guatô. Aprendi muito com o seu convívio, sobre a língua e sobre o povo. Aprendi a admirá-la e respeitá-la. Ela me ajudou no contato com as outras pessoas de sua nação.

Além de Josefina, tive mais quatro informantes: Francolina, Estelita, João Quirino e Cipriano.

Francolina, apesar de não ter oportunidade de fazer uso diário da língua, é muito fluente. Ela viveu a maior parte de sua juventude em concentração Guatō e foi casada com um Guatō de quem teve filhos. A língua Guatō é para ela a língua materna e o português foi aprendido como segunda língua. Muito falante e exuberante, ela não é informante ideal para um levantamento sistemático inicial, embora possa contribuir muito em uma fase mais adiantada do estudo da língua.

Os outros três informantes são falantes ativos. Estelita tinha voz clara e boa articulação, era muito versátil e conhecia os hábitos Guatō. Ela nos oferecia a melhor opção de informante, mas vivia rio acima e só pudemos visitāla uma vez. Foi ela que nos forneceu dois textos míticos em Guatō. João Quirino tem a articulação prejudicada pela idade e Cipriano é muito tímido. Assim mesmo, ambos forneceram muito material. Outras pessoas contribuíram em menor grau para o acervo de que dispomos: Zulmira, Joana, Josefa, Lucinda, Júlia, José e Veridiano. Mas esses foram informantes esporádicos, que por sua timidez e por falta de oportunidade forneceram poucos dados.

Para a coleta dos dados seguimos, a princípio, o Questionário do Setor Lingüístico do Museu Nacional (1965:32-36). Este Questionário foi sendo ampliado para focalizar aspectos gramaticais que a língua pudesse ter a partir de hipóteses que iam sendo levantadas no decorrer do trabalho. Muitos enunciados para elicitare dados foram criados por nosso orientador. Utilizamos também as recomendações encontradas em Pike (1948), para criar enunciados referentes a

elicitação de tons, e em Nida (1949), para enunciados referentes a diversos tipos de morfemas. Seguimos ainda Greenberg (1966), buscando confirmação para universais lingüísticos, Lehmann (1978), procurando evidências tipológicas, e Comrie (1978, 1981), tanto na busca de amostragens para a tipologia lingüística, como evidências de ergatividade sintática.

Seguindo questionário previamente trabalhado, submetemos nossos informantes à audição de uma sentença em português que solicitamos fosse traduzida para o Guatô. A resposta era simultaneamente gravada e transcrita de oitiva. Em muitas ocasiões criamos situações para nossas questões.

Em todos os momentos em que o informante sentiu-se disposto a conversar sobre outros assuntos que não fossem de interesse lingüístico, nós procuramos incentivá-lo. Acreditamos que isso contribuiu para um excelente relacionamento entre pesquisador e informante. Nosso trabalho foi um prazer em quase todos os momentos desses contatos. Além disso, pudemos perceber alguma coisa das atitudes, quer elas se reflitam no uso lingüístico ou não.

Além dos enunciados preparados, um total de 3.000, para o controle da parte gramatical, documentamos dois textos míticos, vários diálogos, conversas informais e algumas narrativas de fatos corriqueiros. Entre as narrativas selecionamos texto para fins de ilustração (v. Anexo 1).

Das revisões feitas do material gravado, com o que foi transcrito de oitiva, foi montado um dicionário Guatô-Português, e outro Português-Guatô, de onde isolamos cerca de 1.000 morfemas lexicais.

Para a análise dos dados seguimos os critérios metodo

lógicos encontrados na literatura e recomendados na análise de línguas ágrafas, sem estudo prévio. Tratam-se de procedimentos analíticos testados com muitas línguas, que têm provado serem eficazes como primeira aproximação no estudo das línguas. Adotamos uma abordagem estruturalista-distribucional bastante concreta.

A metodologia adotada nesta análise é amadurecida pela experiência de muitos anos de trabalho de campo, enriquecida por um número bastante elevado de línguas analisadas e reanalisadas por pesquisadores de formação científica comprovada. Além disso, são procedimentos analíticos realistas e flexíveis, com rigor científico e adequação a qualquer estrutura lingüística.

#### 0.2.2. Sinopse da gramática

De acordo com a análise e descrição podemos resumir a gramática da língua Guatō nas seguintes linhas gerais:

##### 0.2.2.1. Fonologia

a) Os fonemas segmentais são os seguintes: consoantes p, t, č, k, k<sup>w</sup>, b, d, j, g, g<sup>w</sup>, f, v, h, r, y, m, n; e vogais i, i, u, ɿ, ʔ, ũ, e, o, ẽ, ɛ, a, ɔ, ã.

b) Há dois tons a nível lexical: alto (') e baixo (sem representação gráfica).

c) Há sílabas CV e V.

d) Os processos fonéticos encontrados são os de assimilação, elisão, epêntese e assilabação.

e) Os processos fonológicos com condicionamento morfo

lógico são os de elisão e epêntese.

#### 0.2.2.2. Morfologia

a) Os morfemas estão classificados em três grupos: raízes, afixos e partículas. As raízes e os afixos são formas presas, e as partículas são formas livres ou dependentes.

b) O tema pode ser formado por uma ou duas raízes (temas compostos), sem ou com afixos derivacionais (temas derivados). Os afixos derivacionais podem ser prefixos ou sufixos.

c) O Guatō pode ser tipologicamente classificado como uma língua predominantemente aglutinante com respeito à formação de palavras. Está entre as línguas com ergatividade split, quanto à relação que se estabelece entre sujeito e objeto na morfologia verbal. Neste particular, apresenta um sistema tripartido. Tanto são empregados os sistemas ergativo/absolutivo e nominativo/acusativo, como há ainda uma neutralização desses sistemas. O sistema ergativo/absolutivo está presente também nas palavras interrogativas.

d) O sistema numeral é um sistema de base quinária e decimal, com valores representativos muito altos.

#### 0.2.2.3. Sintaxe

a) O Guatō é uma língua basicamente VSO. A topicalização do sujeito é obtida pelo preposicionamento deste ao verbo. O objeto muito raramente precede o sujeito, mas quando o faz recebe um margador especial.

b) Os quantificadores e demonstrativos precedem as lo

cuções ou sintagmas que modificam. As locuções genitivas são construídas com o possuidor seguindo a coisa possuída sem qualquer preposição.

c) As questões nucleares são formadas pelo uso de uma curva entonacional ascendente com as orações declarativas. As questões não nucleares são iniciadas por uma palavra interrogativa.

d) A negativa manifesta-se através de flexão.

e) A coordenação das orações dá-se por justaposição. A subordinação é marcada por partícula subordinativa que precede a oração subordinada. A oração relativa é encabeçada por pronome relativo e segue a locução que relativiza.

#### NOTAS:

1 Pelo levantamento bibliográfico que fiz, concluí que, por um período de exatamente 40 anos, não houve nenhum registro na literatura sobre os Guatō. O último contato documentado foi o de Rondon, em 1936 (Rondon, 1938). Em 1976 Ir. Ada Gambarotto encontrou a Índia Guatō Josefina, em Corumbã, através do trançado que esta fazia para uma agência do governo local. Ir. Ada apresentou Josefina na Pastoral Indigenista Salesiana realizada naquele ano em Aquidauana, Mato Grosso do Sul, onde estava presente o Presidente da FUNAI.

2 Hercules Florence foi o segundo desenhista da expedição organizada pelo Barão de Langsdorff pelo interior do Brasil. Nessa viagem, de 1825 a 1829, o contato com os índios Guatō foi de seis dias. As impressões sobre esse

contato saíram publicadas a partir de 1875 (Florence, 1875), após a publicação de Castelnau (1851), cujo contato foi posterior. Da expedição de Langsdorff o registro de Florence é a única evidência do encontro com os Guatô.

- 3 Depois da divisão do Estado de Mato Grosso, a região habitada pelos Guatô ficou nos dois estados, mas a maior área está localizada em Mato Grosso do Sul.
- 4 Embora o trecho do rio ao qual nos reportamos tenha hoje o nome de Rio Cuiabá, referir-nos-emos a esse trecho como São Lourenço para identificá-lo com o mesmo rio mencionado na literatura. Também os Índios e os caboclos locais chamam-no assim.
- 5 Em 1978 a FUNAI enviou a Corumbá o antropólogo Noraldino Vieira Crunivel, funcionário daquele órgão, para fazer um levantamento prévio da situação dos remanescentes Guatô. O resultado desse levantamento consta de um relatório que o antropólogo fez para a FUNAI. Os dados que aqui apresentamos foram fornecidos pelo próprio Noraldino, em abril de 1978, quando o encontramos durante a XI Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, realizada em Recife.
- 6 Os números do Anexo 4 indicam os locais onde encontrei famílias Guatô. Visitei três outras famílias, das quais não tenho referências. Na exposição uso apenas os números dos locais.

- 7 Além das cadernetas de campo com dados lingüísticos, eu estava escrevendo também um diário de campo com as mais variadas anotações sobre pessoas, locais, distâncias e documentos que consultei. Mas perdi esse diário em Brasília, quando levei dois índios Guatō àquela cidade, pouco depois desta viagem.
  
- 8 A lista de palavras Guatō encontrada em Moutinho (1869) é cópia de parte da lista de Castelnau, embora não haja menção da fonte.

## 1. FONOLOGIA

Os dados registrados em transcrição fonética serviram de base à análise para depreensão dos fonemas.

Feita a verificação das ocorrências de cada segmento por sua distribuição, usando a técnica de comutação de segmentos contrastantes<sup>1</sup> para estabelecer ambientes opostos e análogos, encontramos 30 fonemas segmentais, dos quais 17 são consoantes e 13 são vogais; e dois fonemas prosódicos, os tons alto e baixo.

São os seguintes os fonemas segmentais:

QUADRO 1.1. - Consoantes

		labiais	dentais	palatais	velares	labio- velares	glotal
Oclusivas	su	p	t	ç	k	kʷ	
	so	b	d	ʝ	g	gʷ	
Contínuas	su	f					h
	so	v	r	y			
Nasais		m	n				

(A contínua dental é um flap, ao passo que a palatal é um vocóide assilábico; as contínuas labiais são fricativas labiodentais).

QUADRO 1.2. - Vogais orais

	Anteriores	Centrais	Posteriores
[+alta -baixa]	i	ɨ	u
[-alta -baixa]	e		o
[-alta +baixa]	ɛ	a	ɔ

QUADRO 1.3. - Vogais nasais

	Anteriores	Centrais	Posterior
[+alta]	ɪ̃	ɨ̃	ũ
[-alta]	ɛ̃	ã	

(São as vogais posteriores são arredondadas. As vogais orais se opõem em altura por dois traços distintivos: [alto] e [baixo]; enquanto as nasais opõem-se apenas pelo traço [alto]).

### 1.1. Oposições fonêmicas

Os segmentos estão agrupados por seus traços articulatórios relevantes.

#### 1.1.1. Consoantes

Os segmentos consonantais opõem-se pelos seguintes

traços distintivos:

a) sonoridade

oclusivas labiais, surda /p/ e sonora /b/:

(1.1) /mapó/ [màpó] *braço*

(1.2) /mabó/ [màbó] *fumo*

oclusivas dentais, surda /t/ e sonora /d/:

(1.3) /mata/ [màtà] *fogo*

(1.4) /madá/ [màdá] *árvore*

oclusivas palatais, surda /č/ e sonora /j/:

(1.5) /mačévái/ [màčévây] *face*<sup>2</sup>

(1.6) /májévái/ [májèvây] *enxada*

oclusivas velares, surda /k/ e sonora /g/:

(1.7) /mákř/ [màkř] *remo*

(1.8) /mágř/ [màgř] *água*<sup>3</sup>

oclusivas lábio-velares, surda /kʷ/ e sonora /gʷ/:

(1.9) /mókʷé/ [mókʷé] *bugio*

(1.10) /magʷě/ [màgʷě] *soprão*

contínuas labiais, surda /f/ e sonora /v/:

(1.11) /mafε/ [màfè] *pele*

(1.12) /mave/ [màvè] *chuva*

b) ponto de articulação

oclusivas surdas, labial /p/ e lábio-velar /kʷ/:

(1.13) /mapó/ [màpó] *braço*

(1.14) /nákʷó/ [nákʷó] *branco*

oclusivas sonoras, labial /b/ e lábio-velar /gʷ/:

(1.15) /břčá/ [břčá] *maridos delas*

(1.16) /gʷřčá/ [gʷřčá] *teu marido*

oclusivas surdas, dental /t/ e palatal /č/:

(1.17) /tógani/ [tógǎnì] *de pé*

(1.18) /čógani/ [čógǎnì] *amanhã*

oclusivas sonoras, dental /d/ e palatal /j/:

(1.19) /idé/ [ìdè] *tronco*

(1.20) /ijé/ [ìjè] *fruto*

oclusivas surdas, velar /k/ e lábio-velar /kʷ/:

(1.21) /ákáru/ [ákárù] *minha neta*

(1.22) /ákʷáru/ [ákʷárù] *meu dente*

oclusivas sonoras, velar /g/ e lábio-velar /gʷ/:

(1.23) /čógani/ [čógànì] *amanhã*

(1.24) /čógʷani/ [čógʷànì] *deitado*

oclusivas surdas, palatal /č/ e velar /k/:

(1.25) /mačé/ [màčè] *flecha*

(1.26) /máké/ [mákè] *ontem*

oclusivas sonoras, palatal /j/ e velar /g/:

(1.27) /majú/ [màjù] *zagaia*

(1.28) /nagu/ [nàgù] *tem*

oclusivas surdas, palatal /č/ e lábio-velar /kʷ/:

(1.29) /ičá/ [ìčá] *intestinos dele*

(1.30) /ikʷá/ [ìkʷá] *dente dele*

oclusivas sonoras, palatal /j/ e lábio-velar /gʷ/:

(1.31) /gojéru/ [gòjérù] *milho*

(1.32) /agʷéru/ [àgʷérù] *meu gole*

contínuas surdas, labial /f/ e glotal /h/:

(1.33) /gafó/ [gàfó] *terra*

(1.34) /gáho/ [gáhò] *tocar*

contínuas, labial sonora /v/ e dental /r/:

(1.35) /mave/ [màvè] *chuva*

(1.36) /mare/ [màrè] *olhos*

contínuas, dental /r/ e palatal /y/:

(1.37) /káičára/ [kâyčárà] *bem seco*

(1.38) /gʷačaya/ [gʷàčàyà] *rachando*

## c) modo de articulação

labiais sonoras, oclusiva /b/ e contínua /v/:

(1.39) /bɪdɪ/ [bɪdɪ] *nome de um pássaro* <sup>4</sup>(1.40) /vɪdɪ/ [vɪdɪ] *será?*

labiais sonoras, oclusiva /b/ e nasal /m/:

(1.41) /bápa/ [bápà] *papai* (vocativo)(1.42) /mápo/ [mápò] *porco*

labiais sonoras, contínua /v/ e nasal /m/:

(1.43) /hɛgʷóvǎ/ [hègʷóvǎ] *onde você vai?*(1.44) /goma/ [gòmǎ] *mandioca*

dentais sonoras, oclusiva /d/ e nasal /n/:

(1.45) /godé/ [gòdɛ] *homem*(1.46) /gíne/ [gínɛ] *aquí*

dentais sonoras, oclusiva /d/ e contínua /r/:

(1.47) /madá/ [màdǎ] *árvore, pau*(1.48) /mará/ [mǎrǎ] *mão, dedo*

dentais, nasal /n/ e contínua /r/:

(1.49) /gíne/ [gínɛ] *aquí*(1.50) /gíre/ [gírɛ] *nossos olhos*

palatais sonoras, oclusiva /j/ e contínua /y/:

(1.51) /gʷačǎja/ [gʷǎčǎjǎ] *tua língua* (orgão)(1.52) /gʷačaya/ [gʷǎčǎyǎ] *rachando*

## d) ponto e modo de articulação

surdas, contínua labial /f/ e oclusiva lábio-velar /kʷ/:

(1.53) /gáfó/ [gàfó] *terra*(1.54) /gákʷo/ [gǎkʷò] *macaco*

sonoras, contínua labial /v/ e oclusiva lábio-velar /gʷ/:

(1.55) /hɛgʷóvǎ/ [hègʷóvǎ] *onde você vai?*(1.56) /gʷayógʷa/ [gʷǎyógʷǎ] *ele está lavando*

## 1.1.2. Vogais

Os segmentos vocálicos opõem-se pelos traços distintivos:

## a) altura

orais anteriores,  $\begin{bmatrix} + & \text{alta} \\ - & \text{baixa} \end{bmatrix}$  /i/ e  $\begin{bmatrix} - & \text{alta} \\ - & \text{baixa} \end{bmatrix}$  /e/:

(1.57) /mavi/ [màvì] *orelha*

(1.58) /mave/ [màvè] *cachorro*

orais centrais,  $\begin{bmatrix} + & \text{alta} \\ - & \text{baixa} \end{bmatrix}$  /ɨ/ e  $\begin{bmatrix} - & \text{alta} \\ + & \text{baixa} \end{bmatrix}$  /a/:

(1.59) /makf/ [màkf] *cabelo, pena*

(1.60) /maká/ [màká] *mosquito*

orais posteriores,  $\begin{bmatrix} + & \text{alta} \\ - & \text{baixa} \end{bmatrix}$  /u/ e  $\begin{bmatrix} - & \text{alta} \\ - & \text{baixa} \end{bmatrix}$  /o/:

(1.61) /gwakú/ [gwàkú] *defecando*

(1.62) /gókó/ [gókó] *nós (1d)*

orais anteriores,  $\begin{bmatrix} - & \text{alta} \\ - & \text{baixa} \end{bmatrix}$  /e/ e  $\begin{bmatrix} - & \text{alta} \\ + & \text{baixa} \end{bmatrix}$  /ɛ/:

(1.63) /gočé/ [gòčé] *flecha*

(1.64) /gočél/ [gòčél] *estragado*

orais posteriores,  $\begin{bmatrix} - & \text{alta} \\ - & \text{baixa} \end{bmatrix}$  /o/ e  $\begin{bmatrix} - & \text{alta} \\ + & \text{baixa} \end{bmatrix}$  /ɔ/:

(1.65) /mákwo/ [màkwò] *macaco*

(1.66) /nákwó/ [nàkwó] *branco*

nasais anteriores, [+ alta] /ɨ/ e [- alta] /ě/:

(1.67) /mahɨ/ [màhì] *lã*

(1.68) /měhě/ [měhě] *partícula pluralizadora*

nasais centrais, [+ alta] /ɨ/ e [- alta] /ã/:

(1.69) /gojékɨ/ [gòjékɨ] *rio*

(1.70) /gwajékã/ [gwàjékã] *melancia*

## b) ponto de articulação

orais  $\begin{bmatrix} + & \text{altas} \\ - & \text{baixas} \end{bmatrix}$ , anterior /i/ e central /ɨ/:

(1.71) /mákí/ [màkí] *anzol*

(1.72) /makf/ [màkf] *cabelo, pena*

orais  $\begin{bmatrix} + & \text{altas} \\ - & \text{baixas} \end{bmatrix}$ , central /i/ e posterior /u/:

(1.73) /makf/ [màkʃ] *cabelo, pena*

(1.74) /makú/ [màkú] *pedra*

orais  $\begin{bmatrix} - & \text{altas} \\ - & \text{baixas} \end{bmatrix}$ , anterior /e/ e posterior /o/:

(1.75) /máké/ [máké] *ontem*

(1.76) /gókó/ [gókó] *nós (1d)*

orais  $\begin{bmatrix} - & \text{altas} \\ + & \text{baixas} \end{bmatrix}$ , anterior /ɛ/ e central /a/:

(1.77) /mékí/ [mékì] *coelho*

(1.78) /mákí/ [mákí] *anzol*

orais  $\begin{bmatrix} - & \text{altas} \\ + & \text{baixas} \end{bmatrix}$ , central /a/ e posterior /ɔ/:

(1.79) /mopá/ [mòpá] *pacupeba*

(1.80) /mapó/ [màpó] *braço*

nasais [+ altas], anterior /ĩ/ e central /ʔ/:

(1.81) /nàčéjĩ/ [nàčéjĩ] *tudo estragado*

(1.82) /náočegʔ/ [náočègʔ] *ele cozinha*

nasais [+ altas], central /ʔ/ e posterior /ũ/:

(1.83) /nekʔ/ [nèkʔ] *corta*

(1.84) /nekũ/ [nèkũ] *ouve*

nasais [- altas], anterior /ě/ e central /ã/:

(1.85) /mémě/ [mémě] *mãe (vocativo)*

(1.86) /nanã/ [nãnã] *canoá*

### c) nasalidade

anteriores, oral  $\begin{bmatrix} + & \text{alta} \\ - & \text{baixa} \end{bmatrix}$  /i/ e nasal [+ alta] /ĩ/:

(1.87) /dúníhi/ [dúníhì] *irmão*

(1.88) /mahĩ/ [màhĩ] *lã*

centrais, oral  $\begin{bmatrix} + & \text{alta} \\ - & \text{baixa} \end{bmatrix}$  /ɨ/ e nasal [+ alta] /ʔ/:

(1.89) /mákɨ/ [mákʔ] *carcarã*

(1.90) /mákɨ/ [mákʔ] *remo*

posteriores, oral  $\begin{bmatrix} + & \text{alta} \\ - & \text{baixa} \end{bmatrix}$  /u/ e nasal [+ alta] /ũ/:

(1.91) /makú/ [màkú] *pedra*

(1.92) /nekũ/ [nèkũ] *ouve*

anteriores, oral  $\begin{bmatrix} - & \text{alta} \\ - & \text{baixa} \end{bmatrix}$  /e/ e nasal [- alta] /ě/:

(1.93) /míj'e/ [míj'è] *aouri*

(1.94) /díj'ě/ [díj'é] *como é o nome?*

centrais, oral  $\begin{bmatrix} - & \text{alta} \\ + & \text{baixa} \end{bmatrix}$  /a/ e nasal [- alta] /ã/:

(1.95) /opač'róka/ [òpàč'rókà] *feijão*

(1.96) /gwa'jékã/ [gwà'jékà] *melancia*

### 1.1.3. Tom

Das manifestações prosódicas, a altura é fonologicamente relevante em Guatō.

Foram depreendidos dois tons que se opõem ao nível da palavra: tom alto, que será representado por /'/, e tom baixo, que não será marcado graficamente.

Encontramos seqüências de tons em pares m̃nimos, com variadas combinações. Para exemplificação foram selecionadas preferencialmente palavras dissilábicas.

Os dados abaixo apresentam seqüências de dois tons altos em oposição a:

a) seqüência de tons alto e baixo:

(1.97) /gót'f/ [gót'f] *língua, idioma*

(1.98) /gót'ì/ [gót'ì] *piranha*

(1.99) /ahéká'ru/ [àhékárù] *meu patrão*

(1.100) /ahékaru/ [àhékàrù] *minha pressa*

b) seqüência de tons baixo e alto:

(1.101) /m'ík'f/ [m'ík'f] *panela*

(1.102) /m'ìk'f/ [m'ìk'f] *esteira*

(1.103) /mádá'/ [mádá'] *járaracuçu*

(1.104) /madá'/ [mádá'] *árvore, pau*

c) seqüência de tons baixos:

(1.105) /mábó/ [mábó] *juriti*

(1.106) /mabó/ [màbò] *pē*

(1.107) /gótá/ [gótá] *chifre*

(1.108) /gota/ [gòtà] *fogo*

Hã seqüência de tons baixos em oposição a:

a) seqüência de tons alto e baixo:

(1.109) /magɤ/ [màgɤ] *banha*

(1.110) /mágɤ/ [mágɤ] *água*

(1.111) /makɤ/ [màkɤ] *capivara*

(1.112) /mákɤ/ [mákɤ] *carcarã*

b) seqüência de tons baixo e alto:

(1.113) /mabó/ [màbò] *pē*

(1.114) /mabó/ [màbó] *fumo*

(1.115) /magɤ/ [màgɤ] *banha*

(1.116) /magɤ/ [màgɤ] *planta*

E hã, ainda, seqüência de tons alto e baixo em oposição a uma seqüência de tons baixo e alto:

(1.117) /mákwo/ [mákwo] *macaco*

(1.118) /makwó/ [màkwó] *machado*

(1.119) /mákɤ/ [mákɤ] *carcarã*

(1.120) /makɤ/ [màkɤ] *cabelo, pena*

## 1.2. Sílaba

O Guatō tem dois padrões silábicos: CV e V.

Praticamente todas as vogais podem constituir sílaba sozinhas:

(1.121) /maf/ [máf] *anta*

(1.122) /aa/ [àà] *passar a noite*

(1.123) /igí/ [ìgí] *mãe dele*

(1.124) /máě/ [máè] *biguá*

A maioria das consoantes forma sílaba com a maioria das vogais. CV é o padrão silábico mais produtivo:

(1.125) /móti/ [móti] *piranha*

(1.126) /bogehi/ [bògèhì] *queimar*

(1.127) /mave/ [màvè] *cachorro*

(1.128) /nípé/ [nípé] *preto*

Alguns segmentos são menos produtivos do que outros e talvez esse seja o motivo pelo qual não há no corpus algumas combinações de CV como pu, bu, fo, vo, fu, vu, ff e vf. Por outro lado, encontramos ocorrências das sílabas pũ, bũ, fo, vo e fũ. Não temos motivação suficiente para afirmar que sílabas que não ocorrem não sejam sílabas de possível realização. Esses casos podem se constituir apenas em deficiências dos dados.

As combinações de CV que não ocorrem no corpus, e que têm restrições articulatórias às suas realizações, são com as consoantes /y/, /kʷ/ e /gʷ/.

/y/ constitui sílaba com todas as vogais, exceto com as vogais anteriores e centrais, orais e nasais que têm o traço [+ alto], /i/, /ĩ/, /i/ e /ĩ/:

(1.129) /óyo/ [óyò] *eu*

(1.130) /kayé/ [kàyé] *chamar*

(1.131) /poya/ [pòyà] *abrir*

(1.132) /mayé/ [màyé] *mosca*

As consoantes /kʷ/ e /gʷ/ formam sílaba com todas as vogais, exceto com as vogais posteriores oral e nasal com o traço [+ alto], /u/ e /ũ/:

(1.133) /śdokʷf/ [śdòkʷf] *cabeça*

(1.134) /mákʷo/ [mákʷò] *macaco*

(1.135) /hègʷóvá/ [hègʷóvá] *onde você vai?*

(1.136) /magʷě/ [màgʷě] *soprou*

Encontramos no corpus ocorrências fonéticas de seqüências CyV e CwV.

Se a seqüência for CyV, o [y] está sempre em flutuação com [i]:

(1.137) /adíópíḡiri/ [àdìópíḡrì] / [àdyöpíḡrì] *ser bem vermelho*

Se a seqüência for CwV, o [w] pode flutuar com [u]:

(1.138) /naḵuára/ [nàḵùárà] / [nàḵwárà] *saber*

Quando, porém, o C desta seqüência for uma consoante oclusiva velar, as seqüências [kw] e [gw] opõem-se respectivamente aos segmentos [k] e [g] diante de vogal.

Não encontramos em Guatō seqüência não ambígua de dois segmentos assilábicos. Como afirmamos acima, em todos estes casos o segundo segmento é um glide. Por outro lado, não há sílaba [wV] em que o [w] não seja precedido por consoante. Portanto, [kwV] e [gwV] são seqüências ambíguas que poderiam, em princípio, ser interpretadas ou como CV<sup>1</sup>V<sup>2</sup>, em que V<sup>1</sup> seria uma vogal posterior com o traço [+alto], que se tornasse assilábica diante de outra vogal; ou como CV, em que C seria um segmento complexo e [w] seria apenas a labialização da consoante velar. Como as seqüências [kwV] e [gwV] nunca aparecem em flutuação com [kua] e [gua], ao contrário do que se dá, por exemplo, em (1.138), interpretaremos [kw] e [gw] como os segmentos complexos /kʷ/ e /gʷ/, que se opõem a /k/ e /g/, como ficou demonstrado acima (1.1.1.), e não como grupos consonantais.

Ocorrem, ainda, as seqüências [Vy] [Vw] (precedidas ou não de consoante).

Em ambos os casos os glides estão em flutuação com as vogais anterior e posterior com o traço [+ alto]. Assim, [y] flutua com [i], enquanto [w] flutua com [u], em todas as instâncias dessas manifestações:

(1.139) /eigo/ [èìgò] / [èygò] *não*

(1.140) /váí/ [vái] / [váy] *metal*

(1.141) /mamãu/ [mãmãù] / [mãmãw] *mamão*

(1.142) /morimãu/ [mòrĩmãù] / [mòrĩmãw]<sup>5</sup> *limão*

Nestes casos também optamos pela interpretação de que os segmentos que travam sílabas são alofones assilábicos das vogais anterior e posterior com o traço [+ alto].

Diante desses argumentos, concluímos que os padrões silábicos do Guatō são apenas CV e V, e que as realizações dessas outras seqüências são resultantes de fatores estilísticos diversos, como velocidade de fala ou registro.

### 1.3. Fonética segmental

Excetuando-se a labial /p/, todas as oclusivas surdas flutuam com uma homorgânica aspirada:

(1.143) /tede/ [tèdè] / [thèdè] *completivo*

(1.144) /itana/ [ìtànà] / [ìthànà] *raiz*

(1.145) /ičájá/ [ìčájà] / [ìčhájà] *língua dele*

(1.146) /gočékiŋa/ [gòčékiŋà] / [gòčh'ékiŋà] *abano*

(1.147) /maká/ [màkà] / [màkhà] *mosquito*

(1.148) /ikú/ [ìkú] / [ìkhú] *folha*

(1.149) /nákwš/ [nákʷš] / [nákʷhš] *branco*

(1.150) /šdokwʃ/ [šdòkwʃ] / [šdòkwʰʃ] *cabeça*

As oclusivas palatais têm vários alofones em flutuação. O fonema /č/, além da aspiração, tem dois outros alofo

nes, um palatalizado [čʏ] e outro fricativo [š]:

(1.151) /máróča/ [máróčà] / [máróčʏà] *gato*

(1.152) /náčŭjá/ [náčŭjá] / [náčʏŭjá] *encher*

(1.153) /mačévái/ [màčéváy] / [màšéváy] *faca*

(1.154) /gačá/ [gàčá] / [gàšá] *areia*

O fonema /j/ tem um alofone palatalizado [jʏ] e outro fricativo [š]:

(1.155) /gojéru/ [gòjérù] / [gòjʏérù] *milho*

(1.156) /ajóru/ [àjórù] / [àjʏórù] *minha boca*

(1.157) /girikijá/ [gìrìkìjá] / [gìrìkìžá] *suba aqui*

(1.158) /etórajt/ [ètóràjt̚] / [ètóràžt̚] *todos os filhos dele*

As vogais centrais altas, oral e nasal, realizam-se a través de dois alofones cada uma, um central não arredondado, [i] e [ɨ] respectivamente, e outro posterior não arredondado, respectivamente [u] e [ũ]. Esta flutuação ocorre nos ambientes onde a vogal ē precedida por uma consoante velar:

(1.159) /máki/ [mákɨ] / [mákũ] *carcarã*

(1.160) /mikɨ/ [mìkɨ] / [mìkũ] *papagaio*

(1.161) /ikɨ/ [ìkɨ] / [ìkũ] *pai dele*

(1.162) /mágɨ/ [mágɨ] / [mágũ] *água*

Além dessas flutuações, há ainda ocorrências de abaixamento e levantamento de vogais anteriores, centrais e posteriores, orais e nasais, independentemente do ambiente em que ocorrem. Assim, a vogal /e/ pode realizar-se [e] ou um pouco mais alta [ɪ]:

(1.163) /mave/ [màvè] / [màvɪ] *cachorro*

A vogal /ɨ/ pode realizar-se [ɨ] ou um pouco mais baixa [ə]:

(1.164) /mágɨ/ [mágɨ] / [mágə] *água*

A vogal /ũ/ pode realizar-se [ũ] ou um pouco mais baixa [õ]:

(1.165) /dépũ/ [dépũ] / [dépõ] *quanto?*

Esta oscilação articulatória deve provavelmente estar na dependência de fatores estilísticos diversos.

Observamos, ainda, diante de pausa, realizações inconsistentes de oclusões glotais e de alongamento de vogais.

Essas realizações foram testadas e não demonstraram qualquer oposição a nível fonológico ou morfológico. Provavelmente tratam-se de fenômenos associados à entoação, que merecem ser estudados com dados mais amplos.<sup>6</sup>

### 1.3.1. Regras fonológicas

Vários são os processos de modificação fonética encontrados em Guatô. Os mais freqüentes são os de assimilação, assilabação, epêntese e elisão. Os condicionamentos para o emprego de tais processos são às vezes regulados por fatores estilísticos diversos, como o registro mais ou menos formal ou o tempo mais ou menos veloz.

#### a) Assimilação

O processo de assimilação de traços é o mais encontrado. A assimilação pode ser progressiva ou regressiva.

O caso mais freqüente é o de assimilação do traço de nasalidade, que tanto é progressiva como regressiva. Geralmente as vogais que precedem as consoantes nasais /m/ e /n/ assimilam destas o traço de nasalidade:

(1.166) /goma/ [gõmà] *mandioca*

(1.167) /čũmu/ [čũmù] *três*

(1.168) /nakfni/ [nàkfnì] *ele dorme*

(1.169) /dũni/ [dũnì] *dois*

A consoante /y/ assimila progressivamente o traço de nasalidade das vogais nasais que a precedem:

(1.170) /nógógɥyo/ [nógógɥñù] *eu bebo água*

(1.171) /marogɥyo/ [màrògɥñù] *eu comi*

#### b) Assilabação

A assilabação é o processo empregado com as vogais anterior a posterior, que têm o traço [+ alto], quando estão contíguas e outra vogal:

(1.172) /adiópígiri/ [àdyöpígrì] *ser bem vermelho*

(1.173) /mačévvái/ [màčévváy] *faca*

(1.174) /najuára/ [nà]wǎrà] *saber*

(1.175) /mamäu/ [mämäw] *mamão*

#### c) Epêntese

A inserção de um segmento, um glide palatal, ocorre pelo processo de epêntese entre as vogais /ɛ/ e /o/:

(1.176) /neókí/ [nèyókì] *ele bebe*

(1.177) /neógwa/ [nèyógwà] *ele lava*

(1.178) /neókoro/ [nèyókòrò] *ele coça*

#### d) Elisão

A consoante /y/ sofre elisão quando segue a vogal anterior com o traço [+ alto]:

(1.179) /nabagákíyo/ [nàbàgákìò] *eu bato nele*

(1.180) /nakíyo/ [nàkìò] *pesco*

(1.181) /natágábogehiyo/ [nàtágábògèhìò] *quero acender*

(1.182) /gʷáhègigiyo/ [gʷáhègìgìò] *estou fumando*

### 1.3.2. Regras morfofonológicas

Os processos fonológicos condicionados morfologicamente são os de epêntese e de elisão.

## a) Epêntese

O fonema /j/ é inserido entre vogais na fronteira morfológica de temas compostos ou derivados:

- (1.183) /áho/ + /épagu/ → /áhojépagu/ [áhòjéjàgù] *caçar onça*  
 (1.184) /miččičīga/ + /ayé/ → /miččičīgajayé/ [mìččičīgàjàyé] *peru*  
 (1.185) /magáre/ + /ayé/ + /magárejayé/ [màgàrèjàyé] *galinha*<sup>7</sup>  
 (1.186) /áho/ + /ókwé/ → /áhojókwe/ [áhòjókwe] *caçar bugio*  
 (1.187) /móto/ + /épagu/ → /mótojépagu/ [mótòjéjàgù] *cavalo*  
 (1.188) /móto/ + /égítí/ → /mótojégítí/ [mótòjégítí] *jaú*  
 (1.189) /módí/ + /áróča/ → /módíjáróča/ [módíjáróča] *gatinho*  
 (1.190) /goka/ + /évt/ → /gokajévt/ [gòkàjévt] *mulherada*

## b) Elisão

A vogal prefixal de tom baixo sofre elisão quando diante de tema iniciado por vogal:

- (1.191) /ma-ótí/ [mótí] *piranha*  
 (1.192) /go-etí/ [gètí] *criança*  
 (1.193) /na-ógógí/ [nógógí] *ele bebe água*  
 (1.194) /na-ókíyo/ [nókíyò] *eu bebo*

Se a vogal prefixal, porém, tiver tom alto, ela não é afetada pelo processo de elisão:

- (1.195) /gʷá-ógʷayo/ [gʷáógʷàyò] *estou lavando*  
 (1.196) /gʷá-ūni/ [gʷáūnì] *ele está chorando*  
 (1.197) /véití-áhojépagu/ [vêytíáhòjéjàgù] *ele não vai caçar onça*  
 (1.198) /í-áhojúyo/ [íáhòjúyò] *vou caçar jacaré*

## NOTAS:

1 Distinguimos aqui contraste e oposição, de acordo com Jakobson e Halle (1967).

2 O tom da vogal que se torna foneticamente assilábica, incorpora-se ao tom da vogal contígua. Esta, que permanece silábica, poderá ter então um tom ascendente (˘) ou descendente (^), dependendo da combinação resultante: tom baixo + alto → tom ascendente /adiópfíri/ [àdyöpígrì] *ser bem vermelho*; ou tom alto + baixo → tom descendente /mačéví/ [màčévây] *faça*. Se os dois tons forem altos ou baixos, há uma assimilação e eles se realizam como um único tom, alto ou baixo: /mamãu/ [mãmãw] *mamão*, que será graficamente representado por um sô símbolo.

3 O tema gɸ *água*, na combinação com os prefixos determinativos ma- e go-, apresenta um problema para o qual não dispomos, no momento, de explicação satisfatória. Os prefixos determinativos têm tom baixo e suas vogais sofrem elisão diante de vogal temática. Na combinação com gɸ, entretanto, as vogais supostamente prefixais ocorrem com tom alto, mágɸ e gógɸ.

Uma solução simplista seria a de interpretar essas vogais como partes do tema, ágɸ e ógɸ, cujas combinações com os prefixos resultariam m-ágɸ e g-ógɸ, atribuindo-se ao morfema dois alomorfes em distribuição complementar, um para combinar-se com ma- e o outro com go-.

Preferimos, entretanto, deixar pendente esta questão e, para efeito deste trabalho, tratar o item lexical por suas realizações, sem oferecer uma explicação para o fenômeno.

4 Não nos foi possível identificar o pássaro. /bidi/, na

língua Guatō, é também o nome de Josefina, minha principal informante.

- 5 A palavra /mamãu/ *mamão* foi incorporada ao Guatō sem nenhuma adaptação morfológica, por iniciar-se em português pela sílaba ma-, coincidente com o prefixo determinativo do Guatō, que ocorre marcando substantivos livres de contexto.

A palavra /morimãu/ *limão* provém do português [oli'mãw] o *limão*, a que se acrescentou o prefixo determinativo: /ma-/ + /orimãu/ → /morimãu/. Como o Guatō não tem consoantes laterais, o /l/ do português foi substituído pelo /r/.

- 6 Perceptualmente pudemos distinguir maior intensidade em uma das três últimas sílabas de cada vocábulo fonológico, que geralmente, mas não sempre, coincide com sílaba de tom alto. Este fato, porém, demonstrou-se irrelevante na análise. O Guatō não apresenta oposição acentual a nível fonológico.

Martinet (1970:89-90) questiona a legitimidade de uma língua tonal apresentar também oposição acentual.

Não descartamos, entretanto, a idéia de que este assunto possa ser retomado futuramente.

- 7 Para /magáreJayé/ *galinha* encontra-se, ao lado de [màgàrèjàyé], a forma [màgàrèyàyé].

## 2. GRAMÁTICA: MORFOLOGIA\*

A morfologia será tratada a partir da palavra. Para depreender essa unidade lingüística, levou-se em consideração critérios fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos.

As palavras podem ser variáveis ou flexionais e invariáveis ou não flexionais, quanto a sua formação. Quanto à função que exercem, foram depreendidas quatro classes de palavras com características próprias: substantivos, pronomes e verbos, que são flexionais; e partículas, que são palavras invariáveis.

Além das propriedades semânticas intrínsecas a cada classe, as palavras distinguem-se umas das outras por suas estruturas morfológicas. Os substantivos caracterizam-se por combinarem-se complementarmente com afixos flexionais determinativos, ou com afixos flexionais pessoais. Os pronomes flexionam-se com afixos pessoais, diferentemente dos substantivos. Os verbos combinam-se com afixos modais, aspectuais e pessoais. E as partículas, como afirmamos, não se flexionam.

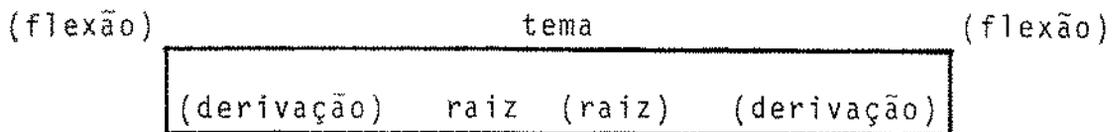
Excetuando-se algumas partículas (v.2.4.), as palavras são delimitadas por junturas externas, cada uma constituindo-se em núcleo de um grupo de força (Câmara, 1959: 94-98).

Cada palavra tem um tom específico arbitrário para cada sílaba. Embora os tons sejam irrelevantes para contrastar as classes de palavras, eles contribuem para distinguir as palavras umas das outras a nível lexical:

m-óttí *piranha*, m-óttí *palavra*.<sup>1</sup>

A palavra pode ter de uma a muitas sílabas. As únicas palavras monossilábicas são partículas, mas há também partículas com mais sílabas. As demais classes, embora possam ser formadas por raízes monossilábicas, recebem afixos que as tornam palavras de duas ou mais sílabas.

As palavras flexionais são constituídas de um tema e flexão ou flexões. O tema, por sua vez, é constituído por raiz ou raízes e derivação ou derivações.



O tema é o núcleo da palavra, e as flexões, que se realizam por afixos, prefixos e sufixos, nem sempre são obrigatórias. Um tema basicamente verbal pode combinar-se com afixos flexionais substantivos para exercer a função de substantivo:

(2.1) kái-óttí-he (enf-falar-2) *você fala muito*

(2.2) g<sup>w</sup>-óttí (2-idioma) *teu idioma*

A raiz é o núcleo do tema, e as derivações, como as flexões, realizam-se por prefixos e sufixos opcionais.

Há em Guatô dois tipos de morfemas: raízes e afixos. Os morfemas raízes podem ser flexionáveis e não flexionáveis.<sup>2</sup> As raízes flexionáveis e os afixos são formas presas, ao passo que das raízes não flexionáveis, umas são formas livres e outras dependentes (Câmara, 1959: 104).

O morfema raiz constitui a base de todas as palavras.

Há palavras simples e compostas dependendo dos temas que formam suas bases, se têm uma ou mais raízes. Uma pala

vra simples ou composta pode ser ainda derivada se seu tema for constituído, além da raiz ou raízes, de afixo ou afixos derivacionais.

## 2.1. Substantivos

Os substantivos serão descritos a partir dos componentes dos seus temas: raízes e derivações. Em seguida serão tratadas as flexões.

### 2.1.1. Temas substantivos

O tema, base da estrutura do substantivo, é a parte da palavra a qual os afixos flexionais se juntam.

Os temas substantivos podem ser simples ou compostos. Os temas simples têm como núcleo um morfema raiz: *tóra filho*, *põ braço*. Os temas compostos são constituídos por mais de um morfema raiz:

(2.3) áho-ǰépagu (caçar-onça) *caça de onça*

(2.4) te-ǰabo (unha-pē) *unha do pē*

Tanto os temas simples como os compostos podem ser derivados:

(2.5) ódf-ǰayé (dim-ave) *passarinho*

(2.6) ódf-gáre-ǰayé (dim-galináceo-ave) *pintinho*

A composição pode dar-se com os seguintes tipos de raízes.

a) duas raízes substantivas:

(2.7) te-ǰabo (unha-pē) *unha do pē*

b) uma raiz substantiva e uma raiz verbal intransitiva:

(2.8) ta-hégigi (fogo-fumar) *cigarro*

c) uma raiz verbal transitiva e uma raiz substantiva:

(2.9) b́f-rí (assar-carne) *assado*

d) uma raiz substantiva e uma partícula:

(2.10) tóra-ŷt (filho-gen) *filharada*

As raízes substantivas são um conjunto aberto de morfemas com uma, duas ou três sílabas: f *anta*, ta *fogo*, adá *pau*, árvore, épagu *bicho*, onça.

A derivação realiza-se por prefixos que se antepõem às raízes como seus modificadores. Embora sō tenhamos distinguido para os substantivos prefixos derivacionais, acreditamos na hipótese de que haja também sufixos, porque encontramos sufixos derivacionais verbais.

Os seguintes prefixos derivacionais são muito comuns:

a) ka- *coletivo humano*:

(2.11) ka-dé (col-homem) *grupo de homens*

b) to- *aumentativo*:

(2.12) to-ŷépagu (aum-bicho) *cavalo*

c) dí- *diminutivo*:

(2.13) dí-tóra (dim-filho) *filhinho*

d) hi- *posse reflexiva*:

(2.14) hi-óvı (pos-casa) *a própria casa*

O morfema *aumentativo* tem dois alomorfes, to- e óto-, usados com diferentes tipos de raízes:

(2.15) to-gwéŷi (aum-bocaiuva) *coco*

(2.16) óto-ŷayé (aum-ave) *gavião*

O morfema *diminutivo* também tem dois alomorfes, dí- e ódí-, usados com raízes diversas:

(2.17) dí-ŷáróča (dim-gato) *gatinho*

(2.18) ódí-ŷékř (dim-rio) *riacho*

### 2.1.2. Flexões substantivas

As flexões dos substantivos são de dois tipos: determinativa e pessoal.

A flexão determinativa manifesta-se pelos prefixos *ma-* e *go-*. O prefixo *ma-* flexiona um tema livre de contexto:

(2.19) *ma-gʃ* (det-água) *água*

enquanto *go-* flexiona um tema em contexto:

(2.20) *adi-rákʷá-giri go-gʃ*  
(dn-frio-intf det-água)  
*a água está muito fria*

O prefixo *ma-* aparece muito raramente em contexto, possivelmente para marcar:

a) ênfase do elemento determinado de uma locução:

(2.21) *n-ánunigʃ m-áʃevái*  
(ind-trabalhar det-enxada)  
*ele trabalha com enxada*

(2.22) *čéne m-ábó* (um det-juriti) *uma juriti*

(2.23) *da-fé-giri m-óv+*  
(dd-grande-intf det-casa)  
*uma casa muito grande*

b) topicalização do objeto:

(2.24) *m-égʃtʃí n-ε-gʷo rogʃ g-óhaʃa*  
(det-peixe ind-3-pescar comer det-mulher)  
*o peixe a mulher pescou e comeu*

c) indefinição do substantivo:

(2.25) *n-otágʷaga-yo m-očájá*  
(ind-ter medo-1 det-cobra)  
*eu tenho medo de cobra*

A decisão de interpretar o prefixo ma- como marcador de ênfase, topicalização e indefinição não é definitiva. Os exemplos de que dispomos em todo o corpus são em número muito pequeno. Quando tentamos testar esses casos com a in formante, observamos que os casos em a) estão sujeitos a uma variação, ora com o uso de ma-, ora de go-:

(2.26a) n-ánunigŕ m-ájevái

(2.26b) n-ánunigŕ g-ájevái

(ind-trabalhar det-enxada)

*ele trabalha com enxada*

(2.27a) čéne m-ábó

(2.27b) čéne g-ábó

(um det-jurití)

*uma jurití*

(2.28a) da-fé-giri m-óví

(2.28b) da-fé-giri g-óví

(dd-grande-intf det-casa)

*uma casa muito grande*

Não nos foi possível controlar inteiramente essas diferenças. O caso de topicalização do objeto parece mais consistente. Geralmente quando o objeto precede o sujeito ou o verbo, ele é marcado por ma-. Por outro lado, a topicalização do sujeito não altera seu marcador:

(2.29a) g<sup>w</sup>a-hěgigi go-dé

(prog-fumar det-homem)

(2.29b) go-dé g<sup>w</sup>a-hěgigi

(det-homem prog-fumar)

*o homem está fumando*

Quanto ao caso c), o prefixo ma- geralmente marca substantivos sem referente prēvio no enunciado. Hã a hipō-

tese de que ele seja um prefixo indefinido, estando *go-* em distribuição complementar para marcar os casos de definição do substantivo. Entretanto, não temos dados que possam evidenciar esta hipótese.

Os usos de *ma-* e *go-* ficam, portanto, em aberto, para uma eventual solução.

A flexão pessoal dos substantivos tem valor semântico de posse. Todos os marcadores pessoais são prefixos, mas o da primeira pessoa do singular é um prefixo e um sufixo que se realizam simultaneamente.

TABELA 2.1.

1	a-	-ru	<i>meu</i>	
2	g <sup>w</sup> a-		<i>teu</i>	
3	ε-		<i>dele</i>	
1d	gi-		<i>nosso</i>	(1+2)
1p	haʃi-		<i>nosso</i>	(1(+2)+3(+3))
3p	bi-		<i>deles</i>	

(Os números referem-se às pessoas. V. lista de abreviações.)

O sufixo de primeira pessoa do singular tem também a realização *-yu*, que ocorre com alguns temas, em flutuação com *-ru*:

(2.30a) a-tága-ru

(2.30b) a-tága-yu (1-nariz-1) *meu nariz*

O prefixo de segunda pessoa é o mesmo para o singular e o plural. Quando a segunda pessoa refere-se ao plural,

esse plural é muitas vezes, mas não sempre, especificado pela partícula pluralizadora *mēhē* (v.2.4.7), posposta à palavra que pluraliza:

(2.31) *gʷa-gí mēhē* (2-mãe pl) *mãe de vocês*

A terceira pessoa do singular tem dois alomorfes, *ε-* e *i-*, cada um marcando uma classe de temas: *ε-vi orelha(s) dele*, *i-re olho(s) dele*.

A primeira pessoa dual (1d) é inclusiva, enquanto a primeira pessoa plural (1p) pode ser inclusiva ou exclusiva.

Os seguintes exemplos ilustrarão o emprego desses afixos:

(2.32) *a-tóra-ru* (1-filho-1) *meu filho*

(2.33) *gʷa-gí* (2-mãe) *tua mãe, mãe de vocês*

(2.34) *ε-pó* (3-braço) *braço dele*

(2.35) *gi-óvi* (1d-casa) *nossa casa*

(2.36) *haji-róga* (1p-jelho) *nossos joelhos*

(2.37) *bi-re* (3p-olho) *olhos deles*

Quatro itens lexicais ocorrem aparentemente como formas livres: *nučá céu*, *núve sol*, *nátai raio* e *nító relâmpago*. Essas formas não se combinam com as flexões determinativas nem possessivas. A última, entretanto, flexiona-se com *go-*: *g-ító relâmpago*.

Podemos levantar três hipóteses para explicar essas realizações:

- a) esses itens são formas livres;
- b) esses itens são a combinação do prefixo *n-* com os temas *učá*, *úve*, *átai* e *ító*;
- c) esses itens são a combinação do prefixo *nu-* com os temas *čá*, *úve*, *átai* e *ító*.

A primeira hipótese não é satisfatória porque perder-se-ia a generalização que caracteriza os substantivos distinguindo-os das demais classes de palavras. Além disso, esses itens apresentam um traço semântico comum: representam elementos naturais que podem ser interpretados como unívocos. Eles também têm a mesma marca morfológica, a consoante n-.

A segunda hipótese apresenta apenas um problema. As formas canônicas dos morfemas são V e CV. Não temos motivação para interpretar um marcador de morfema como uma consoante, quando não há outros casos para justificar tal interpretação.

A terceira hipótese é a mais coerente com o comportamento geral da língua. O prefixo deve ser constituído pela consoante e uma das vogais ocorrentes: u, a ou i. A escolha do u, para formar sílaba com a consoante, não se prende a uma questão quantitativa, mas ao fato de ser esta a única vogal que pode ser parte do prefixo.

Uma regra morfofonológica estabelece a elisão de vogal prefixal de tom baixo diante de vogal. Em três dos casos em discussão, a vogal que segue o n- tem tom alto, o que indica que a vogal do prefixo sofreu elisão. Isto é evidência de que a vogal do prefixo tem tom baixo. O único caso em que a vogal pode ser interpretada como parte do prefixo é o u que ocorre em nučá.

Podemos agora afirmar que os quatro itens discutidos são substantivos, formas presas, marcadas pelo prefixo nu-, alomorfe da flexão determinativa, cuja distribuição é limitada a temas que representam elementos da natureza com valor unívoco. O prefixo realiza-se plenamente diante do

tema čá, mas sua vogal sofre elisão determinada por regra morfofonológica diante dos temas úve, átai e íto, cujas vogais iniciais têm tom alto.

Na coleta dos dados observamos que os substantivos elicitados isoladamente sempre ocorriam marcados por ma- ou por uma flexão pessoal, mais comumente a de terceira pessoa ε- ou i-. Observamos ainda que alguns substantivos apresentavam restrição a uma ou outra flexão. O tema *ódokwí* *cabeça*, por exemplo, não se combina com o determinante go-. Na elicitação de uma expressão como *meu ovo*, os informantes resistiam em dar o substantivo flexionado pelo marcador possessivo, e geralmente ocorria uma expressão cuja tradução equivale a *ovo da galinha*. Essas observações levaram nos a cotejar os temas substantivos e agrupá-los por área semântica. A análise revela-nos que alguns itens são totalmente resistentes à flexão pessoal, outros são francamente abertos e ainda outros são parcialmente resistentes a esse tipo de flexão.

Podemos, em linhas gerais, afirmar que os itens resistentes à flexão pessoal são os que se referem a bens não possuíveis, como elementos da natureza, que são ocorrem flexionados por ma- ou go-, conforme estejam ou não em contexto:

(2.38) ma-g† (det-água) *água*

(2.39) ma-b† (det-estrela) *estrela*

(2.40) go-dé (det-homem) *homem*

(2.41) g-adá (det-árvore) *árvore*

Os itens francamente abertos a essa flexão são os que se referem a bens possuíveis, inalienáveis, como partes do corpo e relações familiares, que sempre ocorrem marcados

pela flexão pessoal:

(2.42) e-pó (3-braço) *braço dele*

(2.43) i-re (3-olho) *olho dele*

(2.44) e-tóra (3-filho) *filho dele*

(2.45) i-gí (3-mãe) *mãe dele*

Quando elicitados isoladamente, esses temas podem ocorrer flexionados pelo determinante ma-, mas não temos evidência de que eles se flexionem pelo determinante go-.

Os itens parcialmente resistentes à flexão pessoal são aqueles que geralmente não ocorrem marcados pelos possessivos, mas que também flexionam-se por eles. Esses itens são temas referentes à natureza, como *ve cachorro*, *gárejayé galinha*, e demais aquisições culturais mais recentes, através do contato com outras nações. Esses contatos teriam influenciado para modificar os valores de posse do grupo. Os temas referentes a animais, antes de receberem a flexão pessoal, são combinados com a raiz *óye cria*, *criação*:

(2.46) óye-ve-ru (cria-cachorro-1) *meu cachorro*

(2.47) i-óye-vaká (3-cria-vaca) *a vaca dele*

Outros elementos culturais flexionam-se sem restrições morfológicas:

(2.48) a-čéváí-ru (1-faca-1) *minha faca*

(2.49) ikífvái-ru (caldeirão-1) *meu caldeirão*

Este fato provavelmente é um reflexo lingüístico devido a contatos sociais, como já dissemos.

Diante dessas reflexões dividimos os substantivos em três classes:

Classe I - os substantivos que s̄o se flexionam com os de determinantes ma- e go-;

Classe II - os substantivos que normalmente flexionam-se pelos possessivos e s̄o em determinadas condiç̄oes flexionam-se pelo determinante ma-;

Classe III - os substantivos que normalmente flexionam-se pelos determinantes e s̄o ocasionalmente pelos possessivos.

## 2.2. Pronomes

Os pronomes s̄ao as palavras que indicam as pessoas envolvidas no discurso. Eles se constituem em um conjunto fechado de apenas quatro palavras.

Os temas que servem de base aos pronomes s̄ao temas pronominais, coincidentes com as raizes, que n̄ao se combinam com afixos derivacionais. Essas raizes/temas s̄ao formas presas: *ó falante* ou *ouvinte*; e *ókó falante* e *outro(s)*.

### 2.2.1. Flexão pronominal

Os pronomes flexionam-se somente em pessoa atravēs de afixos que se juntam diretamente à raiz/tema.

A flexão pessoal realiza-se atravēs de sufixos, no singular: -yo 1 e -he 2; e por prefixos, no plural: gi- (1+2) e haŋi- (1(+2)+3(+3)), conforme a seguinte tabela:

TABELA 2.2.

1	ó-yo	<i>eu</i>	
2	ó-he	<i>tu</i>	
1d	g-ókó	<i>nós</i>	(1+2)
1p	haŋi-ókó	<i>nós</i>	(1(+2)+3(+3))

Há motivação suficiente para interpretar o prefixo que representa a primeira pessoal dual como *gi-*, uma vez que as flexões pessoais, em geral, apresentam paralelismo entre as formas do singular, por um lado, e do plural, por outro. Como a forma para a primeira pessoa do plural é *haji-*, coincidente com sua correspondente nominal, achamos plausível interpretar o *g-* da primeira pessoa dual dos pronomes como forma resultante de um prefixo *gi-*, correspondente à flexão nominal, em que o *i* sofre elisão diante da vogal temática, obedecendo a uma regra morfofonológica geral da língua.

Há duas maneiras de expressar o plural do pronome de segunda pessoa: pospondo-se ao pronome a partícula pluralizadora *mēhē*, *ó-he mēhē vocêe*; ou simplesmente pela justaposição da raiz/tema à partícula, *ó mēhē vocês*.

### 2.3. Verbos

Além das propriedades que caracterizam o verbo, esta classe de palavras em Guatō também descreve as qualidades e dimensões dos seres.

O verbo é constituído de um tema e de flexões. O tema tem por núcleo uma raiz e derivações opcionais. As flexões, que são de três tipos, podem realizar-se simultaneamente.

Distinguimos quatro tipos de verbos: transitivos, intransitivos, descritivos e apenas um verbo tipicamente auxiliar, o verbo *di*, que não tem referente semântico propriamente dito.

### 2.3.1 Temas verbais

O tema é o núcleo do verbo ao qual se juntam os afixos flexionais.

O tema verbal pode ser simples, quando constituído por uma única raiz: *kfni dormir*, *ro comer*; e composto, quando é formado por mais de uma raiz:

(2.50) áho-ŷókwé (caçar-bugio) *caçar bugio*

(2.51) bf-ŷéru (assar-milho) *assar milho*

Tanto o tema simples como o composto pode ser ainda derivado, quando à raiz ou raízes acrescentam-se afixos derivacionais:

(2.52) ro-gf (comer-intr) *comer*

(2.53) gá-bogehi (caus-queimar) *acender*

(2.54) číná gū-ni (refl matar-per) *matar-se*

O tema composto pode ser formado pelas seguintes combinações de raízes:

a) uma raiz transitiva e uma raiz intransitiva:

(2.55) ŷuára-ff (saber-nadar) *saber nadar*

b) uma raiz transitiva e uma raiz substantiva:

(2.56) áho-kú (caçar-jacarē) *caçar jacarē*

c) uma raiz descritiva e uma raiz substantiva:

(2.57) fě-ahf (grande-espaco) *ser largo*

(2.58) ba-tága (chato-nariz) *ter nariz chato*

d) uma raiz verbal e uma partícula:

(2.59) fě-giri (grande-intf) *ser muito grande*

Há um pequeno número de temas verbais que servem de base a verbos direcionais, transitivos e intransitivos, com valores semânticos relativos a *dar*, *receber*, *ir*, *vir*, *levar*, *trazer*, etc. Trata-se de temas compostos de duas ou mais raízes aglutinadas, algumas das quais acumulam a noção de pessoa do discurso, o caso objetivo. Esses temas

servem de base a verbos unipessoais: túki *dar-me*, dóma *dar-te*, dóka *dar-lhe*, núki *dar-nos*, etc.

Não nos foi possível isolar as raízes desses temas por seus valores semânticos individualizados, uma vez que eles apresentam grande variedade de distribuição para constituir um paradigma.

O tema do verbo auxiliar *dí* é sua própria raiz.

Além do auxiliar *dí*, há um tema transitivo, *gu ter*, e um tema descritivo, *mú muito*, que funcionam como verbos auxiliares em estruturas específicas (v. 3.2.2.).

As raízes verbais são um conjunto aberto de quatro tipos de morfemas que constituem os núcleos dos temas, base dos quatro tipos de verbos. As raízes são transitivas, *jó ver*, intransitivas, *kíni dormir*, descritivas, *ákwo ser branco* e o auxiliar *dí*.

Essas raízes podem ter de uma a três sílabas: *gũ matar*, *áçígɔ cair*, *aa passar a noite*, *piná urinar*, *juára saber*, *bogehi queimar*.

As raízes descritivas são de dois tipos: dimensionais e não dimensionais. Enquanto aquelas servem de núcleo a temas referentes a tamanho e grandeza, *mú muito*; estas servem de núcleo a temas referentes a outras qualidades dos seres, *ófá magro*.

A derivação dos temas verbais realiza-se por prefixos e por sufixos. Esses afixos, que servem de modificadores das raízes, podem ter uma, duas ou três sílabas.

A raiz do verbo auxiliar não se combina com afixos derivacionais.

Enumeraremos alguns dos afixos derivacionais mais produtivos com temas verbais:

a) gá- *causativo*:

(2.60) gá-pó (caus-acender) *fazer acender*

b) obia- *recíproco*:

(2.61) obia-dabóhi (rec-abraçar) *abraçar um ao outro*

c) ra- *instrumental*:

(2.62) ra-gū (inst-matar) *matar com*

d) dí- *diminutivo*:

(2.63) dí-kfni (dim-dormir) *cochilar*

e) to- *aumentativo*:

(2.64) to-pú (aum-muito) *ser muitíssimo*

f) ari- *atenuativo*:

(2.65) ari-fé (ate-grande) *pouco grande, pequeno*

g) -gř *intransitivador*:

(2.66) ro-gř (comer-intr) *comer*

h) -ni *permansivo*:

(2.67) řř-ni (nadar-per) *ficar nadando*

i) -yé *cursivo*:

(2.68) rákwá-yé (frio-cur) *estar esfriando*

Alguns dos afixos derivacionais têm distribuição restrita. Os prefixos obia- *recíproco*, ra- *instrumental* e o sufixo -gř *intransitivador*, sō se combinam com raízes transitivas. O prefixo gá- *causativo*, marca apenas raízes intransitivas. Os prefixos to- *aumentativo* e ari *atenuativo* sō se combinam com raízes descritivas dimensionais. Um tema derivado por ari- ē obrigatoriamente marcado pelo prefixo modal negativo véi-.

A estruturação de mais de um desses afixos obedece a uma rígida ordenação. Na combinação dos prefixos *causativo* e *recíproco*, o *recíproco* precede o *causativo*:

(2.69) obia-gá-bagáki (rec-caus-bater) *fazer bater um no outro*

O *diminutivo* precede o *aumentativo*:

(2.70) *dí-to-fé-ni* (dim-aum-grande-per) *ser pouco grosso*

Os prefixos *dí-* *diminutivo* e *ari-* *atenuativo* combinanse muito freqüentemente com temas derivados com *-ni* perman  
sivo:

(2.71) *dí-ófé-ni* (dim-magro-per) *estar magrinho*

(2.72) *l-ari-fé-ni*

(neg-ate-grande-per)

*não ser muito grande, ser pequeno*

### 2.3.2. Flexões verbais

As flexões dos verbos são de três tipos: modal, aspectual e pes  
soal. As flexões modal e aspectual expressam-se por prefixos, enquan-  
to a flexão pessoal manifesta-se por prefixos ou sufixos.

A palavra verbal tem a seguinte estrutura:

modo - aspecto - pessoa - *tema* - pessoa

#### 2.3.2.1. Flexão modal

A flexão modal tem os seguintes marcadores:

TABELA 2.3.

<i>na-</i>	<i>indicativo</i>
<i>véi-</i>	<i>negativo</i>
<i>o-</i>	<i>imperativo</i>
<i>ma-</i>	<i>imperativo negativo</i>
<i>kái-</i>	<i>enfático</i>
<i>da-</i>	<i>descritivo dimensional</i>
<i>adi-</i>	<i>descritivo não dimensional</i>

- (2.73) na-kfni (ind-dormir) *dormir*  
 (2.74) véi-kfni (neg-dormir) *não dormir*  
 (2.75) éi-ε-tá-ru (neg-3-morder-1) *ela não me mordeu*  
 (2.76) o-kíra (imp-ir) *vá!*  
 (2.77) ma-rogt-re (imp neg-comer-2) *não coma!*  
 (2.78) kái-rogt (enf-comer) *comer demais*  
 (2.79) da-mú-giri (dd-muito-intf) *ser muitíssimo*  
 (2.80) adi-ópf-giri (dn-vermelho-intf) *ser muito vermelho*

Alguns desses prefixos impõem restrições ao seu uso. O prefixo kái- *enfático* só ocorre com temas intransitivos e descritivos. Os prefixos descritivos, da- e adi-, geralmente marcam um tema composto com a partícula intensificadora giri. O prefixo véi- *negativo* tem diferentes realizações em flutuação: véi-, éi-, i- e vi-. Quando este prefixo marca um tema flexionado na primeira pessoa do singular ou na segunda pessoa, os marcadores das flexões pessoais realizam-se respectivamente -ru e -rehe (v.2.3.2.3).

O prefixo ma- *imperativo negativo* ocorre com um marcador pessoal de segunda pessoa, o sufixo -re, que aparece em determinadas estruturas (v.2.3.2.3.).

O prefixo na- é o mais produtivo. Realiza-se diante de uma locução para transformá-la em oração:

- (2.81a) i-kf go-gáreJayé (3-ovo det-galinha) *ovo de galinha*  
 (2.81b) na-i-kf go-gáreJayé  
 (ind-3-ovo det-galinha)  
*a galinha tem ovo*

#### 2.3.2.2. Flexão aspectual

A flexão aspectual manifesta-se conforme a seguinte tabela:

TABELA 2.4.

tá-	<i>desiderativo</i>
ra-	<i>iterativo</i>
bo-	<i>inceptivo</i>
g <sup>w</sup> á-	<i>progressivo</i>
í-	<i>obligatório</i>
tí-	<i>proibitivo</i>
ma-	<i>imperfectivo</i>
pa-	<i>intensivo</i>

A ilustração desses marcadores aspectuais encontra-se nos seguintes exemplos:

- (2.82) tá-ro (des-comer) *querer comer*  
 (2.83) r-áčígf (ite-cair) *cair frequentemente*  
 (2.84) bo-tígf (inc-falar) *começar a falar*  
 (2.85) g<sup>w</sup>á-hëgigi (prog-fumar) *estar fumando*  
 (2.86) í-kayé (obr-chamar) *ter que chamar*  
 (2.87) tí-tá (prob-morder) *ser proibido morder*  
 (2.88) ma-rogf (impf-comer) *comia*  
 (2.89) pa-kfni (ints-dormir) *dormir profundamente*

Os verbos descritivos e o auxiliar não se flexionam em aspecto.

Os prefixos aspectuais, como os modais, têm algumas restrições ao seu emprego. Os prefixos bo- *inceptivo*, í- *obligatório* e ma- *imperfectivo*, não admitem prefixos modais. O prefixo *progressivo* g<sup>w</sup>á- só pode ser precedido pe-

lo prefixo modal *na-* *indicativo*. O marcador *tí-* *proibitivo* é precedido obrigatoriamente pelo prefixo *negativo véi-*; e o marcador *intensivo pa-* pode ser precedido por *kái-* ou *véi-*, marcadores *enfático* e *negativo* respectivamente.

A flexão *desiderativa* tem dois alomorfes distribuídos por duas classes de temas, *tá-* e *atá-*:

(2.90) *tá-gábogehi*

(des-fazer queimar)

*querer fazer queimar*

(2.91) *at-ánunig†* (des-trabalhar) *querer trabalhar*

A flexão *iterativa* também tem dois alomorfes, *ra-* e *ro-*, cada um deles usado com uma classe de temas:

(2.92) *ra-rog†* (ite-comer) *comer freqüentemente*

(2.93) *ro-bú* (ite-fugir) *fugir à toa*

### 2.3.2.3. Flexão pessoal

A flexão pessoal dos verbos apresenta uma grande complexidade. Ela se realiza por prefixos ou sufixos obedecendo a diversos padrões.

Trataremos primeiramente da flexão pessoal dos verbos transitivos. Os verbos intransitivos e descritivos flexionam-se da mesma forma e serão, portanto, tratados em conjunto. O verbo auxiliar flexiona-se como os transitivos.

Os verbos transitivos flexionam-se segundo a tabela a abaixo, quando apenas o referente do sujeito está expresso, como em:

(2.94) *n-ε-ro g-ég††† go-čfadá*

(ind-3-comer det-peixe det-fruta)

*peixe come fruta*

TABELA 2.5.

1	-yo
2	g <sup>w</sup> a-
3	e-
1d	ga-
1p	ja-
3p	be-

O uso desses afixos pode ser exemplificado através das seguintes estruturas:

(2.95) na-ro-yo g-égĩtĩ  
 (ind-comer-1 det-peixe)  
*como peixe*

(2.96) na-g<sup>w</sup>a-ro go-čĩadá  
 (ind-2-comer det-fruta)  
*comes fruta*

(2.97) n-e-ro go-rĩ  
 (ind-3-comer det-carne)  
*ele come carne*

(2.98) gókó ma-ga-bagáki  
 (nōs impf-1d-bater)  
*nōs batemos nele*

(2.99) ma-ja-kayé-ĩĩ  
 (impf-1p-chamar-gen)  
*chamamos todos*

(2.100) da-be-kĩ  
 (o que-3p-pescar)  
*o que eles pescam?*

Quando o verbo flexiona-se para expressar as funções de sujeito e de objeto, os afixos manifestam-se de acordo com o quadro abaixo:

QUADRO 2.1.

Sujeito \ Objeto	1	2	3	1d	1p	3p
1		∅	-yo			-yo
2	g <sup>w</sup> a-		g <sup>w</sup> a-		g <sup>w</sup> a-	g <sup>w</sup> a-
3	ε-	ε-		∅	∅	ε-
1d			ga-			ga-
1p		ja-	ja-			ja-
3p	bε-	bε-	bε-	∅	∅	
	-yo	-he	∅	gε-	je-	∅

(Os espaços anulados referem-se à reflexividade (combinações 1-1, 2-2, etc.) ou às impossibilidades pragmáticas (combinações 1-1d, 1-1p, etc.). A reflexividade é marcada por partícula (v.2.4.7.). Os marcadores subjetivos ocupam a parte superior esquerda de cada espaço, enquanto os marcadores objetivos ocupam a parte inferior direita).

Usaremos o verbo *bagáki bater* para ilustrar essas combinações:

- (2.101) na-bagáki-he (ind-bater-2) *bato em você (s)*  
 (2.102) na-bagáki-o (ind-bater-1) *bato nele(s)*  
 (2.103) na-g<sup>w</sup>a-bagáki-o (ind-2-bater-1) *bates em mim*  
 (2.104) na-g<sup>w</sup>a-bagáki (ind-2-bater) *bates nele(s)*  
 (2.105) na-g<sup>w</sup>a-ja-bagáki (ind-2-1p-bater) *bates em nós*  
 (2.106) n-ε-bagáki-o (ind-3-bater-1) *ele bate em mim*  
 (2.107) n-ε-bagáki-he (ind-3-bater-2) *ele bate em você(s)*  
 (2.108) na-gε-bagáki (ind-1d-bater) *ele(s) bate(m) em nós*  
 (2.109) na-je-bagáki (ind-1p-bater) *ele(s) bate(m) em nós*  
 (2.110) n-ε-bagáki (ind-3-bater) *ele bate no outro(s)*  
 (2.111) na-ga-bagáki (ind-1d-bater) *batemos nele(s)*  
 (2.112) na-ja-bagáki-he (ind-1p-bater-2) *batemos em você(s)*  
 (2.113) na-ja-bagáki (ind-1p-bater) *batemos nele(s)*  
 (2.114) na-be-bagáki-o (ind-3p-bater-1) *batem em mim*  
 (2.115) na-be-bagáki-he (ind-3p-bater-2) *batem em você(s)*  
 (2.116) na-be-bagáki (ind-3p-bater) *batem nele(s)*

São 36 as possibilidades de combinação dos afixos flexionais, mas excluídos os seis casos de reflexivização e os oito casos de restrições pragmáticas, restam 22 combinações possíveis. Dessas, seis são combinações de um prefixo com um sufixo (2-1, 3-1, etc.), e quinze são casos que se manifestam por apenas um prefixo ou por um sufixo combinado com um elemento que não tem expressão morfológica e realiza-se pelo morfema zero (1-2, 1-3, etc.).

Pelo quadro 1, fazendo-se uma leitura horizontal, linha superior, para a função de sujeito, e uma leitura vertical, à direita da coluna, para a função de objeto, pode-se observar que os casos em que o sujeito manifesta-se pelo morfema zero são aqueles em que predir-se-ia um acúmulo de dois prefixos ou de dois sufixos: 1-2 \* (-yo-he) *eu te*;

3-1d \* (ε-gε-) *ele nos*. Mas essas combinações não ocorrem. Podemos afirmar, portanto, que nos casos de acúmulo de dois prefixos ou de dois sufixos um deles sofre elisão, aquele que expressa a função subjetiva.

Entretanto há uma combinação de dois prefixos, ambos realizando-se plenamente, o agrupamento 2-1p *você nos*. De fato, esse caso único tem poucos dados no corpus, possivelmente devido a dois fatores. Primeiro, porque essa combinação só ocorre quando 1p *nos*, que pode ser inclusivo ou exclusivo, é exclusivo por razões pragmáticas e de interpretação difícil para a informante. Segundo, porque essa combinação pode ser manifestada sem a flexão objetiva, através de construções com o pronome *haʃiókó nós* ou com a partícula *ʃi generalizador*:

(2.117) ma-gʷa-ʃa-kayé (impf-2-1p-chamar) *você nos chamou*

(2.118) ma-gʷa-kayé *haʃiókó*

(impf-2-chamar nós)

*você chamou a nós*

(2.119) ma-gʷa-kayé-ʃi

(impf-2-chamar-todos)

*você chamou a todos*

Observe-se ainda que nesta combinação 2-1p, os prefixos *gʷa-ʃa-* ordenam-se de acordo com o comportamento geral da língua, em que o sujeito precede o objeto.

Quanto à realização *ʃa- 1p* para marcar a flexão objetiva, temos a observar que ela é discrepante com as outras realizações dessa flexão, que se expressam *ʃε- 1p*, paralelamente a *gε- 1d*.

Temos duas alternativas para explicar essas manifestações: focalizando o problema nas combinações 3-1p, 3-1d,

3p-1p e 3p-1d; ou na combinação 2-1p.

A primeira alternativa pressupõe que essas combinações são expressões sincrônicas, resultantes de uma mutação diacrônica em três etapas: neutralização entre as terceiras pessoas do singular e do plural ( $\epsilon-$ ,  $be-$   $\rightarrow$   $\epsilon-$ ); harmonia vocálica ( $\epsilon-ga-$ ,  $\epsilon-ja-$   $\rightarrow$   $\epsilon-ge-$ ,  $\epsilon-je-$ ) e elisão da vogal inicial ( $\epsilon-ge-$ ,  $\epsilon-je-$   $\rightarrow$   $ge-$ ,  $je-$ ). Há boa motivação para essa interpretação, uma vez que esses processos são frequentemente empregados na língua.

A segunda alternativa pressupõe que o prefixo que marca a primeira pessoa do plural para o caso objetivo é  $je-$  em todas as combinações, mas que a vogal desse prefixo sofre harmonia vocálica quando em combinação com o marcador  $gwa-$ . Assim,  $gwa-je-$   $\rightarrow$   $gwa-ja-$  por assimilação de traços.

A primeira alternativa de interpretação apela para uma explicação diacrônica e faz uso de três regras, mas por outro lado explica a elisão da marca de sujeito. Enquanto a segunda alternativa dá conta do problema sincronicamente e faz uso de apenas uma regra, a de harmonia vocálica. Acreditamos que essa segunda alternativa é mais convincente e mais econômica. Quanto ao desaparecimento da marca morfológica da flexão de sujeito, este não é um fato estranho à língua. Todos os referentes de sujeito, que na combinação deveriam ser expressos por um afixo de posição coincidente com o da outra flexão, são realizados pelo morfema zero.

Os verbos intransitivos e descritivos flexionam-se de acordo com a seguinte tabela:

TABELA 2.6

1	-yo
2	-he
3	∅
1d	ga-
1p	ja-
3p	be-

Os seguintes exemplos ilustrarão essas flexões:

(2.120) tofɛ́-yo (bem grande-1) *sou bem grande*

(2.121) n-ákʷó-he (ind-branco-2) *és branca*

(2.122) n-áčíɣɤ (ind-cair) *ele cai*

(2.123) na-g-áčíɣɤ (ind-1d-cair) *caímos*

(2.124) na-ja-kfni (ind-1p-dormir) *dormimos*

(2.125) na-be-kfni (ind-3p-dormir) *dormem*

Observe-se que as marcas de flexão de sujeito dos verbos intransitivos e descritivos no singular são as mesmas daquelas dos objetos.

Neste ponto vale a pena fazer algumas observações sobre as alomorfias da flexão pessoal.

A flexão da primeira pessoa do singular, além de -yo, tem o alomorfe -ru, que se realiza em determinadas estruturas marcadas por partículas conjuntivas e nos enunciados negativos marcados pelo modal véi-:

(2.126) n-ógógɤ-yo da kíɣɤ-ru

(ind-beber água-1 conj. sede-1)

*bebo água quando tenho sede*

(2.127) véi-juára-ru (neg-saber-1) *não sei*

A flexão de segunda pessoa tem uma realização -re que se expressa juntamente com o sufixo -he, -rehe, com distribuição análoga a do sufixo -ru acima descrito:

(2.128) dagʷá kí-rehe (o que pescar-2) *o que pescas?*

(2.129) véi-kfni-rehe (neg-dormir-2) *não dormes*

A primeira pessoa do singular e a segunda pessoa têm, portanto, uma marca especial, tanto para os enunciados negativos, como para os marcados por determinadas partículas conjuntivas (v.2.4.6.).

O imperativo negativo (v.2.3.2.1.) realiza-se pelo prefixo ma- e por um sufixo -re, que ocorrem simultaneamente.

Há duas alternativas de interpretação para o sufixo -re, que ocorre com a flexão imperativa negativa: a primeira, que esse sufixo é parte da manifestação da flexão, formando com ma- um morfema descontínuo. A segunda, que esse sufixo é um marcador obrigatório de segunda pessoa em enunciados negativos.

A primeira alternativa acarreta o problema de perda da generalização dos marcadores modais, que são todos prefixais. A segunda alternativa, além de manter a generalização sobre os modais, reforça uma generalização sobre a flexão pessoal de segunda pessoa, que terá esse marcador obrigatório nas negativas.

Se o imperativo é uma ordem, esta só pode ser concebida, em termos pragmáticos, de falante para ouvinte. É compreensível, portanto, interpretar o sufixo -re como um marcador de segunda pessoa. Por outro lado, o imperativo não requer a flexão pessoal -he. Assim, o imperativo negativo requer somente o marcador subordinado:

(2.130) ma-gũ-re (imp neg-matar-2) *não mate!*

Essas manifestações da primeira pessoa do singular e da segunda pessoa são realizações morfológicas determinadas por condicionamento sintático.

A flexão da terceira pessoa do singular tem dois alomorfes que marcam diferentes temas, e- e i-:

(2.131) e-ro (3-comer) *ele come*

(2.132) i-óg<sup>wa</sup> (3-lavar) *ele lava*

Essa alomorfia verifica-se também na flexão de terceira pessoa do singular dos substantivos (v.2.1.2.). Mas enquanto o alomorfe i- é o mais produtivo com relação aos substantivos, o alomorfe e- é o mais produtivo quanto aos verbos.

Faremos agora um resumo geral da flexão pessoal dos verbos:

TABELA 2.7.

	Sujeito de transitivos	Sujeito de intr/descri	Objeto
1	-yo	-yo	-yo
2	g <sup>wa</sup> -	-he	-he
3	e-	∅	∅
1d	ga-	ga-	ge-
1p	ja-	ja-	je-
3p	be-	be-	∅

Por essa tabela podemos verificar que a flexão da primeira pessoa do singular realiza-se pelo prefixo -yo para exercer qualquer função, quer de sujeito de verbo transiti

vo, quer de sujeito de verbo intransitivo e descritivo, assim como a função de objeto.

A segunda e terceira pessoas do singular expressam-se por marcadores que seguem um padrão diferente do da primeira pessoa, pois cada uma dessas pessoas é representada por um afixo para a função de sujeito dos verbos transitivos, e outro para as funções de sujeito dos verbos intransitivos/descritivos e de objeto.

As três pessoas do plural, entretanto, não seguem nem o padrão adotado para a primeira pessoa do singular, nem o adotado para as segunda e terceira pessoas do singular. Toda a manifestação dual e plural expressa-se por prefixos que marcam a função de sujeito, de verbos transitivos e intransitivos/descritivos, enquanto a função de objeto é marcada por outros prefixos.

Neste ponto podemos afirmar que a flexão pessoal dos verbos em Guatō expressa-se por afixos que caracterizam um sistema misto. Esta língua não só contrasta o sistema nominativo/acusativo, como em português, mas também contrasta o sistema ergativo/absolutivo para pessoas diferentes. Além disso, ela tem um padrão para a primeira pessoa do singular que neutraliza os contrastes desses dois sistemas.

Os marcadores da segunda pessoa e da terceira pessoa do singular são expressões morfológicas que valorizam a dicotomia *agente/paciente*, caracterizada pelos prefixos *g<sup>wa</sup>-* 2 e *ε-* 3, por um lado, e pelos sufixos *-he* 2 e *∅* 3, por outro lado, um contraste típico do sistema ergativo/absolutivo, em que a função do *agente* tem uma marca distinta da função do *paciente*. Enfatizamos *agente* e *paciente* porque

essas noções não são completamente satisfatórias, mas elas sugerem melhor o valor semântico-gramatical dessas marcas do que as noções de sujeito e objeto. Temos usado esta dicotomia não só por uma questão de clareza, mas também porque sujeito/objeto dão conta de um maior número de afixos pessoais.

Os marcadores da primeira pessoa dual e primeira e terceira pessoas plural apresentam expressões morfológicas que valorizam a dicotomia sujeito/objeto, caracterizada pelos contrastes dos prefixos *ga- 1d*, *ja- 1p* e *be- 3p*, por um lado, para expressar o sujeito; enquanto que os prefixos *ge- 1d*, *je- 1p* e  $\emptyset$  *3p*, por outro lado, marcam a função do objeto. Este é um contraste típico do sistema nominativo/acusativo, em que a função do sujeito tem marca distinta da função do objeto.

O Guatõ usa, assim, três padrões diferentes para manifestar a flexão pessoal verbal. Um padrão para a primeira pessoa do singular, uma neutralização entre sistemas; outro padrão para a segunda pessoa e a terceira do singular, um sistema ergativo/absolutivo e, ainda, outro padrão para as pessoas dual e plural, um sistema nominativo/acusativo. São três padrões distintos, em sentido restrito, para representar um sistema tripartido, em sentido lato.

Embora essas manifestações sejam expressas através de marcas puramente morfológicas, temos evidência suficiente para afirmar que o Guatõ não somente é uma língua *split*, uma língua que se divide no uso de sistemas, mas também apresenta uma divisão *suí generis*, pois se subdivide no singular em dois padrões, em oposição a um terceiro para o plural.

## 2.4. Partículas

As partículas são palavras invariáveis, que têm de uma a muitas sílabas.

O fato das partículas não se flexionarem, torna-as distintas das demais classes de palavras; enquanto suas posições com relação às raízes das palavras flexionais distinguem-nas dos afixos. Elas podem preceder prefixos ou seguir sufixos flexionais:

(2.133) giri go-dé (este det-homem) *este homem*

(2.134) ó-yo gáde (falante/ouvinte-l hab) *eu era*

As bases das partículas, seus temas, podem ser simples, quando constituídas por uma única raiz, mahĩ lã; ou compostas, quando constituídas por mais de uma raiz:

(2.135) mahĩ-giri (lã-intf) *lã longe*

Algumas partículas parecem ter temas compostos constituídos por várias raízes aglutinadas que são indivisíveis sincronicamente.<sup>3</sup>

Muitas partículas funcionam como vocábulo fonológico,<sup>4</sup> outras têm que apoiar-se em palavra contígua para formar com ela um vocábulo fonológico (Câmara, 1959 : 100-105). Por este motivo, parece-nos adequado interpretar as partículas como formas livres e dependentes. As partículas formas livres são as que têm autonomia de realização, podendo constituir sozinhas um enunciado: čéne *um*, máké *ontem*, éigo *não*. As formas dependentes são aquelas que não se constituem em enunciado: giri *intensificador*, jĩ *generalizador*, déra *o que?*. A interpretação destas partículas como formas dependentes é bastante conveniente para dar conta dos dois comportamentos distintos das palavras não fle-

xionais em Guatō. A definição de forma dependente, *autônoma embora nunca apareça isolada* (Câmara, 1959:104), adēqua-se às partículas que, por apresentarem dependência fonológica, nunca ocorrem sozinhas. Chamaremos as primeiras de partículas Classe I e as que têm dependência de realização, de partículas Classe II. Não cabe tratar as partículas Classe II como clíticos, pois isto implicaria em conceituá-las como partículas átonas, o que não se justifica para o Guatō.

As partículas exercem diferentes funções no enunciado. Elas foram divididas em seis tipos distintos, de acordo com suas propriedades semânticas e funções gramaticais: interrogativas, demonstrativas, temporais, numerais, prepositivas e conjuntivas. Outras partículas que não puderam ser agrupadas com as demais, foram tratadas separadamente (v.2.4.7.).

#### 2.4.1. Partículas interrogativas

As palavras interrogativas antepõem-se ao enunciado para constituir perguntas que requerem respostas abertas ou não nucleares. Elas indagam sobre o sujeito, o objeto, o possuidor, o tempo, o modo, a quantidade, o motivo e o lugar.

a) As partículas que indagam sobre o sujeito são assim distribuīdas:

Sujeito de	Sujeito de
transitivo	intr/descri
dí quem (Classe II)	déhega quem (Classe I)
	déra o que (Classe II)

(2.136) dī gū-dī go-ve

(quem matar-aux det-cachorro)

*quem matou o cachorro?*

(2.137) déhega g-áčíḡḡ

(o que det-cair)

*quem caiu? de quem foi a queda?*

(2.138) déra g-áčíḡḡ

(o que det-cair)

*o que caiu? de que foi a queda?*

As palavras que indagam sobre o sujeito de verbo intransitivo/descritivo têm os seguintes traços: déhega[+ humano]; e déra[- humano]

Algumas construções interrogativas requerem o uso do auxiliar dī (v.3.3.2.).

A partícula dī *quem*, marcador ergativo, requer uma estrutura com o auxiliar dī, quando o verbo é transitivo e o objeto está expresso:

(2.139) dī dóki-dī go-rī

(quem trazer-aux det-carne)

*quem trouxe a carne?*

Se o objeto não estiver expresso, a estrutura não requer o verbo auxiliar:

(2.140) dī tī (quem falar) *quem falou?*

As partículas déhega *quem* e déra *o que*, marcadores absolutivos, requerem um substantivo ou palavra substantivada marcada por afixos flexionais substantivos (v. exemplos 2.137 e 2.138). déra também pode vir seguida por partícula demonstrativa:

(2.141) déra mani (o que isso) *o que é isso?*

b) As partículas que indagam sobre o objeto têm

a mesma distribuição daquelas do sujeito de verbo intransitivo/descritivo, descrita acima:

Objeto

déhega *a quem* (Classe I)

déra *o que* (Classe II)

(2.142) déhega e-bagáki (quem 3-bater) *em quem ele bateu?*

(2.143) déra gwa-jó (o que 2-ver) *o que você vê?*

A especialização dessas partículas para interrogar sobre o sujeito de verbo transitivo, por um lado, e sujeito de verbo intransitivo e objeto, por outro lado, é mais uma evidência de que o Guatō faz uso do sistema ergativo/absolutivo.

Não temos dados para afirmar que os verbos descritivos têm comportamento semelhante ao dos verbos intransitivos, nesse particular, mas por todo o paralelismo entre essas duas classes de verbos, presumimos, por inferência analógica, que também nas interrogativas o verbo descritivo segue os padrões do verbo intransitivo.

c) A partícula díheká *de quem* inquire sobre o possuidor e funciona como partícula Classe I. Ela é seguida de substantivo ou de partícula demonstrativa:

(2.144) díheká g-óvi (de quem det-casa) *de quem é a casa?*

(2.145) díheká mani (de quem isso) *de quem é isso?*

d) Duas partículas são usadas para interrogar sobre o tempo, dávékígí e dígwe:

dávékígí *quando*, Classe I, é seguida por uma estrutura marcada pela partícula conjuntiva da. O verbo dessa estrutura é um verbo direcional intransitivo:

(2.146) dávékígí da e-dekíjá

(quando conj 3-vir)

*quando ele vem?*

*dígwe quando*, Classe I, é também seguida por estrutura marcada pela partícula conjuntiva *da*, mas o verbo da estrutura é um verbo não direcional:

(2.147) *dígwe da g<sup>w</sup>a-gū g-épagu*  
 (quando conj 2-matar det-bicho)  
*quando você mata bicho?*

e) A partícula *dári como*, Classe II, é empregada para perguntar sobre o modo. Ela requer uma estrutura que a segue sem marcador específico. O verbo dessa estrutura, normalmente um verbo transitivo, é flexionado por prefixo ergativo:

(2.148) *dári g<sup>w</sup>a-ro (como 2-comer) como você come?*

Esta partícula também ocorre em uma estrutura com o auxiliar *di*, que por sua vez é seguida por uma outra estrutura marcada ou pela partícula conjuntiva *da*, ou pela partícula conjuntiva *g<sup>w</sup>a* (v.3.3.2.).

f) A partícula *dépu quanto*, Classe II, é usada para inquirir sobre a quantidade e é seguida de substantivo:

(2.149) *dépu g<sup>w</sup>-óki (quanto 2-beber) quanto você bebe?*

g) A partícula *dág<sup>w</sup>ágúga por quê*, Classe I, é usada quando se espera como resposta o modo ou o motivo. Ela ocorre isoladamente:

(2.150) *dág<sup>w</sup>ágúga por quê?*

h) Há várias formas de interrogar sobre o locativo. As partículas *héhe*, *dáhe*, *heg<sup>w</sup>á*, *dag<sup>w</sup>á*, *yo* e *yog<sup>w</sup>á* são usadas nessas perguntas e ocorrem com a seguinte distribuição:

*héhe onde*, Classe I, realiza-se isoladamente:

(2.151) *héhe onde está? cadê?*

dáhe *onde*, Classe I, pergunta onde está o ser que tenha o traço [-humano]. Esta partícula é seguida por substantivo:

(2.152) dáhe go-gʷ (onde det-banha) *onde está a banha?*

heg<sup>wá</sup> e dag<sup>wá</sup> *onde*, ambas partículas Classe II, indagam onde ocorre ou ocorreu a ação. Essas palavras aparecem nas mesmas construções, mas provavelmente têm distribuição diversa que não nos foi possível estabelecer. Elas são seguidas por estruturas cujo verbo é flexionado por marcadores que se combinam com temas intransitivos, absolutivos portanto. Na primeira pessoa do singular e na segunda pessoa esses marcadores são, respectivamente, -ru e -rehe.

(2.153) heg<sup>wá</sup> kfni-rehe (onde dormir-2) *onde você dorme?*

(2.154) dag<sup>wá</sup> kfni-rehe (onde dormir-2) *onde você dorme?*

yo *onde*, Classe II, precede verbos transitivos flexionados por prefixos ergativos e requer uma resposta sobre onde a ação ocorrerá:

(2.155) yo g<sup>wá</sup>-gábogehi go-ta

(onde 2-acender det-fogo)

*onde você vai acender o fogo?*

yog<sup>wá</sup> *onde*, Classe II, precede verbos flexionados por sufixos que se combinam com verbos intransitivos, marcadores absolutivos, e também requer como resposta o local onde a ação irá ocorrer. A primeira pessoa do singular e a segunda pessoa são flexionadas por -ru e -rehe respectivamente.

(2.156) yog<sup>wá</sup> kfni-ru (onde dormir-1) *onde vou dormir?*

A distribuição de yo e yog<sup>wá</sup> é mais uma evidência morfológica de que o Guatō faz uso do sistema ergativo/absolu

tivo.

#### 2.4.2. Partículas demonstrativas

Quatro palavras demonstrativas indicam três graus de distância relativa do objeto em foco: próximo do falante, próximo do ouvinte e afastado de ambos.

a) giri *este* é uma partícula Classe I que sempre precede um substantivo:

(2.157) giri g-akú (este det-pedra) *esta pedra*

b) gíne *aqui*, partícula Classe I, tem maior mobilidade no enunciado, geralmente segue verbo ou substantivo e pode preceder verbo:

(2.158) na-kfni-o gíne (ind-dormir-1 aqui) *durmo aqui*

(2.159) go-bó gíne (det-fumo aqui) *o fumo está aqui*

(2.160) gíne na-gu (aqui ind-ter) *aqui tem*

c) mani *esse* é uma partícula Classe I que geralmente antepõe-se a um substantivo:

(2.161) mani g-adá (esse det-árvore) *essa árvore*

d) mahĩ *aquele*, partícula Classe I, pode ou não antepor-se a substantivos. É muito comum a aglutinação desta partícula com giri *intensificador*:

(2.162) mahĩ go-dé (aquele det-homem) *aquele homem*

(2.163) mahĩ-giri *aquele lá*

#### 2.4.3. Partículas temporais

A estrutura morfológica dessas palavras é de grande complexidade, pois algumas delas englobam raízes reconhecidamente substantivas, áčó *dia*, tai *ano*, marcadores típicos

aspectuais, *bo-* *inceptivo*, *ra-* *freqüentativo*. Aparentemente as formas sincrônicas dessas palavras são o resultado de formas nominais e/ou verbais que teriam se estruturado diacronicamente resultando, em certo momento da evolução da língua, em formas cristalizadas.

As partículas temporais depreendidas, geralmente ocorrem após a estrutura à qual imprimem a noção de tempo.

a) *digŕ agora*, Classe I:

(2.164) *ma-kfni-re digŕ*  
 (imp neg-dormir-2 agora)  
*não durma agora!*

b) *gáčóni hoje*, Classe I:

(2.165) *véi-ε-rogŕ gáčóni*  
 (neg-3-comer hoje)  
*ele não comeu hoje*

c) *čógani amanhã*, Classe I:

(2.166) *na-rogŕ-ti čógani*  
 (ind-comer-fut amanhã)  
*ele vai comer amanhã*

d) *máké ontem*, Classe I:

(2.167) *na-kfni-o máké*  
 (ind-dormir-1 ontem)  
*dormi ontem*

e) *dóborag<sup>w</sup>ačo cedo*, Classe I:

(2.168) *na-féjŕiča-yo dóborag<sup>w</sup>ačo*  
 (ind-acordar-1 cedo)  
*acordo cedo*

f) *dobotaye tarde*, Classe I:

(2.169) *véi-áyékŕ-cu dobotaye*  
 (neg-deitar-1 tarde)  
*não deito tarde*

g) *dekí antes*, Classe I:

- (2.170) go-dé ma-e-ti dekí da e-ti g-évf  
 (det-homem impf-3-falar antes conj 3-falar det-mulher)  
*o homem falou antes da mulher falar*

h) *dakohe depois*, Classe I:

- (2.171) g-évf ma-e-ti dakohe go-dé  
 (det-mulher impf-3-falar depois det-homem)  
*a mulher falou depois do homem*

i) Três partículas indicam ação completa:

*ga punctual*, Classe II, refere-se ao momento em que a ação se completou:

- (2.172) na-kí-ga máké  
 (ind-pescar-punc ontem)  
*ele pescou ontem*

*de difuso*, Classe II, não define o momento em que ocorreu a ação:

- (2.173) n-óčadeá-de-he (ind-caçar-dif-2) 'você caçou  
*gáde habitual* Classe II, indica que a ação costumava acontecer:

- (2.174) na-gwa-nuna-gáde  
 (ind-2-trabalhar-hab)  
*você trabalhava*

j) A partícula *ti futuro*, Classe II, indica que a ação está por acontecer:

- (2.175) n-ótí-ti-he (ind-falar-fut-2) *você vai falar*

#### 2.4.4. Partículas numerais

Os numerais são representados por um conjunto de palavras que formam um sistema de base quinária até o número

20 e um sistema decimal acima de 20, com representação numérica bastante elevada.<sup>5</sup>

Um número pode ser representado por apenas uma partícula, čéne *um*; por partículas aglutinadas, díčero-kwá *cinquenta*; ou por um conjunto de palavras, čéne gwátehe *cem*.

Foram depreendidas 17 partículas de numerais, mas provavelmente há um maior número delas. Essas partículas formam um conjunto fechado de palavras.

Duas raízes substantivas participam da formação de números: rá *mão* e bo *pé*, que na maioria das vezes aparecem flexionadas na terceira pessoa do singular: i-rá (3-mão) *mão dele*, i-bo (3-pé) *pé dele*.

As 17 partículas depreendidas são as seguintes:

TABELA 2.8.

čéne	<i>um</i>	vī	<i>comp 15, 20</i>
dúni	<i>dois</i>	dečúa	<i>comp 16-19</i>
čúmu	<i>três</i>	kwá	<i>comp 20, 40, 50</i>
rékai	<i>quatro</i>	keda	<i>comp 40</i>
tóhe	<i>comp 5</i>	díčero	<i>comp 50</i>
kaéka	<i>comp 6-9</i>	gwátehe	<i>centena</i>
nu	<i>comp 10</i>	édé	<i>milhar</i>
kí	<i>comp 10, 30</i>	yá	<i>comp 1-5 após 20</i>
ká	<i>comp 15</i>		

Oito raízes depreendidas são formas livres, Classe I: as que indicam os números 1, 2, 3, 4; a que participa dos números 6-9; a que forma os números 16-19 e as palavras

g<sup>w</sup>átehe *centena* e édé *milhar*. Essas palavras constituem-se em vocábulos fonológicos e não há evidência de que elas sejam morfemas aglutinados.

O valor atribuído à partícula édé *milhar* é um valor arbitrário, resultado da interpretação de que esta partícula forma números além daqueles formados para centenas.

Os números são representados por um vocábulo fonológico, ou por um conjunto de dois ou três vocábulos, dos quais pudemos isolar até dez morfemas:

(2.176) čéne i-bo (um 3-pē) *onze*

(2.177) dúni kaéka i-rá (dois comp 6-9 3-mão) *sete*

(2.178) dúni keda kwá i-bo rékai yá kaéka i-rá

(dois comp 40 comp 20,40,50 3-pē quatro comp 1-5  
após 20 comp 6-9 3-mão)

*quarenta e nove*<sup>6</sup>

Vale a pena observar que os números de 1-20 estruturaram-se com os números mais baixos, de 1-4, precedendo as outras palavras:

1	chéne	kaéka i-rá	6-9
2	dúni	i-bo	11-14
3	čúmu	dečúa	16-19
4	rékai		

(2.179) čéne kaéka i-rá (um comp 6-9 3-mão) *seis*

(2.180) dúni i-bo (dois 3-pē) *doze*

(2.181) čúmu dečúa (três comp 16-19) *dezoito*

As palavras que constituem o quinto elemento de cada conjunto, até o número 20, são palavras novas: tóherá *cinco*, kínu i-rá *dez*, kávtıbo *quinze* e kwávıbo *vinte*.

Os números a partir de vinte estruturaram-se começando pela palavra que marca a dezena, seguida pelos números mais

baixos e da partícula yá, conforme o seguinte esquema. São de dez em dez números aparece uma palavra nova.

	1-5	6-9
20 kwávTbo	čéneyá	kaéka i-rá
30 kwávTbo kíjjerá	dúniyá	
40 dúni kedakwá i-bo	čúmuyá	
50 díčerokwá	rékaiyá	
	tóheráyá	

(2.182) kwávTbo čéneyá *vinte e um*

(2.183) kwávTbo čéneyá kaéka i-rá *vinte e seis*

(2.184) kwávTbo kíjjerá dúniyá *trinta e dois*

(2.185) dúni kedakwá i-bo *tóheráyá quarenta e cinco*

Os números a partir de cem são formados começando pelos números mais baixos, seguidos da palavra gwátehe, depois da qual todo o padrão discutido se repete, com os números de 1-4 seguidos da partícula yá:

(2.186) čéne gwátehe *cem*

(2.187) čéne gwátehe čéneyá *cento e um*

(2.188) čéne gwátehe dúniyá *cento e dois*

A locução čéne gwátehe édé provavelmente significa dez mil, que é a primeira casa acima de mil:

(2.189) kínu i-rá gwátehe (dez cem) *mil*

(v. os números em seqüência no Anexo 3)

#### 2.4.5. Partículas prepositivas

As partículas prepositivas se antepõem às palavras com as quais se relacionam:

a) yo em, Classe II:

(2.190) yo go-jékʔ (em det-rio) *no rio*

b) yókívřča *dentro*, Classe I:

(2.191) yókívřča i-óví (dentro 3-casa) *dentro da casa dele*

c) yokayúča *fora*, Classe I:

(2.192) yokayúča i-óví (fora 3-casa) *fora da casa dele*

d) yokayu *sob*, Classe I:

(2.193) yokayu go-jěčaru (sob det-mesa) *em baixo da mesa*

e) kúvayuni *sobre*, Classe I:

(2.194) kúvayuni go-jěčaru (sobre det-mesa) *em cima da mesa*

#### 2.4.6. Partículas conjuntivas

As partículas conjuntivas se interpõem entre as estruturas que relacionam.

a) da *quando*, *para*, Classe II, liga a estrutura precedente à conseqüente com uma relação de causa ou efeito. A estrutura conseqüente flexiona-se na primeira pessoa do singular e na segunda pessoa pelos sufixos -ru e -rehe, respectivamente:

(2.195) n-ógógř-yo da kigř-ru

(ind-beber água-1 quando ter sede-1)

*bebo água quando tenho sede*

(2.196) dári gwa-di da ógógř-rehe

(como 2-aux para beber água-2)

*como você faz para beber água?*

*como você bebe água?*

b) g<sup>w</sup>á *para*, Classe II, liga duas estruturas com uma relação final ou explicativa. Esta partícula requer que na segunda estrutura o verbo se flexione pelo sufixo -ru, primeira pessoa do singular, e -rehe para a segunda pessoa:

(2.197) na-fédíča dóboragwačo gwá nunigf  
 (ind-despertar cedo para trabalhar)  
*acorda cedo para trabalhar*

(2.198) dekíjǎ-yo gwá kfni-ru  
 (vir-1 para dormir-1)  
*eu vim para dormir*

(2.199) dári gwa-di gwá kí-rehe  
 (como 2-aux para pescar-2)  
*como você faz para pescar?*  
*como você pesca?*

c) í *que*, Classe II, pronome relativo, antepõe-se à estrutura que relativiza:

(2.200) dóki-gáde go-tí í-ε-dóma-gáde  
 (trazer-hab det-farinha que 3-dar a você-hab)  
*ele trazia farinha que dava a você*

Muito freqüentemente esse pronome representa apenas um pronome pessoal, funcionando como oração:

(2.201) óhe í gũ go-ve  
 (você que matar det-cachorro)  
*foi você que matou o cachorro*

#### 2.4.7. Outras partículas

As seguintes partículas ocorrem nos contextos:

a) mēhē *pluralizador*, partícula Classe I, segue a palavra que pluraliza:

(2.202) n-ε-bagáki-he mēhē  
 (ind-3-bater-2 pl)  
*ele bate em vocês*

b) číná *reflexivo*, Classe II, precede a forma

verbal que reflexiviza:

(2.203) ɔ́nǎ be-ókʷari (refl 3p-ferir) *eles se feriram*

c) hūhū *partícula afirmativa*, Classe I, realiza-se isoladamente, seguida de pausa, para concordar com o enunciado anterior:

(2.204) hūhū (af) *sim*

d) éigo *partícula negativa*, Classe I, nega o enunciado anterior e é seguida de pausa:

(2.205) éigo (neg) *não*

e) í *partícula excludente*, Classe II, precede a palavra que modifica:

(2.206) í go-tá (excl det-chifre) *sem chifre*

f) gíri *partícula intensificadora*, Classe II, pospõe-se à palavra que intensifica. Esta partícula muito freqüentemente combina-se com raízes descritivas na formação de temas compostos:

(2.207) ad-ípé-gíri a-kf-ru

(dn-preto-intf 1-cabelo-1)

*meu cabelo é bem preto*

g) jT *partícula generalizadora*, Classe II, pospõe-se à palavra que generaliza. Muito comumente ela combina-se com raízes substantivas ou verbais na formação de temas compostos:

(2.208) n-ákʷari-jT go-ɓf

(ind-brilhar-gen det- estrela)

*as estrelas todas brilham*

(2.209) e-tóra-jT (3-filho-gen) *a filharada dele*

h) gɤ *partícula restritiva*, Classe II, pospõe-se à palavra que restringe:

(2.210) kadé-gɤ (homens-res) *só homens*

i) *gá* *partícula nominalizadora*, Classe II, antepõe-se à estrutura que nominaliza:

(2.211) na-juára-yo gá gí go-jéru  
 (ind-saber-1 nom plantar det-milho)  
*eu sei sobre o plantio de milho*  
*eu sei plantar milho*

(2.212) na-gwa-juára ga gábogehi go-ta  
 (ind-2-saber nom acender det-fogo)  
*você sabe acender o fogo*

j) vede *partícula incompletiva*, Classe II, antepõe-se à palavra que modifica:

(2.213) vede tǀ-ru (incpl falar-1) *ainda não falei*

k) tede *partícula completiva*, Classe II, precede a palavra à qual modifica:

(2.214) tede rogǀ-gáde (já comer-hab) *ele já comeu*

l) *íniradeáka* *partícula comparativa*, Classe I, o corre entre as estruturas que estabelece comparação:

(2.215) g-ódídé da-té-giri íniradeáka g-ódíjéǀǀ  
 (det-menininho dd-grande-muito do que det-menininha)  
*o menininho é maior do que a menininha*

m) *vidí* *partícula dubitativa*, Classe I, ocorre logo após o primeiro verbo do enunciado:

(2.216) na-topú vidí e-ro  
 (ind-muitíssimo dub 3-comer)  
*será que ele come muito?*

n) *ékage* *partícula ordinal*, Classe I, antepõe-se ao enunciado:

(2.217) *ékage* e-gápóyeni' go-ta  
 (primeiro 3-acender det-fogo)  
*primeiro ela acende o fogo*

Temos ainda registrada no corpus a partícula *éi segun*do, porém falta-nos contexto para exemplificá-la.

NOTAS:

- 1 A partir deste momento usaremos apenas transcrição fonêmica. Para maior clareza, os morfemas flexionais serão separados dos temas por hífen. Quando se fizer necessário, separaremos também por hífen os afixos derivacionais e as raízes de temas compostos e sublinharemos, nos exemplos e nas traduções literais entre parênteses, os itens que queremos relacionar.
- 2 O termo *flexionável* refere-se às raízes que têm o potencial de constituírem temas flexionais.
- 3 Embora não tenhamos evidência suficiente, temos a intuição de que muitas palavras, principalmente aquelas com mais de duas sílabas, resultam de temas compostos, aglutinação de pequenas partículas monossilábicas, que talvez já não possam ser decompostas. Conseguimos evidência no caso dos numerais; encontramos duas palavras relacionadas que têm uma parte comum (*dóboragwačo cedo* e *dobotaye tarde*) e reconhecemos *ki* em verbos direcionais como *tuki dar para mim*, *doki trazer*, mas essas evidências são insuficientes para montar paradigmas. Max Schmidt assim se refere à formação de palavras: "As palavras polissílabas, ..., são, em tão grande número, compostas de palavras monossílabas que não exageraremos, ..., si admitirmos que em todas as palavras polis-

sílabas hã realmente um composto de radicais, verificando-se assim que *o idioma guatõ é em geral uma linguagem monossilábica.*" (Schmidt, 1942:204). (Grifo do autor).

4 Usaremos *vocábulo fonológico* para o *vocábulo fonético* definido por Câmara (1959:100-105). Entendemos que *fono**lógico*, sendo mais abrangente, é mais adequado por referir-se não somente à realização fonética, como ao vocábulo fonemicamente enterpretado.

5 O sistema numeral em Guatõ é comentado por Castelnau (1949,2:319-321), que o compara aos sistemas usados por outros grupos indígenas brasileiros.

6 Este número pode ser interpretado:

dúni kedak <sup>wá</sup> i-bo	<i>duas vezes os pés de alguém</i>	40
rékai ya	<i>quatro e</i>	4
kaéka i-rá	<i>por, acrescentar a mão de alguém</i>	<u>5</u>
		49

No uso de i-bo assume-se que os dedos das mãos já estão incluídos. Assim, *duas vezes os pés de alguém*, subentende-se as mãos, inclusive.

\* A escolha da nomenclatura para identificar modo, aspecto, etc., é arbitrãria. Trata-se apenas de rótulos que sugerem as noções do que esses morfemas representam em Guatõ.

### 3. GRAMÁTICA: SINTAXE

Trataremos aqui das relações gramaticais entre as palavras. Primeiramente descreveremos os componentes dos sintagmas nominal, verbal e circunstancial. Em seguida focalizaremos as orações e, finalmente, alguns tipos de períodos.

#### 3.1. Sintagmas

##### 3.1.1. Sintagmas nominais

Os sintagmas nominais podem ser simples ou complexos. São simples quando constituídos apenas pelo núcleo, representado por um substantivo ou por um pronome:

- (3.1) go-dé (det-homem) *o homem*
- (3.2) m-óhaĵa (det-mulher) *a mulher*
- (3.3) n-úve (det-sol) *o sol*
- (3.4) a-tóra-ru (1-filho-1) *meu filho*
- (3.5) bi-re (3p-olho) *olhos deles*
- (3.6) óhe *você*
- (3.7) gókó *nós*

São complexos, quando ao núcleo acrescenta-se um outro sintagma como elemento periférico:

- (3.8) i-ki go-gáreĵayé  
(3-ovo det-galinha)  
*ovo de galinha*
- (3.9) e-tóra a-dúnhi-ru  
(3-filho 1-irmão-1)  
*filho do meu irmão*

- (3.10) óyo g-óví (eu det-casa) *minha casa*  
 (3.11) haĵiókó g-óví (nós det-casa) *nossa casa*  
 (3.12) mahĩ go-rápo (aquele det-morro) *aquele morro*  
 (3.13) giri g-etf (este det-menino) *este menino*  
 (3.14) óhe mēhē (vocē pl) *vocês*

Hã dois tipos de sintagmas nominais complexos: determinado e apositivo. Os sintagmas nominais determinados têm a periferia precedendo o núcleo e representada por um pronome, uma partícula determinante demonstrativa, ou por um número:

- (3.15) óyo g-óví (eu det-casa) *minha casa*  
 (3.16) haĵiókó g-óví (nós det-casa) *nossa casa*  
 (3.17) mahĩ go-rápo (aquele det-morro) *aquele morro*  
 (3.18) giri g-etf (este det-menino) *este menino*  
 (3.19) čúmu i-tana (três 3-raiz) *três raízes*  
 (3.20) čéne a-kwá-ru (um 1-dente-1) *um dente meu*  
 (3.21) rékai go-dé (quatro det-homem) *quatro homens*  
 (3.22) čéne kaéka i-rá a-dúnfhi-ru  
 (seis 1-irmão-1)  
*meus seis irmãos*

Os sintagmas nominais apositivos têm a periferia seguindo o núcleo. Eles podem ser qualificativos, locativos ou genitivos. Os qualificativos têm como periferia um substantivo marcado pelo prefixo determinativo go-:

- (3.23) g-égřtf g-áóča  
 (det-peixe det-cozido)  
*peixe cozido*  
 (3.24) a-tóra-ru g-óhaja'  
 (1-filho-1 det-mulher)  
*minha filha mulher*

O substantivo periférico tem muitas vezes como base uma raiz verbal descritiva não dimensional:

(3.25) g-ódá g-ítaví  
 (det-cesta det-pesada)  
*cesta pesada*

(3.26) g-óví g-ákʷó  
 (det-casa det-branca)  
*casa branca*

Os locativos têm como periferia um substantivo que no meia um lugar, flexionado pelo prefixo determinativo go-:

(3.27) g-očáǰá g-oǰáho  
 (det-cobra det-mato)  
*cobra do mato (que vive no mato)*

(3.28) g-égǰǰí go-ǰékǰ  
 (det-peixe det-rio)  
*peixe do rio (que vive no rio)*

Os genitivos têm como núcleo um substantivo representando o possuído e marcado por afixo possessivo, e como pe riferia um substantivo marcado pelo determinante go- ou por flexão possessiva:

(3.29) i-kǰ go-gáreǰayé  
 (3-ovo det-galinha)  
*ovo de galinha*

(3.30) i-pána g-ákʷo  
 (3-rabo det-macaco)  
*rabo do macaco*

(3.31) e-tǰra a-dúnǰhi-ru  
 (3-filho 1-irmão-1)  
*filho do meu irmão*

(3.32) i-kǰ g-obe (3-pai det-menino) *o pai do menino*

Os sintagmas nominais genitivos exprimem relações tanto entre uma parte e o todo como entre os parentes. A relação entre artefato e matéria é expressa por composição:

(3.33) ʃkf-pinu-ru

(panela-barro-1)

*minha panela de barro*

(3.34) m-ʃkf-vái

(det-panela-metal)

*a panela de ferro*

### 3.1.2. Sintagmas verbais

Os sintagmas verbais têm como núcleo um verbo transitivo, intransitivo ou descritivo:

(3.35) na-ʃa-kayé (ind-1p-chamar) *nós o chamamos*

(3.36) na-gwa-bagáki-o (ind-2-bater-1) *voce bate em mim*

(3.37) na-kfni-o (ind-dormir-1) *durmo*

(3.38) m-áčígf-he (impf-cair-2) *voce caiu*

(3.39) ad-ʃpégíri (dn-preto bastante) *é bastante preto*

(3.40) n-ákʷś (ind-branco) *é branco*

Se o núcleo do sintagma verbal for um verbo transitivo, o sintagma comportará uma periferia constituída pelo objeto, que geralmente o segue:

(3.41) na-ʃó-yo g-obe

(ind-ver-1 det-menino)

*vejo o menino*

(3.42) n-ókí-o g-ókídá

(ind-beber-1 det-chicha)

*bebo chicha*

## 3.1.3. Sintagmas circunstanciais

Os sintagmas circunstanciais têm como núcleo um substantivo ou uma partícula:

(3.43) g-afó (det-terra) *na terra*

(3.44) g-áfi (det-noite) *à noite*

(3.45) gíne *aqui*

(3.46) máké *ontem*

Estes sintagmas exprimem circunstâncias variadas: de tempo, lugar, instrumento, etc.

(3.47) na-roǵǵ-ti čógani  
(ind-comer-fut amanhã)

*ele vai comer amanhã*

(3.48) g-óhaǵa ma-ε-kágū i-ódá g-afó  
(det-mulher impf-3-por 3-cesta det-chão)

*a mulher pôs sua cesta no chão*

(3.49) na-kf-o go-dákf  
(ind-pescar-1 det-vara de pescar)

*pesco com vara*

As partículas que constituem o núcleo do sintagma circunstancial são demonstrativas, temporais, prepositivas.

(3.50) o-kfira mahī (imp-ir lá) *vá lá*

(3.51) na-i-gǵ gíne  
(ind-3-plantar aqui)

*planta aqui*

(3.52) na-kfni-ga-yo máké  
(ind-dormir-punc-1 ontem)

*dormi ontem*

Quando o núcleo do sintagma circunstancial for uma partícula prepositiva, haverá uma periferia constituída por um sintagma nominal, a qual segue o núcleo:

- (3.53) yo go-jékʔ na-i-gu g-ačá  
 (em det-rio ind-3-ter det-areia)  
*na beira do rio tem areia*
- (3.54) na-jǝ-yo g-obe yokayu go-jěčaru  
 (ind-ver-1 det-menino sob det-mesa)  
*vejo o menino debaixo da mesa*
- (3.55) na-jǝ-yo g-obe kúvayuni go-jěčaru  
 (ind-ver-1 det-menino sobre det-mesa)  
*vejo o menino em cima da mesa*
- (3.56) ε-tóra ma-tehe go i-kʔ  
 (3-filho impf-vir com 3-pai)  
*o filho veio com seu pai*
- (3.57) gʷa-ε-túyoha go-ro defčá g-ódá  
 (prog-3-tirar det-comida de det-cesta)  
*ela está tirando a comida da cesta*

Sintagmas circunstanciais que têm por núcleo uma partícula demonstrativa podem ser expandidos por aposição de um sintagma nominal:

- (3.58) o-kʔra mahʔ a-hiǝvi-ru  
 (imp-ir lã l-própria casa-1)  
*vã lã na minha casa*
- (3.59) na-i-gʔ gíne g-afó  
 (ind-3-plantar aqui det-terra)  
*ele planta aqui na terra*

### 3.2. Orações

As orações são divididas, quanto aos seus constituintes, em orações sem verbo e orações com verbo. Quanto às espécies, elas podem ser declarativas, interrogativas e imperativas. Em todas as orações o predicado normalmente precede o sujeito e demais constituintes.

#### 3.2.1. Orações sem verbo

Há vários tipos de orações sem verbo. Dependendo da estrutura resultante da combinação de sintagmas, as orações sem verbo podem ser: pronominais, equativas, possessivas e estativas.

##### a) Orações pronominais

As orações pronominais são constituídas por apenas um sintagma pronominal:

(3.60) *óyo sou eu*

(3.61) *óhe gáde (você hab) foi você, era você*

##### b) Orações equativas

As orações equativas são formadas por dois sintagmas nominais determinados, entre os quais se estabelece uma relação de equivalência:

(3.62) *ma-ĵayé g-ábó*

(det-ave det-juriti)

*a juriti é uma ave*

(3.63) *m-égŋtí g-óti*

(det-peixe det-piranha)

*a piranha é um peixe*

## c) Orações possessivas

As orações possessivas são constituídas por dois sintagmas nominais, dos quais o primeiro, que é o predicado, é marcado pelo prefixo modal *na-* e pelo prefixo de terceira pessoa:

(3.64) *na-i-ke go-gárejayé*  
(ind-3-ovo det-galinha)

*a galinha tem ovo*

(3.65) *na-i-jé e-gí*  
(ind-3-fruto 3-planta)

*a planta tem fruto*

(3.66) *na-i-tfjT e-gí*  
(ind-3-flores 3-planta)

*a planta tem flores*

(3.67) *na-i-pána g-ákwo*  
(ind-3-rabo det-macaco)

*o macaco tem rabo*

(3.68) *na-i-tf g-ojáho*  
(ind-3-flor det-mato)

*há flor no mato, o mato tem flor*

Quando topicalizado, o sintagma sujeito precede o predicado:

(3.69) *g-ojáho na-i-tf*  
(det-mato ind-3-flor)

*no mato há flor, o mato tem flor*

## d) Orações estativas

As orações estativas são constituídas por um sintagma circunstancial demonstrativo e um sintagma nominal:

(3.70) *gíne gw-aa (aqui 2-pousada) é aqui a tua pousada*

(3.71) *mahT gwa-bí (lá 2-terreiro) é lá o teu terreiro*

A ordem desses sintagmas altera-se na topicalização do sintagma sujeito:

(3.72) g-adá gíne

(det-pau aqui)

*o pau está aqui*

(3.73) go-číčáni mahT

(det-algodão lá)

*o algodão está ali*

### 3.2.2. Orações com verbo

As orações com verbo podem ser transitivas, intransitivas ou descritivas, dependendo do verbo que constitui o núcleo do sintagma verbal.

#### a) Orações transitivas

Quando o sujeito e o objeto da oração transitiva se expressam nominalmente, essas orações estruturam-se na ordem verbo, sujeito e objeto, VSO, que é a ordem canônica da estrutura Guatō:

(3.74) ma-e-tá go-ve g-očáǰá

(impf-3-morder det-cachorro det-cobra)

*o cachorro mordeu a cobra*

(3.75) ma-e-tá g-očáǰá go-ve

(impf-3-morder det-cobra det-cachorro)

*a cobra mordeu o cachorro*

Como o verbo Guatō exprime morfologicamente tanto o sujeito como o objeto, estabelece-se concordância entre a forma verbal, seu sujeito e seu objeto. Essa concordância é, em regra, suficientemente redundante para permitir a omissão tanto do sintagma nominal sujeito, quanto do sin-

tagma nominal objeto:

(3.76) ma-ε-tá g-očájá  
 (impf-3-morder det-cobra)  
*a cobra mordeu (ele)*

(3.77) ma-ε-pūni g-átú  
 (impf-3-roubar det-pote)  
*ele roubou o pote*

A omissão do sintagma sujeito ou do sintagma objeto é mais freqüente quando esses são pronomes de primeira ou de segunda pessoa:

(3.78) na-kayé-yo go-dé  
 (ind-chamar-1 det-homem)  
*eu chamei o homem*

(3.79) ma-g<sup>w</sup>a-kayé-yo  
 (impf-2-chamar-1)  
*você me chamou*

(3.80) na-kayé-yo go-dé  
 (ind-chamar-1 det-homem)  
*o homem me chamou*

A topicalização do sujeito é feita antepondo-se o sintagma sujeito ao verbo:

(3.81) na-ε-bagáki go-dé g-óhaĵa  
 (ind-3-bater det-homem det-mulher)  
*o homem bate na mulher*

(3.82) go-dé n-ε-bagáki g-óhaĵa  
 (det-homem ind-3-bater det-mulher).  
*o homem bate na mulher*

(3.83) ma-ε-ro g-épagu g-éki  
 (impf-3-comer det-onça det-coelho)  
*a onça comeu o coelho*

(3.84) g-épagu ma-e-ro g-éki

(det-onça impf-3-comer det-coelho)

*a onça comeu o coelho*

A topicalização do objeto em orações independentes ocorre nas construções de passiva, que trataremos logo adiante.

Hã casos de ambigüidade devido ã ordenação das palavras na oração:

(3.85) n-e-ǰó-gáde i-kʔ g-obe

(ind-3-ver-hab 3-pai det menino)

Esta estrutura tem duas leituras: *ele viu o pai do menino* e *o pai dele viu o menino*. Na primeira interpretação i-kʔ g-obe é um sintagma nominal complexo, do tipo genitivo, exercendo a função de objeto da oração. A função de sujeito, manifesta-se apenas na flexão de terceira pessoa marcada no verbo. Na segunda interpretação i-kʔ é o sujeito, concordando com o marcador flexional do verbo e g-obe é o objeto da oração. Para resolver a ambigüidade o sujeito da primeira interpretação deve ser realizado nominalmente:

(3.86) n-e-ǰó-gáde go-dé i-kʔ g-obe

(ind-3-ver-hab det-homem 3-pai det-menino)

*o homem viu o pai do menino*

A distinção entre verbos transitivos e intransitivos é em geral, clara mesmo a nível lexical.

Consideramos como transitivos os verbos que geralmente têm prefixos ergativos para o sujeito de segunda pessoa e terceira pessoa do singular, enquanto classificamos como intransitivos, aqueles que para essas mesmas pessoas são apresentam sufixos absolutivos. Algumas orações com verbos

intransitivos apresentam um complemento que, à primeira vista, pode ser tomado por objeto direto. Um verbo como *kí pescar*, por exemplo, que em qualquer circunstância flexiona-se como um verbo intransitivo, apresenta-se às vezes como no seguinte exemplo:

- (3.87) na-kí g-óti  
 (ind-pescar det-piranha)  
*ele pesca piranha*

Nesta estrutura a flexão da terceira pessoa do singular do verbo realiza-se pelo morfema  $\phi$ , marcador absolutivo, e o substantivo *góti piranha* são aparentemente ê um objeto. Acreditamos poder interpretá-lo como um sintagma circunstancial sem preposição (v.3.1.3.), através de traduções como: *ele pesca no peixe* ou *ele pesca em relação ao peixe*.

Por outro lado, verbos transitivos podem ocorrer sem objeto nominal expresso, produzindo orações aparentemente intransitivas:

- (3.88) ma-ε-kwé g-etí i-pána g-ákwo  
 (impf-3-puxar det-menino 3-rabo det-macaco)  
*o menino puxava o rabo do macaco*

- (3.89) na-gwa-kwé  
 (ind-2-puxar)  
*você puxa*

Hã temas verbais que servem de base tanto a verbos intransitivos como a verbos transitivos, combinando-se os primeiros com os prefixos absolutivos e estes últimos com os prefixos ergativos.

(3.90) n-óki-he

(ind-beber-2)

*você bebe*

(3.91) na-g<sup>w</sup>-óki g-óki dá

(ind-2-beber det-chicha)

*você bebe chicha*

Os verbos como *dar*, *receber*, *trazer*, etc., são expressos por temas que já incluem o valor semântico do objeto indireto. Eles geralmente se estruturam como verbos transitivos, com um sō objeto (túki *dar a mim*, dóma *dar a você*, dóka *dar a ele*, etc.). Quando o objeto indireto se expressa nominalmente, ele segue o objeto direto:

(3.92) ma-ε-dóka g-óča íčá

(impf-3-dar-lhe det-tijela marido)

*ela deu a tijela ao seu marido*

(3.93) n-ε-dóma g-áki

(ind-3-dar a você det-vara de pescar)

*ele dá a vara de pescar a você*

(3.94) na-g<sup>w</sup>a-túki-gáde g-égʔtí

(ind-2-dar a mim-hab det-peixe)

*você me dava peixe*

O Guatō não apresenta uma estrutura tipicamente passiva, mas uma construção equivalente, em que o objeto direto é topicalizado mediante deslocamento para o início da oração e o verbo é flexionado pelo marcador de terceira pessoa do plural, mesmo sendo singular o sujeito:

(3.95) go-ve na-be-tá g-očájá

(det-cachorro ind-3p-morder det-cobra)

*o cachorro foi mordido pela cobra*

(3.96) g-ódiŋobe na-be-tá g-očájá  
 (det-menininho ind-3p-morder det-cobra)  
*o menininho foi mordido pela cobra*

(3.97) go-fe ma-be-gwáya go-ve  
 (det-roupa impf-3p-rasgar det-cachorro)  
*a roupa foi rasgada pelo cachorro*

Hã uma outra estrutura que também traduz orações na voz passiva:

(3.98) go-nuna go-dé í nuna  
 (det-trabalho det-homem que trabalhar)  
*o trabalho foi feito pelo homem,  
 o trabalho foi o homem que fez*

(3.99) g-óvi í nuna go-dé  
 (det-casa que trabalhar det-homem)  
*a casa foi construída pelo homem,  
 a casa que construiu o homem*

#### b) Orações intransitivas

As orações intransitivas têm como núcleo do sintagma verbal um verbo intransitivo. A estrutura básica dessas orações é VS. O sujeito pode realizar-se nominalmente ou sô através da flexão pessoal:

(3.100) na-kfni g-etí  
 (ind-dormir det-menino)  
*o menino dorme*

(3.101) na-kfni-o  
 (ind-dormir-1)  
*durmo*

Entre os verbos intransitivos hã alguns que têm uma morfologia aparentemente complexa, embora sincronicamente cristalizada. Eles se flexionam apenas em pessoa, não admi

tindo marcadores modais nem aspectuais, têm valor semântico estativo e ocorrem freqüentemente com o sufixo permansivo -ni:

(3.102) gfg<sup>w</sup>okáni go-ta  
 (sentado det-fogo)  
*ele está sentado perto do fogo*

(3.103) kfg<sup>w</sup>ajagani i-óvi i-gí  
 (sentado 3-colo 3-mãe)  
*ele está sentado no colo da sua mãe*

(3.104) žóg<sup>w</sup>ani go-ve  
 (deitado det-cachorro)  
*o cachorro está deitado*

(3.105) kfgóyuni g-ikf  
 (trepado det-papagaio)  
*o papagaio está trepado*

(3.106) jábikfni-o  
 (acocorada-1)  
*estou acocorada*

(3.107) ja-jábikfni  
 (1p-acocorado)  
*nós estamos acocorados*

(3.108) tógani-o  
 (de pē-1)  
*estou de pē*

(3.109) tógani-he  
 (de pē-2)  
*você está em pé*

(3.110) mahT go-dé tógani  
 (aquele det-homem de pē)  
*aquele homem está em pé*

(3.111) kfgwani-o

(deitado-1)

*estou deitado*

Quando o sujeito é topicalizado ele antecede o verbo:

(3.112) tógani mahT go-dé

(estã de pē aquele det-homem)

*aquele homem está em pē*

c) Orações descritivas

As orações descritivas têm um verbo descritivo dimensional ou não dimensional como núcleo do sintagma verbal, predicado da oração. A ordem básica dos elementos é VS:

(3.113) ad-ípégiri go-gárejáyé

(dn-muito preto det-galinha)

*a galinha é bem preta*

(3.114) da-féğiri g-adá

(dd-muito grande det-pau)

*o pau é bem grosso*

(3.115) da-múğiri g-épagu mahT óvi-ru

(dd-muitíssimo det-bicho lã casa-1)

*tem muito bicho lã na minha casa*

(3.116) adi-ópfgiri i-ógwa

(dn-bem vermelho 3-sangue)

*o sangue dele é bem vermelho*

Entre as orações descritivas estão as comparativas, que estabelecem confronto de qualidades e dimensões e têm um complemento comparativo precedido pela palavra

fniradeáka:

(3.117) g-ódíjévf m-ájúni fniradeáka g-ódídé

(det-menininha impf-estar gordo do que det-menininho)

*a menininha era mais gorda do que o menino*

(3.118) g-ódíde ma-toféni íniradeáka g-ódíjévf

(det-menininho impf-ser bem grande do que det-menininha)

*o menino é maior do que a menina*

d) Orações com os verbos *gu* e *mú*

Há ainda orações com o verbo transitivo *gu ter* e com o verbo descritivo dimensional *mú muito*, que requerem um tratamento especial.

O verbo *gu* flexiona-se por prefixos modais mas seu sujeito é somente o de terceira pessoa do singular, representado pelo morfema  $\phi$ .

Ele requer um complemento obrigatório, que tanto pode ser um substantivo como uma oração substantivada.

Quando a oração é independente o substantivo que serve de complemento, tema substantivo ou verbal, flexiona-se por marcadores possessivos ou pelo determinativo *go-*.

(3.119) na-gu i-óví

(ind-ter 3-casa)

*ele tem casa*

*existe a casa dele*

*há a casa dele*

(3.120) na-gu-gáde g-áčfgf

(ind-ter-hab det-cair)

*alguém caiu*

*houve a queda de alguém*

Observe-se que a interpretação que damos a essas orações, é a de orações existenciais.

O complemento de *gu* pode ser ainda um sintagma com valor nocional de oração:

- (3.121) na-gu-gáde haʃi-gʷo g-égʃtʃ  
 (ind-ter-hab 1p-pescar det-peixe)  
*nós pescamos peixe*  
*houve nossa pesca de peixe*
- (3.122) na-gu-gáde gʷa-túki go-ro  
 (ind-ter-hab 2-dar-me det-comida)  
*você me deu comida*  
*houve tua dádiva de comida a mim*
- (3.123) na-gu-gáde e-gʷo g-ótʃ g-óhaʃa  
 (ind-ter-hab 3-pescar det-piranha det-mulher)  
*a mulher pescou a piranha*  
*houve a pesca de piranha da mulher*

Nestes últimos exemplos observa-se que os complementos de gu são sintagmas genitivos.

O verbo mú participa de orações semelhantes às do verbo gu:

- (3.124) da-mú-giri-gáde haʃi-gʷo g-égʃtʃ  
 (dd-muito-intf-hab 1p-pescar det-peixe)  
*nós pescamos muitíssimo peixe*  
*foi muitíssima nossa pesca de peixe*
- (3.125) da-mú-giri-gáde e-gʷo g-ótʃ e-tóraʃt  
 (dd-muito-intf-hab 3-pescar det-piranha 3-filhos)  
*ele pescou muitíssima piranha com os filhos dele*  
*foi muitíssima a pesca de piranha dele com seus filhos*

### 3.2.3. Complementos circunstanciais ...

Os complementos circunstanciais são formados pelos sintagmas circunstanciais que geralmente seguem os demais constituintes da oração, mas que também podem precedê-los:

- (3.126) na-roḡṭti čóḡani  
 (ind-vai comer amanhã)  
*ele vai comer amanhã*
- (3.127) mahṭgiri na-gu g-óte  
 (lã longe ind-ter det-criação)  
*acolã tem criação*

### 3.2.4. Espēcies de orações

As orações podem ser declarativas, interrogativas e imperativas.

#### 3.2.4.1. Orações declarativas

Nas orações declarativas os verbos geralmente são mar cadas pelos prefixos modais na- *indicativo*, véi- *negativo*, kái- *enfático*, da- *descritivo dimensional* e adi- *descritivo não dimensional*; ou por marcadores aspectuais que não se combinam com marcadores modais (v.2.3.2.2.):

- (3.128) n-e-ro g-égṭṭí go-číadá  
 (ind-3-comer det-peixe det-fruta)  
*peixe come fruta*
- (3.129) véi-e-ro g-égṭṭí go-číadá  
 (neg-3-comer det-peixe det-fruta)  
*peixe não come fruta*
- (3.130) kái-ótf-he  
 (enf-falar-2)  
*você fala demais*

- (3.131) da-féǵiri g-adá  
 (dd-bem grande det-pau)  
*o pau é bem grande*
- (3.132) ad-fpéǵiri go-gáreǵayé  
 (dn-bem preto det-galinha)  
*a galinha é bem preta*
- (3.133) bo-kfni-o  
 (inc-dormir-1)  
*comecei a dormir*
- (3.134) f-bfti-o go-ri  
 (obr-vou assar-1 det-carne)  
*tenho que assar carne*
- (3.135) ma-i-óǵwa i-rá e-tóra  
 (impf-3-lavar 3-mão 3-filho)  
*ela lavava as mãos do seu filho*

#### 3.2.4.2. Orações interrogativas

As orações interrogativas são de duas classes: nucleares, que requerem uma resposta fechada; e não nucleares, que requerem uma resposta aberta. As orações nucleares são formadas com sentenças declarativas, afirmativas ou negativas, aplicando-se a elas uma curva de entoação ascendente até o último tom alto do enunciado:

- (3.136) g-ódfǵetǵ na-topú e-ro  
 (det-criancinha ind-muito 3-comer)  
*a criancinha come muito?*
- (3.137) véi-gu gwa-tóra  
 (neg-ter 2-filho)  
*você não tem filhos?*

As orações não nucleares iniciam-se por uma palavra interrogativa que substitui o elemento inquirido da oração declarativa. Como já mencionamos, há palavras interrogativas diferentes para o sistema ergativo e o absolutivo (v.2.4.1.). O verbo, tanto transitivo como intransitivo, apresenta-se em prefixo modal e/ou aspectual:

- (3.138) ma-ε-gũ go-ve  
 (ind-3-matar det-cachorro)  
*ele matou o cachorro*
- (3.139) dĭ gũ-dĭ go-ve  
 (quem matar-aux det-cachorro)  
*quem matou o cachorro?*
- (3.140) g<sup>w</sup>-áóčegĭ-yo  
 (prog-cozinhar-1)  
*estou cozinhando*
- (3.141) dĕhega g-áóčegĭ  
 (quem det-cozinhar)  
*quem cozinha?*
- (3.142) na-g<sup>w</sup>-óki  
 (ind-2-beber)  
*você bebe*
- (3.143) dĕpũ g<sup>w</sup>-óki  
 (quanto 2-beber)  
*quanto você bebe?*

Observe-se que nessas orações ocorrem algumas mudanças estruturais entre a oração declarativa e a interrogativa não nuclear. Elas dependem da palavra interrogativa usada que, às vezes, requer certos condicionamentos.

A palavra dĭ *quem* (ergativa) requer o auxiliar dĭ depois do verbo quando o objeto vem manifestado (v.ex: 3.139).

A partícula interrogativa *déhega quem* (absolutiva) pe de uma estrutura nominalizada (v.ex: 3.141).

### 3.2.4.3. Orações imperativas

As orações imperativas podem ser afirmativas e negativas. As orações imperativas afirmativas são formadas com a prefixação do marcador modal imperativo *o-* ao tema verbal:

(3.144) *o-gũ g-épagu*  
 (imp-matar det-onça)  
*mate a onça!*

(3.145) *o-kfni*  
 (imp-dormir)  
*durma!*

Nas orações imperativas negativas o verbo é flexionado pelo prefixo imperativo negativo *ma-* e pelo sufixo pessoal negativo de segunda pessoa *-re*:

(3.146) *ma-gũ-re g-épagu*  
 (imp neg-matar-2 det-onça)  
*não mate a onça!*

(3.147) *ma-kfni-re*  
 (imp neg-dormir-2)  
*não durma!*

Hã uma estrutura exortiva ou de polidez, que inclui o falante e o ouvinte, em convite para a participar de determinado evento. Essa estrutura é formada com o verbo *kíra vamos*, usado como verbo auxiliar, seguido pelo tema do verbo principal, sem afixos flexionais:

(3.148) *kíra gáhëgigi (vamos fumar) vamos fumar!*

Observe-se que nesta estrutura o imperativo realiza-se

pelo morfema  $\phi$ . Quando *kíra* é usado como verbo principal ele recebe o prefixo modal:

(3.149) o-*kíra* (imp-ir) *vã!*

### 3.3. Períodos

Os períodos podem ser constituídos por uma oração independente, período simples, ou por mais de uma oração, período composto ou complexo.

O período simples já foi tratado quando discutimos as orações (v.3.2.).

O período composto ora é formado por orações independentes justapostas, ora por orações ligadas por partícula conjuntiva.

#### 3.3.1. Períodos com orações justapostas

Na constituição do período, as orações justapostas sem conectivo podem ter sujeitos idênticos ou diferentes.

(3.150) na-*kí*-he g<sup>wa</sup>-g<sup>wo</sup> g-égftí

(ind-pescar-2 2-matar det-peixe)

*you* pesca e mata o peixe

(3.151) óhe n-ák<sup>wó</sup>-he óyo n-[pe-yo

(você ind-branco-2 eu ind-preto-1)

*you* é branca e eu sou preta

Os verbos das orações justapostas podem ser indiferentemente transitivos ou intransitivos:

(3.152) ma-ε-bagáki g-óhaja g-óhaja ma-ε-tojía

(impf-3-bater det-mulher det-mulher impf-3-empurrar)

*ele* batia na mulher e a mulher empurrava ele

- (3.153) m-áčfgʃ g-obe ma-uni g-óhaʃa  
 (impf-cair det-menino impf-chorar det-mulher)  
*o menino caiu e a mulher chorou*
- (3.154) na-kfni g-óhaʃa n-ε-ro go-dé g-égʃtʃ  
 (ind-dormir det-mulher ind-3-comer det-homem det-peixe)  
*a mulher dormiu e o homem comeu o peixe*
- (3.155) n-áčfgʃ g-obe n-ε-bagáki g-óhaʃa g-obe  
 (ind-cair det-menino ind-3-bater det-mulher det-menino)  
*o menino caiu e a mulher bateu nele*
- (3.156) na-kfni-he n-ε-bagáki-he  
 (ind-dormir-2 ind-3-bater-2)  
*voçê estava dormindo e ele bateu em voçê*
- (3.157) n-ε-bagáki-he na-kfni-he  
 (ind-3-bater-2 ind-dormir-2)  
*ele bateu em voçê enquanto voçê dormia*

Hã casos de períodos com orações justapostas em que se observa ora simultaneidade de ocorrência das ações, (v.ex: 3.151, 3.152, 3.156, 3.157), ora seqüencialidade (v.ex: 3.150, 3.153, 3.154, 3.155). Nestes últimos casos, por uma questão pragmática, as orações devem ser justapostas na ordem dos acontecimentos:

- (3.158) na-gʷ-óki go-čétira ma-čiyaʃá-he  
 (ind-2-beber det-remédio impf-ficar bom-2)  
*voçê bebe o remédio e fica bom*  
*se voçê bebesse o remédio voçê ficava bom*
- (3.159) óhe gʷ-óki g-ʃpé óhe na-kfni-he  
 (voçê 2-beber det-café voçê ind-dormir-2)  
*voçê bebe café e dorme?*  
*se voçê beber café voçê dorme?*

## 3.3.2. Períodos com orações ligadas por partícula conjuntiva

Os períodos compostos têm orações ligadas pelas partí-  
culas conjuntivas *da*, *gʷá* e *gá*.

A partícula conjuntiva *da quando*, *para* estabelece uma  
relação temporal ou final entre as orações:

(3.160) *ma-ʃa-dóka go-ro da be-teheyé*  
(impf-1p-dar-lhes det-comida quando 3p-chegando)  
*nós demos comida a eles quando eles estavam chegando*

(3.161) *dári gʷa-dí da gʷa-ro g-fʃe*  
(como 2-fazer para 2-comer det-acuri)  
*como você faz para comer acuri?*  
*como você come acuri?*

(3.162) *na-e-dabóhi i-gí da kʃni*  
(ind-3-abraçar 3-mãe para dormir)  
*ele abraça a mãe dele para dormir*

A partícula conjuntiva *gʷá para* estabelece uma rela-  
ção final ou explicativa entre as orações que combina:

(3.163) *dári gʷa-dí gʷá kí-rehe*  
(como 2-fazer para pescar-2)  
*como você faz para pescar?*  
*como você pesca?*

(3.164) *ma-dekʃjá gʷá rogʃ*  
(impf-3-ir para comer)  
*ele vinha para comer*

(3.165) *na-kirakáyo gʷá kani*  
(ind-estar cansado porque andar)  
*ele está cansado porque andou*

- (3.166) kfgwani-ti-o g-afó gwá kfni-ru  
 (ir deitar-1 det-chão para dormir-1)  
*vou deitar no chão para dormir*

A partícula conjuntiva gá liga principalmente o verbo transitivo *juára saber* ao seu complemento, um sintagma substantivo ou uma oração:

- (3.167) na-gwa-juára gá haréha g-épagu  
 (ind-2-saber nom caçar det-onça)  
*você sabe caçar onça*  
*você sabe sobre caça de onça*
- (3.168) na-juára-yo gá gábogehi go-ta  
 (ind-saber-1 nom acender det-fogo)  
*eu sei acender o fogo*  
*sei sobre o processo de acender fogo*
- (3.169) na-juára-yo gá gǀ  
 (ind-saber-1 nom plantar)  
*eu sei plantar*  
*sei sobre plantação*

Observe-se que os verbos das orações subordinadas nominais não se flexionam. Seus sujeitos são os mesmos do verbo *juára*, nas orações dominantes. O verbo *juára* tem valor semântico referente à habilidade ou conhecimento intrínseco. Assim, a tradução de um enunciado como *eu sei que ela sabe*, onde o primeiro *saber* significa *saber que*, expressar-se-á:

- (3.170) na-dagačí-o n-ε-juára gá áho gw-áká  
 (ind-saber-1 ind-3-saber nom cantar 2-neta)  
*eu sei que tua neta sabe cantar*  
*sei que ela sabe cantar, tua neta*

Nesta estrutura o sujeito de *cantar* é *tua neta*, cuja marca de flexão é *ε-3* marcando o verbo *juára*.

As estruturas com *dári como* requerem uma oração subordinada que as segue, ligada pela partícula *da*, quando o objeto vem expresso através de substantivo ou faz parte de tema verbal composto:

(3.171) *dári gʷa-dí da gʷa-gũ g-épagu*  
 (como 2-fazer para 2-matar det-onça)  
*como você faz para matar onça?*

(3.172) *dári gʷa-dí da ógógɟ-rehe*  
 (como 2-fazer para beber água-2)  
*como você faz para beber água?*

Observe-se que neste último exemplo o verbo *ógógɟ beber água* tem tema composto. O verbo é formalmente um verbo intransitivo, mas semanticamente é um verbo transitivo com complemento expresso. Se a oração subordinada que segue *dári* tiver um verbo intransitivo, ela é marcada pela partícula *gʷá*:

(3.173) *dári gʷa-dí gʷá kí-rehe*  
 (como 2-fazer para pescar-2)  
*como você faz para pescar?*

(3.174) *dári gʷa-dí gʷá kfni-rehe*  
 (como 2-fazer para dormir-2)  
*como você faz para dormir?*  
*como você dorme?*

O emprego dessas partículas conjuntivas revela uma manifestação de ergatividade sintática em Guatô. Podemos sumarizar estas observações sugerindo que a estrutura com *dári* requer uma oração subordinada ergativa, marcada por *da*, se seu objeto estiver expresso, e uma oração subordina

da absoluta, marcada por g<sup>wá</sup>, se não houver objeto.

Resta-nos ainda comentar que o verbo auxiliar dî, que ocorre nas orações interrogativas transitivas, funciona como verbo principal nas interrogativas com dári:

(3.175) dî kayé-dî-yo

(quem chamar-aux-1)

*quem me chamou?*

(3.176) na-g<sup>wa</sup>-jô-dî

(ind-2-ver-ø-aux)

*você o viu?*

(3.177) dári g<sup>wa</sup>-dî g<sup>wá</sup> rogĭ-rehe

(como 2-fazer para comer-2 (vi))

*como você faz para comer?*

*como você come?*

(3.178) dári g<sup>wa</sup>-dî da g<sup>wa</sup>-ro go-jĕru

(como 2-fazer para 2-comer det-milho)

*como você faz para comer milho?*

*como você come milho?*

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se línguas estudadas e reestudadas por muitos pesquisadores e durante muito tempo têm apresentado problemas que ficaram sem solução, até mesmo para analistas que são falantes nativos delas, compreende-se que este estudo sobre o Guatô não possa ser tão abrangente a ponto de dar conta de todos os fenômenos da língua.

Esta análise está longe de ser exaustiva. Ela tentou exaurir o que a limitação dos dados e da pesquisadora permitiram.

Nestas Considerações farei comentários sobre alguns pontos do trabalho e sobre as evidências lingüísticas que possam oferecer subsídios a outras áreas.

Na fonologia deixei para estudos futuros as manifestações fonéticas, segmentais e prosódicas, que demonstraram ser irrelevantes para a gramática da língua.

Quando descrevi a morfologia e demonstrei a complexidade da flexão pessoal dos substantivos, pronomes e diferentes categorias de verbos, não fiz um resumo geral do uso desses afixos. Apresento aqui o esquema desses marcadores para que o jogo flexional possa ser visualizado:

QUADRO 4.1

	POSSESSIVO	PRONOME	SUJEITO DE TRANSITIVO	SUJEITO DE INTR/DESCR	OBJETO
1	a-	-ru	-yo	-yo	-yo
2	g <sup>va</sup> -	-he	g <sup>va</sup> -	-he	-he
3	ε-		ε-	∅	∅
1d	gi-	g-	ga-	ga-	ge-
1p	haʃi-	haʃi-	ʃa-	ʃa-	ʃe-
3p	bi-		bε-	bε-	∅

É oportuno observar que as marcas pronominais se identificam com as verbais, no singular, enquanto que, no plural, elas são paralelas aos marcadores possessivos. Também os marcadores possessivos de segunda pessoa e de terceira do singular são os mesmos marcadores ergativos dos verbos transitivos.

Registrei, ainda, as ocorrências morfológicas do sistema ergativo/absolutivo sem dar um tratamento específico aos verbos transitivos e intransitivos, por um lado, e ao sujeito e agentivo, por outro lado, seguindo o posicionamento assumido por Comrie (1978). Sugeri para o Guatō uma

associação da ergatividade e agentividade, mas não me posicionei definitivamente quanto a essa associação. Entendo que tal posição foge ao âmbito deste trabalho, indo além da documentação da língua. Adio para estudos futuros o delineamento de diferentes graus de maior ou menor agentividade ou subjetividade em Guatō, uma vez que tais estudos necessitarão de um maior contato com informantes nativos, contato que possibilite melhor compreensão da língua. Mas tenho consciência de que a etapa aqui alcançada poderá ser vir de base a outros níveis de análise para interpretações mais refinadas desses conceitos.

O tratamento especial dado às partículas, diferentemente do que foi feito para as outras partes do léxico, teve como objetivo oferecer subsídios aos estudos tipológicos. Como as partículas foram agrupadas por seu comportamento estrutural, e subdivididas por seu comportamento fonológico, esta classe engloba um número variado de palavras que exercem funções sintático-semânticas bastante diversas. Por isso mesmo tentei delinear o comportamento posicional de cada uma das partículas estudadas e estabelecer seu relacionamento com as demais classes de palavras.

Na sintaxe registrei as relações entre as palavras nos sintagmas, entre estes nas orações e entre as unidades oracionais nos períodos, assim como pus em relevo aqueles casos que me pareceram típicos do Guatō.

Alguns dados lingüísticos dão margem a reflexões sobre outros aspectos culturais. Um deles está ligado à forte resistência desta língua à interferência.

Como mencionei, não encontrei índios monolíngües de Guatō. O uso do português está completamente difundido na-

quela área. Apesar desses índios estarem localizados na fronteira da Bolívia, também não encontrei entre eles falantes de espanhol ou de outra língua indígena. A despeito do mosaico lingüístico que ali existe, não foi possível constatar interferências óbvias em Guatō, nem mesmo do português. Nos meus dados hã apenas três palavras que registram tal interferência: /mamãu/ *mamão*, /morimãu/ *limão* e /mavaka/ *gado, vaca*. Estas palavras apresentam uma adaptação morfológica, e /morimãu/, também uma adaptação fonológica.

A cunhagem de palavras para elementos de entrada cultural mais recente, como *cavalo, galinha*, objetos de metal, etc., faz-se descritivamente. A palavra *cavalo*, por exemplo, é formada por analogia a outras palavras já existentes na língua. Veja-se a palavra *jaũ*, por exemplo, que tem os seguintes morfemas: /ma-/ + /óto/ + /égřtí/ (det-aum-peixe), e que quer dizer literalmente *peixe grande*. Similarmente, a palavra *cavalo* estrutura-se: /ma-/ + /óto/ + /épagu/ (det-aum-onça, bicho), que quer dizer *bicho grande* ou *onça grande*.

As palavras que nomeiam os galinãceos têm o morfema /gáre/ em sua composição: /ma-/ + /gáre/ + /ayé/ (det-galinãceo-ave) *galinha*; /ma-/ + /ódí/ + /gáre/ + /ayé/ (det-dim-galinãceo-ave) *pintinho*.

As palavras que se referem a objetos de metal, como *faca, enxada, caldeirão*, são compostas com o morfema /váí/ *metal*: /ma-/ + /čé/ + /váí/ (det-?-metal) *faca*; /ma-/ + /ájje/ + /váí/ (det-?-metal) *enxada*; /ma-/ + /íkf/ + /váí/ (det-panela-metal) *caldeirão*.

Tive a oportunidade de ver Josefina cunhar uma dessas

palavras quando referiu-se a um ônibus chamando-o de *canoa da terra*.

Não encontrei outras interferências a nível fonológico ou sintático facilmente identificáveis. A nível morfológico foi sugerida a possibilidade do empréstimo de uma partícula pluralizadora de segunda pessoa, semelhante a uma encontrada em Kadiwêu (Rodrigues, Palácio, 1979). Os Kadiwêu são o último grupo da família Guaikuru, com quem os Guatô teriam se associado de 1720 a 1778 (Correa Filho, 1922:465).

Se o povo está desestruturado, desanimado, com quase toda a sua organização social aparentemente desfeita, a resistência da língua Guatô às interferências do português, a língua envolvente e socialmente dominante, é um fato surpreendente. Talvez seja exatamente esta resistência um dos fatores que mantêm os Guatô identificados entre si e que conserva ainda viva a língua.

Outras evidências lingüísticas refletem aspectos culturais que podem ser relevantes.

Várias cores têm representações lexicais. As nuances dessas cores nem sempre correspondem às interpretações que delas faço. /nípé/, por exemplo, é a palavra para *preto* e *azul*, que representa tanto a cor do céu, como a de uma galinha preta. O amarelo do milho é /nópí/ que também é a palavra que descreve a cor do urucu.

Tenho ainda registrados nomes para cada um dos dias da semana, nomes para cada um dos dedos, assim como palavras para algumas das relações de parentesco do lado paterno diferentes das do lado materno (v. Anexo 2).

O sistema numeral é bastante intrigante. Este sistema

deve ter sido desenvolvido há muito tempo, uma vez que foi registrado por Castelnau antes de 1851. Que fatores culturais teriam levado os Guatō a desenvolverem um sistema tão elaborado para representar valores numéricos tão altos?

Os dois tipos de verbos descritivos, com marcadores diferentes para descritivos dimensionais e não dimensionais parecem também uma evidência lingüística de que esse povo teria tido, em passado mais remoto, preocupações quantitadoras pouco conhecidas entre os povos indígenas do Brasil.

Schmidt (1922, 1942 a, 1974) refere-se à construção dos "aterrados" Guatō como verdadeiras *obras de engenharia*. O autor descreve os aterros localizados nas margens habitados por esses índios, como altiplanos, construídos artificialmente com areia, conchas, espinhas de peixe, ossos, etc. Esses aterros, acima do nível das cheias, eram transformados em terrenos férteis através de técnica elaborada, para servir a cultivos como o da banana e do acuri. Ali faziam também os seus cemitérios. Ainda hoje eles podem ser vistos nas margens dos rios e lagoas.

Teriam os Guatō noções espaciais associadas a estas manifestações culturais e que se refletiriam na língua?

Tenho a consciência de ter feito levantamento e análise tão minuciosos quanto me foi possível.

Acredito que este registro possa trazer subsídios a outras áreas da Lingüística e a outras ciências.

Para a Lingüística, mais precisamente para o conhecimento das línguas indígenas brasileiras, registro uma língua isolada, não analisada antes, com marcas de ergatividade e grande complexidade morfológica. Uma língua que, ape-

sar da proximidade geográfica com tantas outras, andínas, chaquenhas, e de diferentes grupos lingüísticos brasileiros, aparentemente soube preservar-se sem se deixar influenciar. Com esta documentação creio ter atingido o objetivo imediato deste trabalho.

Se os dados registrados vierem a contribuir de alguma forma com esta e outras áreas da LÍngüística ou com outra ciência, o objetivo mediato também terá sido alcançado.

E se esta tese servir para evidenciar que o povo Guató existe, terá válido a pena fazê-la, e a leitura do artigo feita em 1967 não terá sido vã.

Os erros de qualquer natureza aqui encontrados, reinvidico-os todos para mim, que os criei, e portanto faço jus a eles.

Os textos selecionados para ilustrar a língua Guatō foram assim divididos: registro de discurso tenso, registro de pequenos discursos distensos e narrativa.

Chamo o primeiro registro de tenso porque a informante levantou-se anunciando que queria falar, pigarreou, ajeitou o vestido e o cabelo, cruzou as mãos e disse:

1. o-gũ go-jó  
(imp-apressar det-senhor)  
*apure-se senhor*
2. o-hôuárugo gwa-féjfi  
(imp-escrever 2-papel)  
*escreve no teu papel*
3. o-juára ótf-ru  
(imp-aprender língua-1)  
*aprende minha língua*
4. go-čéuvfi i-ótf  
(det-povo 3-língua)  
*a língua do meu povo*
5. ma-tá-dekfajá-yo  
(impf-des-ir embora-1)  
*queria ir embora*
6. na-tá-haregani e-tórajt ákájt digt  
(ind-des-cuidar 3-filhos netos agora)  
*quero cuidar dos filhos dele (filhos do meu filho)  
dos netos, agora*

7. na-tšjigŋ-nŋ-o  
 (ind-sentir saudades-também-1)  
*também tenho saudades*
8. ŋ kŋni-o g-áfi  
 (excl dormir-1 det-noite)  
*pouco durmo de noite*
9. g<sup>w</sup>a-tšjigŋ-yo go-káŋídiá  
 (prog-sentir saudades-1 det-crianças)  
*estou sentido saudades delas, as crianças*

O segundo registro consta de três pequenos recados que a informante mandou para pessoas amigas:

1. o-rigáti go-ŋšgáre kái-tšjigŋ-yo  
 (imp-falar det-professor insts-sentir saudades-1)  
*fala para o professor que eu estou com muitas saudades*
2. tšjigŋ-yo i-otigáre e-tšraŋŋ  
 (sentir saudades-1 3-esposa 3-filhos)  
*tenho saudades da esposa e dos filhos dele*
3. óyo toviŋŋ-yo gŋne  
 (eu muito bem-1 aqui)  
*eu estou muito bem aqui*
1. o-rigáti go-ŋšgáremã  
 (imp-falar det-professorinha)  
*fala para a professorinha*
2. mahŋ g-óto-čáyuvŋ  
 (lã det-aum-cidade)  
*lã na cidade grande*

3. g-áčó ani torigŕ-yo yóka  
 (det-dia que olho-1 lado)  
*que todo dia eu olho para aquele lado*
4. gʷá-haregŕ-yo véi-ŷó-ru  
 (prog-procurar-1 neg-ver-1)  
*fico procurando e não vejo ela*
5. gʷá-tšŷigŕ-yo  
 (prog-sentir saudades-1)  
*estou com saudades dela*
1. tšŷigŕ-yo g-évf e-tóra o-riǵáti  
 (sentir saudades-1 det-mulher 3-filha imp-falar)  
*eu sinto saudades da velha senhora e da filha dela  
 fala pra elas*
2. a-tšŷigŕ-ní-o go-káŷídiá e-tóraŷT  
 (1-lembrar-também-1 det-crianças 3-filhos)  
*eu também me lembro das crianças, as filhas dela*

O terceiro registro é a narrativa do início de um tex  
 to mítico:

1. g-óhaŷa ma-číáǵaf  
 (det mulher det-arara vermelha)  
*a mulher era uma arara vermelha*
2. go-dé m-ápo  
 (det-homem det-morcego)  
*o marido era morcego*
3. g-óhaŷa n-íadé  
 (det-mulher ind-grávida)  
*a mulher estava grávida*

4. m-og<sup>w</sup>átáro táro táro go-čfadá  
 (impf-desejo de comer comer comer det-fruta)  
*ela estava de desejo de comer... fruta*
5. ma-ε-régi ičá  
 (impf-3-falar marido)  
*ela falou para o marido*
6. kíra gá háhe go-čfadá  
 (vamos nom procurar det-fruta)  
*vamos procurar fruta*
7. iča ma-ε-tobf  
 (marido impf-3-ir com)  
*ela foi com o marido...*
8. ma-be-kerábe go-čfadá  
 (impf-3p-caçar det-fruta)  
*eles foram procurar fruta*
9. be-gímaε go-dó  
 (3p-achar det-figueira)  
*acharam uma figueira*
10. da-mũ-giri i-ǰé iráti  
 (dd-muito-ints 3-fruta maduro)  
*tinha bastante fruta madura*
11. ...

Este vocabulário visa ampliar o número dos temas lexicais encontrados nos exemplos. Os números romanos referem-se às subdivisões dos substantivos. Os temas substantivos antecidos por (\*) flexionam-se pelo prefixo *ε-* na terceira pessoa do singular. Os temas substantivos precedidos por (\*\*) flexionam-se pelo prefixo *nu-*.

*aa* vi *passar a noite, pousar*

*ábahi* dn *redondo*

*abo* s II *pé*

*ábó* s I *juriti*

*adá* s I *pau, árvore*

*ádá* s I *jararacuçu*

*ádéjũ* vi *subir*

*áē* s I *biguã*

*áfi* s I *noite*

*afó* s I *terra, chão*

*ágátfá* s III *arco*

*agf* dn *grosso*

*áhí* s I *espaço*

*áho* vi *cantar*

*áho* vt *caçar*

*ájevái* s III *enxada*

*ájũ* dn *gordo*

*áká* s II *neto*

*ákí* s III *anzol*

*áki* s I *arraia*

- áki s I *carcarã*  
 ákř s III *remo*  
 akřgí vi *vir*  
 akú s I *pedra*  
 akuja s I *dourado (peixe)*  
 ákwari vi *brilhar*  
 ákwo s I *macaco*  
 ákwó dn *branco*  
 ámã vt *carregar*  
 ánunigř vi *trabalhar*  
 áočegř vi *cozinhar*  
 aovi s I *caminho, estrada*  
 ápáge dn *afiado*  
 ápáyevái s III *tezoura*  
 apř s I *pintado (peixe)*  
 áréje s I *esquilo*  
 áróča s I *gato*  
 átahá s I *arara azul*  
 \*\* átai s I *raio*  
 átú s III *pote*  
 ačá s I *areia*  
 ačanř vt *descascar*  
 áčé vi *molhar-se*  
 áčřgř vi *cair*  
 áčo s I *dia*  
 áčóni s I *hoje*  
 áčũ dn *fundo*  
 ávř dn *pequeno*  
 ayé s I *ave*  
 áyékrř vi *deitar-se*

ba dn *chato*  
 bagáki vt *bater*  
 bápa s I *pai (vocativo)*  
 běhě s III *açucar*  
 bí s I *terreiro*  
 bĕ vt *assar*  
 bf s I *estrela*  
 bĭnĕgĭ dn *novo*  
 bogehi vi *queimar*  
 botĕgĕ dn *jovem*  
 bo s I *galho*  
 bŏ s I *fumo*  
 bū vi *fugir*  
 dabŏhi vt *abraçar*  
 dáboni dn *no colo*  
 dágačĭ vt *ter conhecimento*  
 dáki s III *vara de pescar*  
 dé s II *tronco*  
 dĕ s I *homem*  
 dĕičĭga dn *resfriado*  
 dekĭajá vi *ir*  
 dekĭjá vi *vir*  
 dĕni dn *vivo*  
 díkĭni vi *cochilar*  
 dĕ s I *adivinho da água*  
 dobe vi *rolar*  
 dŏhi vt *segurar*  
 dóka vt *dar-lhe*  
 dóki vt *trazer*  
 dóma vt *dar a você*

- dóro s III *tempero*  
 dúníhi s II *irmão*  
 ebó s II *calcancar*  
 égttí s I *peixe*  
 émê s I *mãe (vocativo)*  
 épí s I *tatu*  
 etí s I *criança*  
 edé s I *macho*  
 ediave s I *veado*  
 edũjapérá s II *úvula*  
 éčagf vi *gritar*  
 éki s I *coelho*  
 épagu s I *onça, bicho*  
 évf s I *mulher*  
 fã dn *direito, correto*  
 \* féga s II *lábios*  
 fe s II *pele*  
 fe s III *roupa*  
 fé dd *grande*  
 féahí dd *largo*  
 fédíča vi *acordar*  
 ff vi *nadar*  
 fó s II *poeira*  
 fóratá s I *cinzas*  
 fú vi *banhar-se*  
 gáho vt *tocar*  
 gápáya vt *achatar*  
 garejáyé s I *galinha*  
 garíha vt *descamar*  
 gárř vi *sentar-se*

- gáča vi *dançar*  
 gí s II *mãe*  
 gíkiĵa vi *gostar*  
 gíríki vi *vir*  
 gġ s I *banha*  
 gġ s I *água*  
 gġ s I *planta*  
 gġ vt *plantar*  
 gġfavaká s I *leite (vaca)*  
 góŋú vt *banhar*  
 góhe vt *fritar*  
 gu vt *ter*  
 gū vt *matar*  
 gúhi vt *segurar*  
 gwadá s III *colher de pau*  
 gwájá s II *banana*  
 gwájékä s II *melancia*  
 gwákġ s I *deus*  
 gwatóre s I *mar*  
 gwačaya s III *machado*  
 gwáya vt *rasgar*  
 gwě vi *soprar*  
 gweda s II *cana*  
 gwéĵi s II *bocaiúva*  
 gwéčá dd *alto*  
 gwé s II *gole*  
 gweraĵa dn *seco, vazio*  
 gwo vt *pescar, matar (peixe)*  
 gwó s II *canoa*  
 gwókwari vt *ferir*

- friri vi *sujar-se*  
 ftagi dn *fino*  
 ftahi dn *leve*  
 ftavi dn *pesado*  
 fte s II *abóbora*  
 ftf s I *cervo*  
 itiú s I *sapo*  
 ftivi dn *bom, bonito, alegre*  
 itó s I *cotia*  
 \*\* fto s I *relâmpago*  
 íčá s II *marido*  
 íčeǰékǰ s III *cuia*  
 ičéčǰgaǰayé s I *peru*  
 † s I *anta*  
 idá s I *vírgem*  
 jáke vi *quebrar-se (coisa comprida)*  
 jé s II *fruta*  
 jékǰ s I *rio*  
 jěčaru s III *mesa*  
 jéru s II *milho*  
 jéo s II *boca*  
 jó vt *ver*  
 jś s I *rei, governador, grande senhor, capitão*  
 jśǰeǰerodayo s I *sargento*  
 jú s III *sagaia*  
 juára vt *saber, aprender*  
 juári vt *conhecer*  
 ká s I *mosquito*  
 ká vi *voar*  
 kádai dn *reto*

- kãh† vi *nadar*  
 kãjidiã s I *crianças*  
 kana vt *abanar*  
 kãna s I *mutũ*  
 kãni vi *andar*  
 kayé vt *chamar*  
 k† dd *comprido*  
 k† vi *pescar*  
 k†ra vi *ir*  
 kiro s II *cuspe*  
 ki s I *capivara*  
 ki vi *sentir-se*  
 k† s II *ovo*  
 k† s II *pena, cabelo*  
 k† vt *cortar*  
 k† s II *pai*  
 k†gwa vi *deitar-se*  
 k†ni vi *dormir*  
 \* kogo s I *coraçãõ*  
 kú vi *defecar*  
 kú s II *folha*  
 kũ vt *ouvir*  
 \* kũ s I *ninho*  
 kũ s II *avõ*  
 kwã s II *dente*  
 kwãhogũ vi *rir*  
 kwavi s II *bochecha*  
 kwé vt *puxar*  
 kwé s II *tia (materna)*  
 kw† s II *tia (paterna)*

kwó s III *machado*  
 kwótobada s I *diabo*  
 ma s I *mandioca*  
 mãu s II *mamão*  
 mú (alomorfe pũ) dd *muito*  
 nama s I *feiticeiro*  
 nũ vt *levar, carregar*  
 nũka vt *trazer (para ele)*  
 nũkí vt *trazer para cá*  
 nuna vt *fazer, fabricar, trabalhar*  
 obe s I *menino*  
 óbi s II *orgão sexual feminino*  
 ódá s III *cesta, balão*  
 ódígwébó s I *marreco*  
 ódíjépagu s I *formiga*  
 odítabaóyá s III *janela*  
 ódogwófá s II *mamilo*  
 ófá s II *seio*  
 ófá dn *magro*  
 ofe s I *vento*  
 óféhi vt *beijar, chupar*  
 óff s I *carandá*  
 ogá s I *baguari*  
 ogf s I *fumaça*  
 óg† vt *cavar*  
 ógóg† vi *beber água*  
 ógú s I *urubu*  
 ogúta s II *quádris*  
 ógwa s II *sangue*  
 ógwa vt *lavar*

ogwákwa s I *pacu*  
 óhaĵa s I, II *mulher*  
 ohegáre s III *fazenda*  
 oĵágŕ s I *capim*  
 óĵagwápó s II *ombro*  
 oĵáho s I *mato*  
 óka s II *batata*  
 okáni vi *sentar*  
 óki vt *beber*  
 okfjéru s III *aluá*  
 ókoro vt *coçar*  
 óku s I *porco*  
 ókú s II *osso*  
 ókúĵaú s II *espinha (dorsal)*  
 ókúvi s II *canela (perna)*  
 ókwari vi *ferir-se*  
 ókwé s I *bugio*  
 ókwede dn *feio*  
 okwí s I *lenha*  
 okwíátaí s I *núvem*  
 ókwopečiadá s II *manga (fruta)*  
 opá s I *pacupeba*  
 opa s II *semente*  
 ópa s I *mão esquerda*  
 ópa vi *deitar-se*  
 opačfróka s II *feijão*  
 ópí dn *vermelho*  
 ópina s I *lua, mês*  
 ópíváí s III *agulha*  
 órékí s I *lagoa*

haĵáho s I *quati*  
 hápore vt *ajudar*  
 haregani vt *cuidar*  
 háre vt *olhar, procurar*  
 haregĵjeo s I *chefe*  
 haréha vt *caçar*  
 haríka vt *buscar, apanhar*  
 he vi *morar*  
 hēgigi vi *fumegar*  
 héka dn *ligeiro*  
 he vi *ferver*  
 hiĵaĵĵ vt *brigar com*  
 hi s I *tuiuiu*  
 hógāhē dn *pensar (bem)*  
 íbó s I *pato*  
 idá s I *moça, jovem*  
 ifébi s II *nādegas*  
 íhovĵ dn *cheirar*  
 íje s I *acuri*  
 íkíro vi *triste, brabo*  
 ikĵ s I *papagaio*  
 ikĵ s III *esteira, cama*  
 íkf s III *panela*  
 íkfvái s III *caldeirão*  
 íkĵpinu s III *panela de barro*  
 ikú s I *jacaré*  
 íkwé vi *correr*  
 ípé dn *preto*  
 ípé s III *café*  
 irigĵ vi *alegre*

orimãu s II *limão*  
 otágwa vi *ter medo*  
 otágwaga vt *ter medo de*  
 otigáre s II *patroa, esposa*  
 ót† vi *falar*  
 ót† s II *língua, idioma*  
 ót† s I *piranha*  
 ótogobo s II *dedo grande do pé*  
 ótogoče s III *zarabatana*  
 ótojayé s I *gavião*  
 ótojég†† s I *jaú*  
 ótorek† s I *mar*  
 očá s I *pacupeba vermelho*  
 očábe s I *andorinha*  
 očádábo s II *dedos do pé*  
 očádárá s II *dedos da mão*  
 očájá s I *cobra*  
 očé s II *algodão*  
 óče dn *molhado*  
 óči vt *pentear*  
 óva vi *ir*  
 óvi s II *coxa, perna*  
 óv† s II *casa*  
 óyá s III *porta*  
 óye s II *criação*  
 ódáda s I *aguapé*  
 ódokw† s II *cabeça*  
 ókfjáú s II *costas*  
 pá dn *doer*  
 pagu s I *piolho*

- pǎkf s II *orgão sexual masculino*  
 pana s III *rede*  
 pána s II *rabo*  
 papokf s III *arco*  
 páyá vi *quebrar-se (coisas redondas)*  
 pehime vi *pendurar-se*  
 pého dn *cheio*  
 pera s II *garganta*  
 pé s II *fígado*  
 piná vi *urinar*  
 pinu s I *barro*  
 pf dn *calor, quente*  
 po s I *porco*  
 pō vi *acender-se, queimar*  
 \* pō s II *braço*  
 po s II *barriga*  
 pogf s I *córrego*  
 poya vt *abrir*  
 poye vt *fechar*  
 pũ dd *muito (v.mũ)*  
 púni vt *roubar*  
 rá s II *mão, dedo*  
 rádagwáčé s III *lança*  
 ragfki vt *cortar*  
 rákf dn *inchado*  
 rákwá dn *frio*  
 rápe s II *estômago*  
 rápera vi *apagar-se*  
 rápo s I *morro, monte*  
 rápohu dn *verde*

ráčeĵá vi *ir embora*  
 ráčo dn *amarelo*  
 régi vt *contar, narrar*  
 regĵ vt *parir*  
 re s II *olho*  
 rĵ s III *coisa*  
 ri s I *carne*  
 ro vt *comer*  
 ro s II *comida*  
 rogĵ vi *comer*  
 róvi s II *batata da perna*  
 róga s II *joelho*  
 ropa s II *cotovelo*  
 ta s I *fogo*  
 tá s II *chifre*  
 tá vt *morder*  
 tága s II *nariz, bico*  
 tágebó s II *tornozelo*  
 tágogā vi *brincar*  
 tahĕgigi s III *cigarro*  
 tai s II *idade, ano*  
 tana s II *raiz*  
 tari s I *trouvão*  
 tãri vt *querer*  
 táya vt *quebrar (coisa redonda)*  
 te s II *unha*  
 tega vi *ir*  
 tégi s III *cachimbo*  
 tehe vi *chegar, vir*  
 té s II *tio*

- tf s I *farinha*  
 tf vt *falar*  
 tf s II *flor*  
 tfg<sup>w</sup>i dn *careca*  
 tfvf s I *pacu*  
 to s II *pescoço*  
 tobo dn *curto, pequeno*  
 tódari s I *rapaz*  
 tog<sup>w</sup>éji s II *coco*  
 tojépagu s I *cavalo*  
 tojikana s I *jacu*  
 tori s II *rosto, cara*  
 tove s II *avô*  
 tojǎá vt *empurar*  
 tóra s II *filho*  
 túigf s I *velho*  
 túki vt *dar-me*  
 túmu s II *umbigo*  
 \*\* čá s I *céu*  
 čá s II *intestinos*  
 čadeá vi *caçar*  
 čája s II *língua*  
 čajag<sup>w</sup>á dn *gostar*  
 čára dn *seco, desidratado*  
 čárá s II *pálma da mão*  
 čáto s III *corda*  
 čávi s II *ouvido*  
 čaya vt *rachar*  
 če s II *asa*  
 čé s III *flecha*

čěuvf s I *povo*  
 čě dn *estragado, podre*  
 čěkřna s III *abano*  
 čěvái s III *faca*  
 čřadá s II *fruta*  
 čšgá vi *morrer*  
 čšgákí vi *estar com fome*  
 úbíga dn *afilado*  
 uní vi *chorar*  
 úpinu s II *anus*  
 učága s I *arara amarela*  
 úve s I *sol*  
 vaká s I *gado, vaca*  
 ve s I *cachorro*  
 vé vt *amar*  
 ve s I *chuva*  
 ve vi *chover*  
 ve s III *sal*  
 ví s II *orelha*  
 vira vi *queimar-se*  
 yé s I *mosca*  
 yěkř vi *deitar-se*  
 yofájahojá s II *lombriga*

Nomes dos dedos:

obigwará-ru *meu dedo indicador*  
 ogwakérá-ru *meu dedo médio*  
 yokokwayo kūyorá-ru *meu dedo anular*  
 okūyorá-ru *meu dedo mínimo*

ótogorá-ru *meu dedo polegar*

Dias da semana:

nɔdʷedéčó *domingo*

nítouéáyá gáčó *segunda-feira*

dúniyá gáčó gitauéá *terça-feira*

čúmyyá gáčó gitauéá *quarta-feira*

rékaiyá gáčó gitauéá *quinta-feira*

tóheráyá gáčó gitauéá *sexta-feira*

mitohu *sábado*

## ANEXO 3

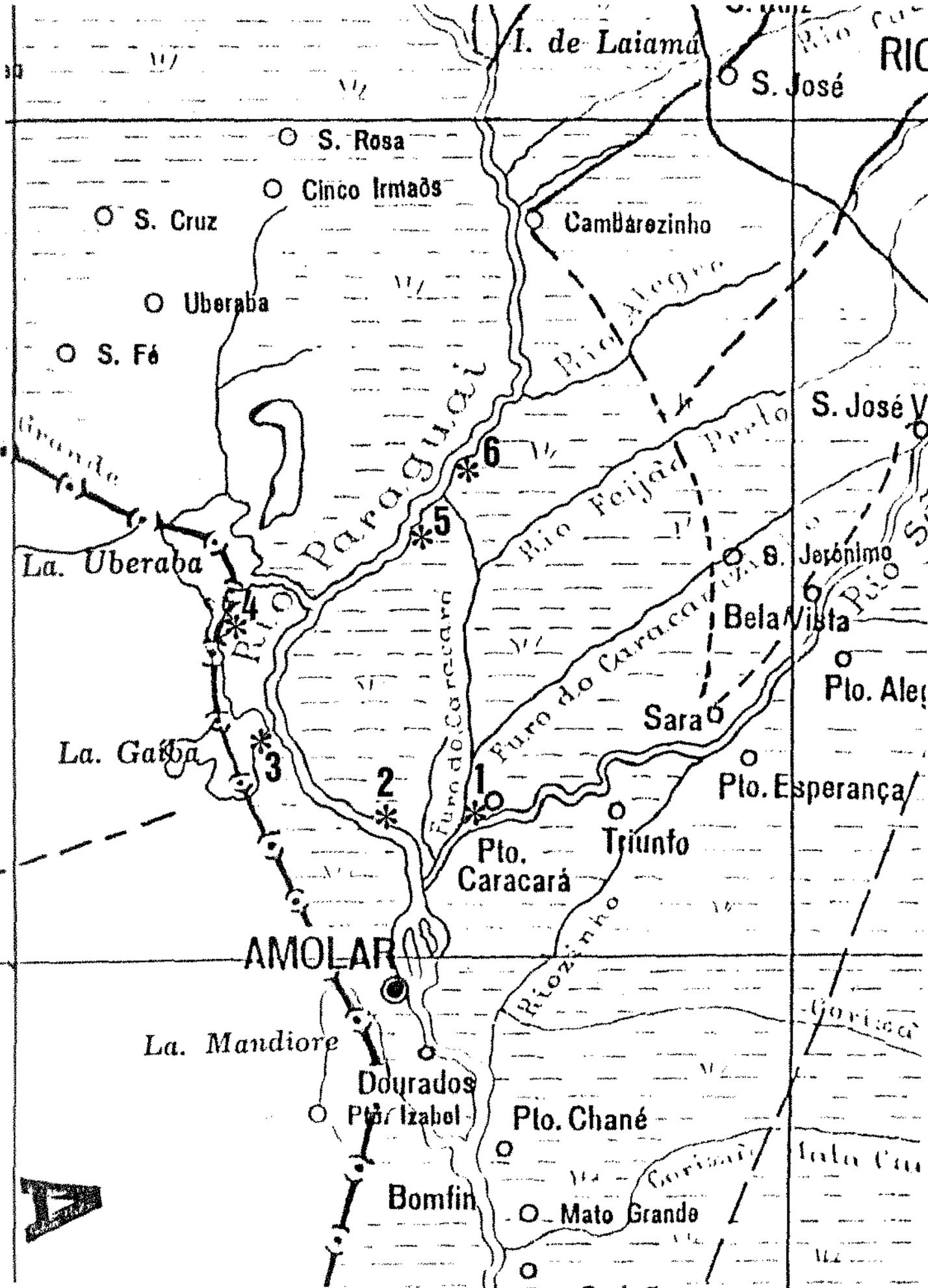
## Números

1	čéne	6	čéne kaéka i-rá
2	dúni	7	dúni kaéka i-rá
3	čúmu	8	čúmu kaéka i-rá
4	rékai	9	rékai kaéka i-rá
5	tóherá	10	kí'nu i-rá
11	čéne i-bo	16	čéne dečúa
12	dúni i-bo	17	dúni dečúa
13	čúmu i-bo	18	čúmu dečúa
14	rékai i-bo	19	rékai dečúa
15	káv'ɓo	20	káv'ɓo
21	káv'ɓo čéneyá		
22	káv'ɓo dúniyá		
23	káv'ɓo čúmuyá		
24	káv'ɓo rékaiyá		
25	káv'ɓo tóheráyá		
26	káv'ɓo čéneyá kaéka i-rá		
27	káv'ɓo dúniyá kaéka i-rá		
28	káv'ɓo čúmuyá kaéka i-rá		
29	káv'ɓo rékaiyá kaéka i-rá		
30	káv'ɓo kí'jerá		
31	káv'ɓo kí'jerá čéneyá		
32	káv'ɓo kí'jerá dúniyá		
33	káv'ɓo kí'jerá čúmuyá		
34	káv'ɓo kí'jerá rékaiyá		
35	káv'ɓo kí'jerá tóheráyá		

- 36 kwávTbo kíjjerá čéneyá kaéka i-rá  
 37 kwávTbo kíjjerá dúniyá kaéka i-rá  
 38 kwávTbo kíjjerá čúmuyá kaéka i-rá  
 39 kwávTbo kíjjerá rékaiyá kaéka i-rá  
 40 dúni kedakwá i-bo
- 41 dúni kedakwá i-bo čéneyá  
 42 dúni kedakwá i-bo dúniyá  
 43 dúni kedakwá i-bo čúmuyá  
 44 dúni kedakwá i-bo rékaiyá  
 45 dúni kedakwá i-bo tóheráyá  
 46 dúni kedakwá i-bo čéneyá kaéka i-rá  
 47 dúni kedakwá i-bo dúniyá kaéka i-rá  
 48 dúni kedakwá i-bo čúmuyá kaéka i-rá  
 49 dúni kedakwá i-bo rékaiyá kaéka i-rá  
 50 díčerokwá
- 51 díčerokwá čéneyá  
 52 díčerokwá dúniyá  
 53 díčerokwá čúmuyá  
 54 díčerokwá rékaiyá  
 55 díčerokwá tóheráyá  
 56 díčerokwá čéneyá kaéka i-rá  
 57 díčerokwá dúniyá kaéka i-rá  
 58 díčerokwá čúmuyá kaéka i-rá  
 59 díčerokwá rékaiyá kaéka i-rá
- 100 čéne gwátehe  
 200 dúni gwátehe  
 300 čúmu gwátehe

400 rékai gʷátehe  
500 tóherá gʷátehe  
600 čéne kaéka i-rá gʷátehe  
700 dúni kaéka i-rá gʷátehe  
800 čúmu kaéka i-rá gʷátehe  
900 rékai kaéka i-rá gʷátehe  
1000 kǐnu i-rá gʷátehe

(?) 10.000 čéne gʷátehe édé



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bloch, Bernard e George L. Trager. 1942. *Outline of Linguistic Analysis*. Baltimore: Linguistic Society of America (Special Publications).
- Cabeza de Vaca, Alvar Núñez. 1955. *Comentarios*. Valladolid. (Referência em Herbert Baldus. 1954. *Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira*. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo).
- Câmara, J. Mattoso, Jr. 1959. *Princípios de Linguística Geral*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- Castelnau, Francis de. 1851. *Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud, de Rio de Janeiro à Lima, et de Lima au Para. Histoire du voyage*. 6 vol. Paris.
- 1949. *Expedição às Regiões Centrais e da América do Sul*. Tradução: O.M. de O. Pinto. 6 vol., São Paulo: Cia. Ed. Nacional.
- Comrie, Bernard. 1978. "Ergativity". Em Lehmann 1978 8: 329-394.
- 1979. "Degrees of Ergativity: Some Chukchee evidence". Em Plank (ed) 1979:219-240.
- 1981. *Language Universals and Linguistic Typology: Syntax and Morphology*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Correa, Virgílio, Filho. 1922. *Matto Grosso*. Rio de Janeiro: Typo. Jornal do Comércio.
- Dixon, R. M. W. 1979. "Ergativity", *Language*, vol. 55. 1: 59-138.

- Florence, Hercules. 1875. "Esboço da viagem feita pelo Sr. de Langsdorff no interior do Brasil, desde setembro de 1825 até março de 1829" *Revista Trimestral do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*, vol. 38: 337-469 e 231-301; vol. 39 (1876): 157-182.
- Garde, Paul. 1968. *L'Accent*. 1ª ed. vol. 5. Le Linguiste. Paris: Presses Universitaires de France.
- Greenberg, Joseph H. (ed). 1966a. *Universals of Language*. 2ª ed. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- 1966b. "Some universals of Grammar with particular reference to the order of meaningful elements." Em Greenberg (ed) 1966a. 73-113.
- Gudschinsky, Sarah C. 1967. *How to Learn an Unwritten Language*. N. York: Holt, Rinehart and Winston.
- Hoijer, Harry e outros. 1946. *Linguistic Structures of Native America*. Cornelius Osgood (ed). Viking Fund Publications in Anthropology, 6. N. York: The Viking Fund, Inc.
- Jakobson, Roman, C. Gunnar M. Fant e Morris Halle. 1973. *Preliminaries to speech analysis: The distinctive features and their correlates*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- Jakobson, Roman e Morris Halle. 1975. *Fundamentals of Language*. 2ª ed. The Hague: Mouton.
- Lehmann, Winfred P. (ed). 1978. *Syntactic Typology: Studies in the phenomenology of language*. Austin: University of Texas Press.
- Martinet, Andre. 1970. *Elementos de Lingüística Geral*. 2ª ed. portuguesa. Lisboa: Livraria Sã da Costa Ed. 89-90.

- 1979. "Shunting on to Ergative or Accusative." Em Plank (ed) 1979: 39-43.
- Martius, Carl Friedrich Phil. von. 1867. *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerikas zumal Brasiliens*. vol. 2. Leipzig.
- Metraux, Alfred. 1942. *The Native Tribes of Eastern Bolivia and Western Matto Grosso*. Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology, Bulletin 134. Washington: United States Government Printing Office.
- 1946. "The Guatō." *Handbook of South American Indians*, Julian Steward (ed), Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology, Bulletin 134. Washington: United States Government Printing Office. vol. 1: 409-418.
- Moutinho, Joaquim Ferreira. 1869. *Notícia sobre a Província de Mato Grosso*. São Paulo: Typographia Henrique Schroeder.
- Nida, Eugene. 1949. *Morphology: The descriptive analysis of words*. 2<sup>o</sup> ed. Ann Arbor: The University of Michigan Press.
- Pike, Kenneth L. 1948. *Tone Languages*. Ann Arbor: The University of Michigan Press.
- Plank, Frans (ed). 1979. *Ergativity: towards a theory of grammatical relations*. London: Academic Press.
- Rodrigues, Aryon D. 1966. "Tarefas da Lingüística no Brasil." *Estudos Lingüísticos*. vol. 1 1:4-15.
- 1970. "Línguas Ameríndias". Em *Grande Enciclopédia Delta Larouse*. Rio de Janeiro: Editôra Delta.

Rodrigues, Aryon D. e Adair P. Palácio. 1979. "Marcador de plural em Kadiwêu e Guatō". Comunicação não publicada apresentada na 18ª Reunião do Grupo de Estudos Linguísticos de São Paulo.

Rondon, Frederico. 1938. *Na Rondônia Ocidental*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional.

Samarin, William J. 1967. *Field Linguistics: a guide to linguistic field work*. N. York: Holt, Rinehart and Winston.

Schmidt, Max. 1905. *Indianerstudien in Zentralbrasilien. Erlebnisse und ethnologische Ergebnisse einer Reise in den Jahren 1900-1901*. Berlin.

----- 1912. "Reisen in Matto Grosso im Jahre 1910". *Zeitschrift für Ethnologie*. Berlin. vol. 44 : 130-174.

----- 1914. "Die Guatō und ihr Gebiet: Ethnologische und archäologische Ergebnisse der Expedition zum Caracara - Fluss im Matto-Grosso". *Baessler Archiv*. Berlin. 4: 251-283.

----- 1922. "Die Anfänge der Boden-Kultur in Südamerika". *Zeitschrift für Ethnologie*. Berlin. 54: 113-122.

----- 1929. "Ergebnisse meiner zweijährigen Forschungsreise in Matto-Grosso. September 1926 bis August 1928". *Zeitschrift für Ethnologie*. Berlin. 60: 85-124.

----- 1942. a) *Estudos de Etnologia Brasileira*. Tradução: Catarina Baratz Cannabrava. Brasiliana, Gr. Formato, v. 2. São Paulo: Cia. Ed. Nacional.

- 1942. b) "Resultados de mi tercera expedición a los Guatós efectuada en el año de 1928". *Revista de la Sociedad Científica del Paraguay*. Asunción. vol. 5. 6: 41-75.
- 1974. "Comments on Cultivated Plants and Agricultural methods of South American Indians". Em *Native South Americans*. Patricia J. Lyon (ed). Boston, Toronto: Little, Brown and Company.
- Setor Lingüístico do Museu Nacional. 1965. *Publicações Avulsas*. 49: 32-36.
- Wilson, James. 1959. "Guatō Word List." Arquivo de Línguas do Summer Institute of Linguistics, Brasília. (Dados não publicados).